

A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo

Série **Fundo do Milênio para a Primeira Infância**
Cadernos Pedagógicos – volume 2

Brasília, janeiro de 2005

Edições UNESCO

Conselho Editorial da UNESCO no Brasil

Jorge Werthein
Cecília Braslavsky
Juan Carlos Tedesco
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Educação

Alvana Bof
Candido Gomes
Célio da Cunha
Katherine Grigsby
Marilza Machado Regattieri



Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, do Banco Mundial e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, nem comprometem as Organizações. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, nem tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

A Criança Descobrindo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo

Série **Fundo do Milênio para a Primeira Infância**
Cadernos Pedagógicos – volume 2



Organização: OMEP

Organização: Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar – OMEP, Brasil

Coordenação: Maria Helena Lopes

Elaboração:

Cleonice de Carvalho Silva, Dulce Cornetet dos Santos, Elizabeth Amarin,
Janice Oliveira, Maria Helena Lopes, Marise Campos, Renato Ferreira Machado

Colaboração: Maria da Graça Souza Horn, Vital Didonet

Revisão Técnica:

UNESCO (Alessandra Schneider),
Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (Alceu Terra Nascimento,
Jéferson dos Santos, Márcio Mostardeiro)

Revisão: Ana Maria Marschall, Marise Campos

Capa:

Edson Fogaça

Fotografia da Capa:

Mila Petrillo - Projeto AXÉ

Projeto Gráfico e Edição de Arte:

Estúdio ADULTOS e CRIANÇAS CRIATIVAS



© UNESCO, 2005

BR/2005/PI/H/3

A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo
sobre o Mundo. – Brasília: UNESCO, Banco Mundial,
Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005.
136 p. – (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância
Cadernos Pedagógicos; 2)

1. Educação Infantil – Ensino de Ciências 2. Ensino de Ciências
3. Educação Pré-escolar – Ensino de Ciências I. UNESCO II. Série

CDD 372

Sumário

<i>Apresentação</i>	<i>7</i>
<i>Introdução</i>	<i>9</i>
<i>Linguagens</i>	<i>10</i>
<i>Corpo e movimento ou como transformar pulgas em bichos-preguiça.....</i>	<i>11</i>
<i>Dulce Cornetet dos Santos</i>	
<i>Expressão artística</i>	<i>19</i>
<i>Elizabeth Amorim</i>	
<i>Conta uma história, só mais uma, tá?</i>	<i>43</i>
<i>Ana Maria Marshall</i>	
<i>Escreve meu nome?</i>	<i>57</i>
<i>Janice Oliveira</i>	
<i>Natureza, cultura e sociedade</i>	<i>70</i>
<i>Natureza, cultura, sociedade e suas transformações</i>	<i>71</i>
<i>Cleonice de Carvalho Silva</i>	
<i>As florestas, os rios, os mares, eu e os animais</i>	<i>77</i>
<i>Maria Helena Lopes</i>	
<i>Culturas locais e regionais: valores, mitos, lendas e crenças.....</i>	<i>85</i>
<i>Marise Campos</i>	
<i>Mas o que é ciência mesmo?</i>	<i>95</i>
<i>Maria Helena Lopes</i>	
<i>Matemática, aritmética, descobertas.....</i>	<i>103</i>
<i>Janice Oliveira</i>	
<i>Religiosidade e espiritualidade na educação infantil</i>	<i>109</i>
<i>Renato Ferreira Machado</i>	
<i>Filosofia e infância.....</i>	<i>124</i>
<i>Rosana Fernandes</i>	

Ilustração: Estúdio ORANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi



Apresentação

O novo ordenamento legal, inaugurado pela Constituição Federal de 1988, assegura à criança brasileira o atendimento em creche e pré-escola e, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, a Educação Infantil passa a ser definida como a primeira etapa da Educação Básica. Essa importante conquista nacional reitera um dos postulados da Declaração Mundial de Educação para Todos, firmada em Jomtien, no ano de 1990, de que a aprendizagem ocorre desde o nascimento e requer educação e cuidado na primeira infância.

Nas últimas décadas, várias pesquisas têm demonstrado que os primeiros seis anos de vida de uma criança se constituem em período de intenso aprendizado e desenvolvimento, em que se assentam as bases do “aprender a conhecer”, “aprender a viver junto”, “aprender a fazer” e “aprender a ser”. O atendimento educacional de qualidade, nessa fase da vida, tem um impacto extremamente positivo no curto, médio e longo prazo, gerando benefícios educacionais, sociais e econômicos mais expressivos do que qualquer outro investimento na área social. Melhor desempenho na escolaridade obrigatória, menores taxas de reprovação e abandono escolar, bem como maior probabilidade de completar o ensino médio foram observados entre os que tiveram acesso à educação infantil de qualidade, quando comparados aos que não tiveram essa oportunidade. A frequência a instituições de educação infantil afeta positivamente o itinerário de vida das crianças, contribuindo significativamente para a sua realização pessoal e profissional.

Esse reconhecimento levou as nações a assumirem em Dacar, em 2000, entre os compromissos pela Educação para Todos, a meta de ampliar a oferta e melhorar a qualidade da educação e dos cuidados na primeira infância, com especial atenção às crianças em situação de vulnerabilidade. Essa é uma das seis metas expressas no Marco de Ação de Dacar, do qual o Brasil é um dos signatários, sendo a UNESCO a instituição das Nações Unidas que tem, entre suas atribuições, a de apoiar os países no cumprimento dessa agenda.

Em 2003, a Representação da UNESCO no Brasil, o Banco Mundial e a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho firmaram parceria para a realização do Programa Fundo do Milênio para a Primeira Infância em alguns estados do País. Esse desafio foi lançado pelo Banco Mundial e prontamente acolhido pela UNESCO e pela Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, que compartilham a firme convicção de que garantir uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida é um dos mais importantes investimentos que uma nação pode fazer.

O Programa Fundo do Milênio para a Primeira Infância tem como principal objetivo a qualificação do atendimento em creches e pré-escolas, preferencialmente da rede privada sem fins lucrativos, isto é, de instituições comunitárias, filantrópicas e confessionais que atendem crianças em situação de vulnerabilidade social. A principal estratégia do programa é a formação em serviço dos profissionais de Educação infantil, considerando que a qualificação do educador é reconhecidamente um dos fatores mais relevantes para a promoção de padrões de qualidade adequados na educação, qualquer que seja o nível, a etapa ou a modalidade. No caso da Educação Infantil, em que o profissional tem a dupla responsabilidade de cuidar e educar bebês e crianças de até seis anos, sua formação é uma das variáveis que maior impacto causa sobre a qualidade do atendimento.

A série Fundo do Milênio para a Primeira Infância – Cadernos Pedagógicos constitui-se em importante recurso à formação continuada dos educadores. Seus quatro volumes, a saber, Olhares das Ciências sobre as Crianças; A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo; Legislação, Políticas e Influências Pedagógicas na Educação Infantil e O Cotidiano no Centro de Educação Infantil, apresentam as principais temáticas relativas à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil.

Pretende-se, portanto, que o presente volume e os demais dessa série constituam-se em importante ferramenta de trabalho para os profissionais da área de Educação Infantil, proporcionando o acesso a novos e atualizados conhecimentos, a reflexão crítica e a construção de práticas inovadoras àqueles que têm em suas mãos a difícil e apaixonante tarefa de educar nossas crianças.

Desejamos, ainda, compartilhar essa realização com a Organização Mundial de Educação Pré-escolar (OMEP – Porto Alegre), reconhecendo sua colaboração inestimável, e com os Empreendedores Associados ao Programa Fundo do Milênio para a Primeira Infância, que comungam conosco a visão de que os primeiros anos de vida valem para sempre e de que a educação de qualidade, desde a mais tenra infância, é fundamental para a construção de um Brasil mais desenvolvido, mais humano e socialmente mais justo.

Jorge Werthein
Representante da UNESCO no Brasil

Vinod Thomas
Diretor do Banco Mundial no Brasil

Nelson Pacheco Sirotsky
*Presidente da Fundação
Maurício Sirotsky Sobrinho*



Introdução

Convidamos todos vocês a percorrerem conosco um espaço muito importante, que chamamos “Educação Infantil”. São caminhos que passam por diversas abordagens dos conteúdos da Educação Infantil, oferecendo aos educadores várias possibilidades de despertarem para a sensibilidade e a sabedoria das crianças.

É um trajeto interessante, vivo e comprometido com a reflexão inteligente, com a disposição afetiva e com o desejo de tentar vencer os obstáculos.

Nosso veículo será a leitura de alguns textos importantes, que terão como centro a Educação Infantil e as ações e vivências que podemos realizar com nossas crianças. Muitos desses assuntos já são conhecidos, mas uma releitura sempre traz novidades, assim como uma viagem em boa companhia. Na busca do melhor convívio possível, vamos nos envolver em reflexões sobre algumas teorias importantes, que nos auxiliarão a repensarmos melhor as práticas com as crianças.

Para que isso se torne realidade, temos que aprender a observá-las e a ouvi-las, pois, quando se expressam, querem sempre nos contar coisas e nos questionar.

Que mundo é este que nos recebe?
Como são as pessoas? O que é a

natureza? Quem sou eu? E muito mais. Diante de toda essa curiosidade, dessa avidez pela descoberta, pela surpresa e pela alegria, as crianças abrem-se como pequenos “girassóis”, receptivas a tudo e a todos, buscando a riqueza da luz. Ao recebê-las, o que precisamos é redescobrir com elas o ser poético, a espontaneidade, a capacidade de filosofar sobre as coisas e reconhecer suas diferenças e peculiaridades.

Assim, elas nos sensibilizarão ao retorno à natureza, à alegria do jogo, do brincar e da poesia. Nós lhes daremos a certeza de que trabalharemos pela defesa de seus direitos.

Por elas, abriremos o livro da história e das tradições. Partilharão conosco do mundo, serão também artífices da manifestação cultural e construtoras de sua própria história.

Com elas, construiremos um futuro mais feliz, porque através do deslumbramento de seu olhar reencontraremos a pureza de nossa alma e a certeza do profundo e transcendente milagre da vida.

Contamos com a parceria de todos nessa desafiadora aventura pelo espaço muito especial que envolve a criança que nos é confiada na maior parte de seu dia.



Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gisele Calvi



Foto: Sebastião Barbosa e ilustração ONIEP – RS



linguagens

Neste segundo caderno, vamos tratar das linguagens pelas quais as crianças se expressam diante de nós, de seus colegas e do mundo que as cerca. Vamos conversar sobre materiais, atividades e recursos para tornar a relação afetiva, cognitiva e social.

Brincadeiras, livros, artes visuais, cênicas, musicais vão conviver com a reflexão sobre valores, crenças e regras indispensáveis ao bom convívio. Através dos textos, a consciência do corpo e do espírito será renovada a cada leitura.





Corpo e Movimento ou Como Transformar Pulgas em Bichos-preguiça

Dulce Cornetet dos Santos

A Pulga

A pulga é olímpica

Medalha de ouro

Salto em distância

Saltaríamos 11 quilômetros

Tivéssemos da pulga

O auto-impulso

Destreza e petulância

Luiz Coronel - Ave-fauna

O corpo e o movimento ocupam todos os tempos e lugares do Centro de Educação Infantil, pois, se acreditamos que “somos um corpo” e não que “temos um corpo”, a educação se dará sempre de forma integral, física e intelectual.

A pergunta é: como possibilitar a aprendizagem e o desenvolvimento motor, oportunizando aos nossos alunos vivências corporais prazerosas, que se tornem parte de suas vidas, incorporando-se a suas culturas de modo que sintam prazer na atividade física, na expressão, no movimento para sempre, e não somente durante a infância?

Tanto os autores que tratam do desenvolvimento humano como os que se dedicam ao estudo do desenvolvimento motor são unânimes em afirmar que os primeiros anos de vida são importantíssimos para qualquer aprendizagem.

Nesse período, desenvolvemos as habilidades fundamentais à nossa sobrevivência. Aprendemos a ficar de pé, a caminhar, a correr, a rastejar, a saltar e a falar. Nos anos que seguem, apenas as aperfeiçoamos e adaptamos às necessidades de vida.

Vygotsky afirma que é na presença do outro que o homem se constitui, que forma o seu EU. Desenvolvemos essas capacidades à medida que nos relacionamos com o mundo externo. Wallon também nos explica que os gestos humanos adquirem significados quando percebidos e interpretados por outra pessoa.

As expressões de alegria, tristeza, dor, desconforto ou satisfação feitas por um bebê só adquirem esse significado quando interpretadas ou decodificadas por seu interlocutor. A partir desse diálogo, tais movimentos que inicialmente eram reflexos começam a adquirir intencionalidade, ou seja, o bebê percebe que cada gesto feito causa uma reação nas pessoas com quem convive e começa a fazer deles um meio de comunicação.

Portanto, o convívio da criança com outras pessoas, sejam elas adultas ou também crianças, é de fundamental importância para o seu desenvolvimento. A organização desse espaço de convívio também passa a ter muita importância, conforme seja estimulante e provocador de situações de movimento, diálogo e gestualidade.



Gallahue e Ozmun (2003) organizam as fases do movimento na educação infantil da seguinte forma:



Foto: Sebastião Barmosa

- **Fase dos movimentos reflexos:** caracterizada pela necessidade de um estímulo para que o movimento se realize.

- **Fase dos movimentos rudimentares:** surgimento dos primeiros movimentos voluntários. Esses movimentos ganham mais consistência a partir da inibição dos reflexos e são classificados nos níveis de equilíbrio, manipulativo e locomotor.

- **Fase dos movimentos fundamentais:** manifesta-se em torno de 2 anos, quando a criança já se desloca em seu ambiente e desenvolve outros movimentos naturais, com um nível de organização superior. Podem ser caracterizados em três momentos: inicial, elementar e maduro.

A partir dessas teorizações, vamos pensar a nossa prática em educação infantil.

Atividades básicas de deslocamento, equilíbrio, coordenação, esquema corporal, relação espaço-temporal, entre outras, são prioritárias e devem ser apresentadas através de jogos de imitação e perseguição, por exemplo.

A quantidade de tempo que nossas crianças de berçário e maternal ficam presas dentro do berço, em carrinhos ou em cadeirinhas de refeição ocupa a maior parte do horário na creche. Sabemos que os motivos são louváveis. Há uma grande preocupação com a segurança física e com a manutenção da higiene dessas crianças. Mas como desenvolver a corporeidade, o movimento, a gestualidade e a motricidade em crianças imobilizadas?

O movimento deve fazer parte da rotina do berçário, ou seja, a criança deve ter



espaço para rastejar, engatinhar, tocar os objetos e as pessoas com quem convive.

O bebê precisa ser estimulado a ficar em posições que provoquem posturas corporais diferentes, como ficar de bruços para que erga a cabeça. Conforme vai desenvolvendo seu tônus, novas provocações devem ser feitas, como a estimulação para que busque algum objeto colorido ou sonoro, permitindo-se que a própria criança crie recursos para isso, rastejando, engatinhando, caminhando, correndo, fazendo uso de outro objeto intermediário para alcançar o que deseja, ficando de pé, estendendo-se, enfim, aumentando gradativamente as possibilidades do movimentar.

Temos que oportunizar a experimentação dos espaços, o subir e descer do berço, o degrau a ser explorado, o objeto a ser arrastado ou puxado. Tudo isso constitui nossa prática docente, faz parte do nosso dia-a-dia e deve ser feito com cuidado, para garantir a segurança do aluno, mas precisa ser vivenciado.

Tocar o corpo da criança de maneira prazerosa e permitir que ela toque o corpo do educador também é extremamente importante. Isso deve acontecer não somente na hora da troca de fraldas, mas nos diferentes momentos da rotina diária.

A criança puxa os cabelos, lambe,

aperta e morde a educadora. Ela testa a consistência e a textura de seus corpos. Essas experiências farão com que ela, além de aumentar sua percepção de corpo, auxiliando, assim, na construção da imagem corporal, carregue consigo uma idéia positiva de si mesma. O uso do espelho pode auxiliar nesse processo exploratório. Esta é a intervenção do educador na construção do diálogo da criança com o mundo, do seu corpo, da percepção do movimento como forma de expressão.

Conforme a criança vai crescendo, esses desafios vão sendo superados, e o educador deve sempre aumentar a complexidade das atividades.

Ao dominar os movimentos de equilíbrio, apreensão e manipulação, novos jogos são construídos. O jogo simbólico acontece independentemente da ação do professor. Muitas vezes, estamos propondo uma atividade e percebemos que as crianças estão desenvolvendo uma brincadeira paralela, que acontece de maneira introspectiva e que pode passar despercebida a um olhar menos atento.

Essa facilidade de “viajar” na imaginação auxilia o educador a desenvolver as atividades motoras. A escada do brinquedo passa a fazer parte do caminhão de bombeiros, os pneus se transformam em rios cheios de jacarés, os túneis de concreto são passagens secretas a algum lugar misterioso.



Diferentes possibilidades de movimento integram o universo infantil.

Nas atividades de circuito, várias estações podem permitir, através do jogo simbólico, que a criança crie situações de saltos, corridas, escaladas, equilíbrio, manipulações, rolamentos, rastejamentos, sem preocupação com movimentos pré-estabelecidos ou técnicas com parâmetros de certo ou errado.

Quando as noções de regras começam a ser construídas, os jogos adquirem novas conotações. O professor pode explorar as capacidades físicas e intelectuais, assim como as valências motoras das crianças, através de brincadeiras que façam parte das culturas lúdicas e desportivas nas quais a escola está inserida e que oportunizem às crianças brincar com as outras, interagindo e construindo estratégias coletivas para atingir objetivos comuns, como já é possível fazer nesse estágio de desenvolvimento humano.

Novamente, caberá ao educador aumentar a complexidade das atividades, tendo sempre o cuidado de partir do conhecimento do aluno para novas situações.

Brincadeiras com diferentes materiais associados, como bambolês, cordas, pinos, bolas de forma simultânea, desenvolvem várias estruturas ao mesmo tempo e tornam a brincadeira agradável e desafiadora à criança.

O que era uma exploração inicial do material passa a ter significado cultural. A

bola passa a ser ferramenta para o futebol, o voleibol ou o caçador.

O bambolê, além de ser rodado como pneu, faz parte dos jogos de alvo como cesta ou goleira. Ou ainda pode ser rodado no corpo em atividade de controle corporal. Os dois elementos podem ser usados ao mesmo tempo, por exemplo, rodando o bambolê na cintura e quicando a bola, ou arremessando-a ao parceiro.

A corda, que antes só era puxada ou amarrada a objetos, serve para brincadeiras de pular que são acrescidas de canções do universo infantil e suas propostas de interpretações.

Brincadeiras com diferentes elementos auxiliam a desenvolver mais capacidades, como pular corda em duplas enquanto se mantém um balão no ar.

As problematizações feitas pelo professor devem levar as crianças à resolução dos impasses e contribuir para que a aprendizagem se dê de modo integral.

As atividades corporais exploram noções de medida, de tempo e espaço, e constroem conceitos geográficos, matemáticos, sócio-históricos, entre outros.

Saber quem chegou antes ou depois, quem é o primeiro ou o último, organizar, classificar, questionar os diferentes pontos de relevo percebidos pelas crianças durante as atividades, constatar as relações necessá-

rias para a execução de certos roteiros de movimentos, observar distâncias percorridas, proporcionar momentos de relatos, verbalizações, interpretações e sugestões de atividades possibilitam que os momentos sejam permeados pela interdisciplinaridade.

Para a criança, a brincadeira tem impor-

tância em si mesma e, por isso, deve ser valorizada. A nós, educadores, cabe ter conhecimento das inúmeras possibilidades que cada momento propicia e aproveitá-las o máximo possível, fazendo com que todas as atividades sejam pedagógicas e enriquecedoras e percebendo no brinquedo, no jogo, no movimento e nas atividades corporais momentos de aprendizagem tão importantes como aqueles em que o corpo está guardado e apenas o intelecto está trabalhando.



Referências Bibliográficas

FALKENBACH, Atos Prinz. *A relação professor/criança em atividades lúdicas: a formação pessoal dos professores*.

Porto Alegre: Editora EST, 1999.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1997.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.

Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1999.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

NEGRINE, Airton. *Aprendizagem e desenvolvimento Infantil: simbolismo e jogo*. Porto Alegre: Prodil Editora, 1994.

REGO, Teresa Cristina. *Vigostky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Elizabeth Nascimento. *Atividades recreativas na primeira infância*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

SOARES, Carmen. *Imagens do corpo na educação*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOLER, Reinaldo. *Jogos cooperativos para educação infantil*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

WALLON, Henry. *As origens do pensamento da criança*. São Paulo: Manole, 1989.

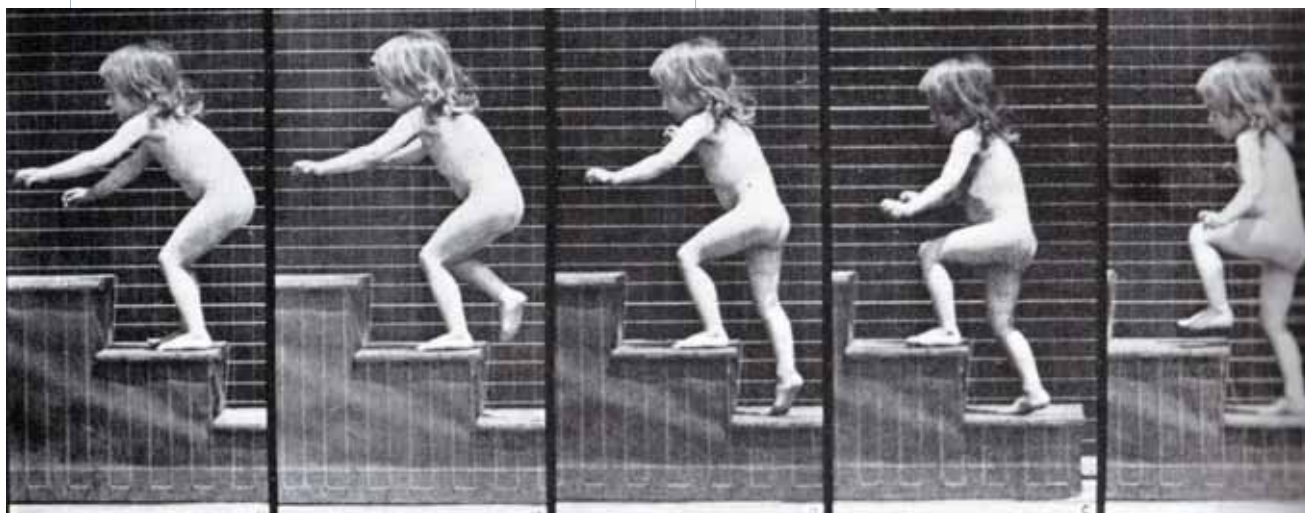


Foto: Eadward Muybridge



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

No texto *Corpo e Movimento*, a autora afirma que, segundo Wallon, “as expressões de alegria, tristeza, dor, desconforto ou satisfação feitas por um bebê só adquirem esse significado quando interpretadas ou decodificadas por seu interlocutor”.

- Observe os bebês no berçário e comente a afirmativa acima ilustrando o comentário com fatos presenciados por você ou relatados por seus colegas.

- Você já brincou com as crianças com lençóis velhos ou quaisquer outros pedaços de panos grandes?

Experimente! Arrede todos os móveis da sala e ofereça os panos. Primeiramente, deixe-as explorarem o material livremente; depois sugira, por exemplo, que cada uma mostre a brincadeira que criou para as outras imitarem. Algumas sugestões também devem ser feitas, como dobrar, desdobrar, rolar por cima, etc.

Não se esqueça de registrar suas observações, destacando principalmente as possibilidades de desenvolvimento motor que a brincadeira oportunizou.

- Atividades de relaxamento corporal também são necessárias. Além de trazer as crianças de volta à calma após brincadeiras



agitadas, auxiliam na conscientização corporal. Atividades feitas em forma de brincadeira, como prestar atenção à própria respiração, escutar uma música lenta com os olhos fechados, oportunizar um momento de bocejos, espreguiçar-se, usar a imaginação fazendo de conta que o corpo está leve como uma pluma levada pelo

vento, ou dar um abraço no coleguinha que está deitado a seu lado. Dê asas a sua imaginação e, juntamente com as crianças, descubra o prazer das atividades “de relaxamento”. Conte como foi a experiência, escrevendo sobre as manifestações dos sentimentos das crianças durante e após a atividade.

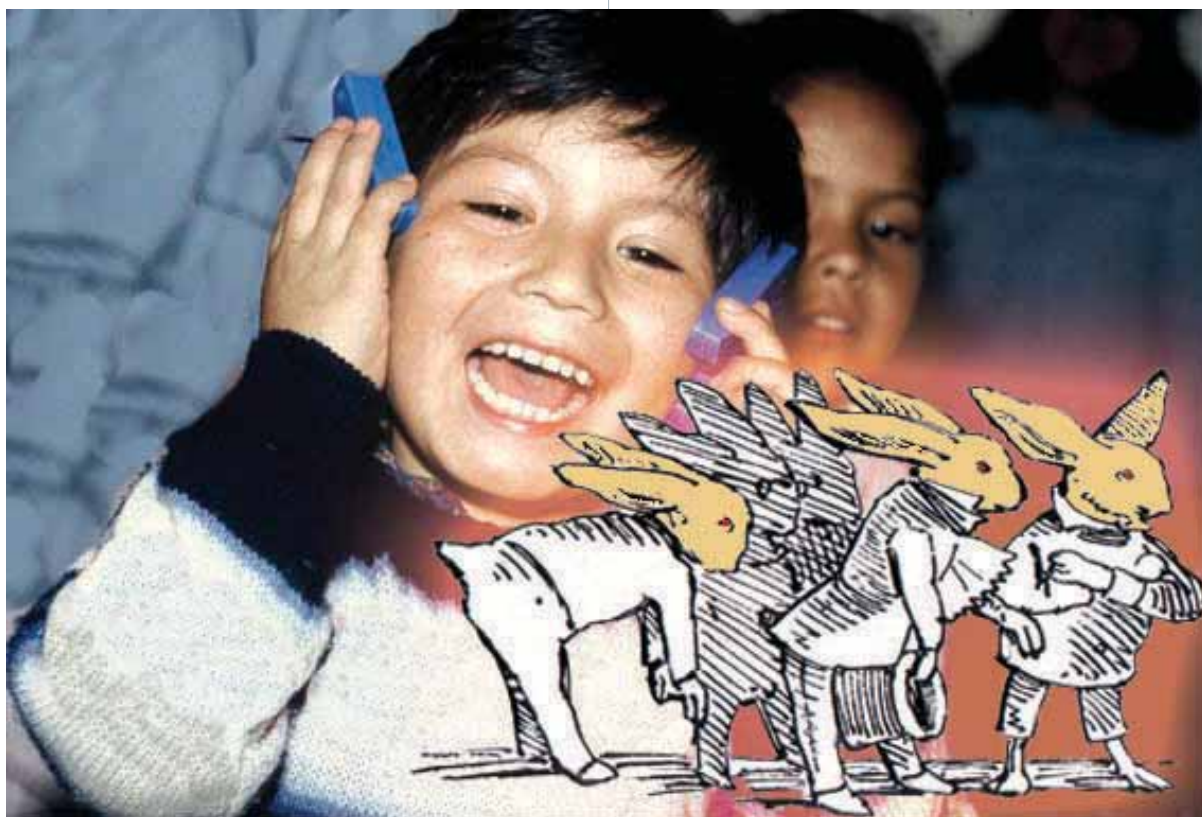


Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS/Gian Cavi





Expressão Artística

Elizabeth Amorim

“Ao lidar com as tradições de sua época, ao revivê-las e observar as influências que lhes dizem respeito, as crianças conseguem reformular essas influências, de tal modo que, em sua obra, a forma expressiva surge como algo novo, totalmente novo, como se fora visto por uma primeira vez, estranhamente transformada em visão única e universal.”

Fayga Ostrower

Sem dúvida, o mais belo e misterioso campo de conhecimento humano é o da arte. É difícil defini-lo, tamanha a sua amplitude e, por que não dizer, complexidade. Por isso, a arte não pode ser definida, e sim contemplada, em qualquer de suas manifestações.

É através da arte que a humanidade, expressa sem restrições, sentimentos e emoções. Por seu intermédio, o homem deixa aflorar o que está no seu íntimo, sua visão de mundo, seu passado, seu presente e seu futuro, seus desejos, sonhos e utopias.

Quem não se deixa contagiar pela música? Um corpo dançante necessita de palavras? E o teatro com sua representação e seus mundos imaginários? Aonde nos leva uma pintura, um desenho ou uma escultura?

Certamente, a arte é a linguagem da

alma, traduzindo o que, em certas ocasiões, as palavras não dão conta de significar. É também universal, pois independe de raça e nacionalidade para ser entendida (se não de todo, pelo menos uma idéia temos). Não percebemos o que Monet transmite com seus jardins? Precisamos *entender* as palavras em uma ópera? E a escultura “O Pensador”, do artista francês Rodin? Não precisamos falar francês para perceber sua mensagem. Nas apresentações de balé, são os movimentos corporais a linguagem usada. A arte é universal, porque “os artistas celebram o invisível, percebendo e doando ao mundo o que sabem sobre as coisas, e não o que vêem na realidade”.

A Música e a Dança

O Caramujo

*O caramujo
é um rádio de pilha.
Só toca a canção maravilha
das ondas do mar.*

Luiz Coronel - Ave-Fauna

A música é vista por muitos como a primeira das artes, tanto no que se refere à história humana quanto à sua importância na vida de todos nós. Para as civilizações primitivas, os sons tinham significado, o qual também estava presente em seus primitivos instrumentos. Já para nós, ela é reconfortante e, muitas vezes, auxilia o nosso equilíbrio emocional (musicoterapia).



Talvez isso aconteça porque a música nos remete ao primeiro e mais importante som da vida: as batidas do coração de nossa mãe. O som uterino está gravado no inconsciente e simboliza proteção, aconchego e tranquilidade.

A música está presente em diversas situações e com diferentes objetivos, pois há composições usadas para ninar, para dançar, para ritos fúnebres. Os países têm seus hinos, assim como as escolas e os times de futebol. Existem músicas típicas

regionais, etc. Inclusive, vemos hoje, em diversas maternidades, som ambiental nas salas de parto.

*Boa noite, meu bem
Dorme um sono tranquilo,
Boa noite, meu amor
Meu filhinho encantador*

Os diferentes aspectos que a envolvem (afetivos, estéticos, cognitivos), além de promoverem comunicação social e integração, tornam a linguagem musical uma importante forma de

expressão humana e, por isso, deve ser parte do contexto educacional, principalmente na educação infantil.

A música – compreendida como linguagem e meio de conhecimento – está intensamente presente em nosso cotidiano através do rádio, da TV, de gravações e propagandas. Por isso, desde bem pequenas, as crianças têm contato com várias músicas e conseguem identificá-las.

Elas chegam até nós demonstrando o que aprenderam até então: se já falam, cantam; do



Interior, Joan Miró, 1923

contrário, mostram suas preferências através de manifestações como sorrir, bater palmas, movimentar o corpo ou dar gritinhos.

Portanto, as atividades com música são um meio de expressão e de conhecimento acessível aos bebês e às crianças, inclusive àquelas que apresentam necessidades especiais, que por sinal são extremamente sensíveis. A linguagem musical é um dos canais que desenvolve a expressão, o autoconhecimento e o equilíbrio, sendo poderoso meio de interação social.

Quando oferecemos música e um ambiente sonoro em diferentes situações, permitimos que bebês e crianças iniciem, intuitivamente, seu processo de musicalização. Escutando os diferentes sons de brinquedos, dos objetos, do ambiente e do próprio corpo, há observação, descoberta e reações, mesmo nos bebês: observe como o tipo de música no berçário resulta em tranquilidade ou agitação.

*Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar*

Dulce Maria Lino afirma que “Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah! tocar também!” e que a característica fundamental da música é “o movimento simultâneo e sucessivo de seus elementos: duração, altura, intensidade e timbre”. Assim, a noção do conhecimento

musical vem da ação da criança (como todo conhecimento), o que inclui perceber que o silêncio complementa o som, pois *fazer* música implica organizar e relacionar sons e silêncios. A partir dos 4 anos, por exemplo, já podemos criar situações e contextos musicais de reconhecimento e utilização das diferentes características provenientes do silêncio e dos sons, que, como vimos, são: altura (grave/agudo), duração (curto/longo), intensidade (forte/fraco) e timbre, que é o que distingue cada som.

Por isso, existe a necessidade de nos darmos conta de que vivemos em um ambiente sonoro e rodeados de objetos também sonoros, inclusive nós mesmos! Tudo o que ouvimos é um objeto sonoro; é ótimo *brincar* com as crianças sobre o que elas estão ouvindo. Observe como



Vinheta: Autor desconhecido



basta a solicitação de que elas silenciem para escutar ruídos, pássaros cantando, carros buzinando, passos no corredor e toda sonoridade em volta. É escutando o contexto sonoro que nos envolve que educamos nosso ouvir.

Como vimos até aqui, a música na instituição infantil não é só *cantar musiquinhas* para guardar brinquedos, lanche, na Páscoa, no dia dos pais, etc. É, principalmente, produzir e pensar música com as crianças. Cuidado também com o que você canta, como uma música do lanche que diz “a mamãe fez”, e a criança na lógica dos seus 3 anos retruca: “não foi a mamãe, ela comprou no super!”.

Produzir e pensar músicas significa escutar e identificar sons vocais e não-vocais, improvisar, ouvir diferentes estilos musicais, realizar experiências sonoras, movimentar-se, tocar, explorar os sons corporais, compor músicas, manipular objetos, movimentar-se e deslocar-se de acordo com a música.

Nos berçários, brincadeiras que envolvem música, canto e movimento possibilitam a percepção rítmica, mesmo porque os bebês produzem ruídos e balbúcias desde recém-nascidos. Cante para seus bebês com ternura e expressão. Repita com eles os sons que emitem, invente canções curtas, imite para o bebê os sons do ambiente, cante movimentando o corpo do bebê, dance com ele, eleja uma música e

cante-a diariamente, ofereça diferentes objetos sonoros; enfim, proporcione diversas situações e experiências de explorações e descobertas tanto sonoras quanto musicais.

Lembre-se que inicialmente, até por volta de um ano e meio, a criança mais nos ouve do que canta; no entanto, já demonstra suas preferências e as acompanha de alguma forma. Em um segundo momento, canta os finais das frases ou as partes preferidas e, muitas vezes, um pouco depois de nós. Ela pode igualmente apenas realizar a coreografia de músicas como estas:

As árvores balançam, balançam

Balançam sem parar

A cobra vai subindo, vai, vai,

Vai se enrolando, vai, vai, vai.

A partir dos 3 anos, a criança já entoa todo o repertório de seu meio, cantando integralmente muitas das músicas conhecidas.

A imitação é a base do trabalho de interpretação, mas CUIDADO: não é imitação dos gestos e movimentos do adulto. Não devemos confundir expressão corporal com imitação de gestos que diminui (ou anula) a possibilidade de expressão individual. Estamos nos referindo à expressão individual das impressões sobre alguma coisa, isto é, imitar sons vocais, instrumentos e objetos sonoros de forma pessoal, com sentido e



não mecanicamente.

Podemos ter na nossa sala um cantinho do som, onde ficam objetos sonoros, livros sobre músicas e compositores, letras com partituras e CDs. Se você não tiver

aparelho de som na sua sala, provavelmente a escola tem; então, combine os dias em que pode estar disponível para você. No entanto, lembre-se de que ele não é fundamental para que você e suas crianças tenham muitos bons momentos musicais!

A música está bastante ligada ao lúdico e ao brincar. Em todos os povos, as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais, como as rodas cantadas, são encontrados nos lugares aonde houver crianças. Elas também gostam de fazer rimas, musicadas ou não. As rimas sem música – os versos para brincar – chamam-se parlendas ou trava-línguas e são especialmente apreciadas pelas crianças a partir de 4 anos. Alguns exemplos desses jogos da cultura infantil são:



Vila-Lobos em 1940

*Quem vai ao ar
Perdeu o lugar
Quem vai ao vento,
Perdeu o assento!*

*Batalhão,
lhão, lhão
Quem não entra é bobalhão
Abacaxi, xi, xi
Quem não sai é um saci*

*Uni, duni, tê
Salamê, mingüê
Um sorvete coloreti
O escolhido foi você!*



Já o trava-línguas, como o nome indica, tem pronúncia mais difícil e deve ser repetido o mais facilmente possível como:

*Pinga a pipa
Dentro do prato.
Pia o pinto
E mia o gato.*

*O rato roeu a roupa
do rei de Roma.
A rainha raivosa rasgou o resto.*

As brincadeiras de roda integram poesia, música e dança, sendo também muito apreciadas pelas crianças, principalmente por causa do movimento (para elas, dificilmente existe música sem movimento).

A música e a dança são atividades existentes desde os tempos primitivos; suas histórias habitualmente aparecem associadas de tal forma, que podemos dizer: a dança é *irmã* da música.

Devemos lembrar que o gesto e o movimento corporal estão conectados à música, porque o som é também gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz os diferentes sons que percebe através dos movimentos de balanço, flexão, andar, saltar, etc. Quando ouve um impulso sonoro e realiza um movimento corporal intencional, a criança está transpondo o som percebido para outra linguagem, muitas vezes a da dança.

*Ai, eu entrei na roda
Para ver como se dança.
Eu entrei na contradança,
Eu não sei dançar.*

O que é dançar para você? Lembremos que dançar é acompanhar determinado ritmo com movimento corporal. O ritmo é vibração e define o movimento natural; por isso, estimulemos o gesto e o ritmo peculiar de cada criança, que o capta de acordo com a sua percepção pessoal.

Assim como no desenvolvimento musical, quanto mais as crianças tiverem oportunidade de vivenciar situações em que possam se expressar pela dança, mais naturalmente usarão essa linguagem.

Não é dança o balanço de um bebê de 8 ou 10 meses ao ouvir sua música preferida? Crianças até 3 anos *dançam* aos mais variados estímulos rítmicos, desde palmas até o som de eletrodomésticos! É maravilhoso observarmos o quanto a dança é natural nas crianças, motivo pelo qual repetimos que devemos oferecer as mais variadas situações para que elas utilizem essa forma de expressão.

Vamos dançar?

O Teatro

*...a beleza, como a verdade, só vale quando
recriada pelo sujeito que a conquista.*

Jean Piaget





A criança toca, cheira, olha, move-se, pensa, sente o seu corpo; é a ação e o pensamento, porque canta com o corpo, desenha com o corpo, sorri ou chora com todo o corpo. Vive intensamente, arrisca-se, pois está atenta e aberta às experiências e ao mundo, sem medo.

Toda arte é expressão, seja qual for a linguagem: música, dança, pintura, escultura, cinema e teatro. Ao propormos situações de expressões artísticas, devemos ter em mente que não pretendemos formar um artista, mas auxiliar, através de expressões e jogos, na construção de seres capazes de utilizar as diferentes formas de linguagem, seres espontâneos, vivos, dinâmicos e

também capazes de expressar sensações, sentimentos e pensamentos.

O meio natural das crianças é o jogo, porque através dos jogos de criação e imitação vão descobrindo-se, descobrindo o outro e o mundo a sua volta.

Pelo que temos discutido até aqui, parece claro que, quando a criança é capaz de imaginar, ela pode desenvolver sua expressividade por meio de diferentes formas. Então, ficamos nos perguntando sobre os “teatrinhos” e “pecinhas” apresentados em diversas situações no contexto educacional infantil. Muitas vezes, essas montagens cênicas que marcam datas comemorativas não têm,



realmente, significado para as crianças, pois não atendem às características particulares do grupo, tampouco seus níveis de desenvolvimento. É uma “apresentação” que tem como objetivo ela mesma.

O teatro na educação infantil deve, então, ser encarado como umas das atividades de expressão em que o jogo simbólico é a marca, e não enredos e falas organizadas pela educadora e cumpridas pelas crianças.

As diferentes formas de expressão dos bebês, como os sons e ruídos emitidos, assim como os gestos, representam a primeira forma da comunicação com o mundo, que gradativamente vão se transformando em dança, canto, mímica, desenho e modelagem.

Os jogos simbólicos (faz-de-conta), como os demais jogos, são carregados da energia, expressividade e inventividade da criança. Basta observarmos crianças de 3 anos nas suas brincadeiras: a diversidade e a quantidade de imitações que realizam espontaneamente e o faz-de-conta estão presentes nos seus afazeres.

Através do brincar, a criança vai construindo consciência da realidade e, ao mesmo tempo, já vive uma possibilidade de modificá-la. Igualmente procura compreender o mundo e as ações humanas do seu cotidiano; por isso,

assume diversas “personalidades” e representa diferentes papéis, ora sendo adulto, ora sendo mãe, pai ou filho, ora sendo animalzinho e mesmo avião. Um ator finge **ser** determinado personagem, enquanto a criança é o personagem que imita ou inventa. Quando a criança imagina, ela é capaz de expressar-se de diversas maneiras e, assim, de relacionar-se com o mundo de modo qualitativamente diferente.

Quando falamos sobre música, vimos que a imitação é uma das fontes de representação, é um processo de aprendizagem, tanto que o bebê imita os sons emitidos de si mesmo e seus próprios movimentos.

A partir de um ano, como já possui memória de evocação, a criança passa a imitar objetos e acontecimentos ausentes, isto é, já vividos anteriormente. As imitações passam a ter crescente diferenciação, mesmo porque há expansão de suas interações com o meio e, portanto, novos modelos a serem imitados.

O desenvolvimento do jogo é paralelo ao da imitação; assim, inicialmente, ele é realizado pela criança por puro prazer funcional. A partir dos seis meses, aparecem os jogos de manipulação e construção, por meio dos quais a criança desenvolve a si mesma e as possibilidades que tem de agir sobre os objetos e sobre o mundo que a cerca. A origem da inteligência

prática encontra-se nesses jogos, que possibilitam importantes aquisições para o desenvolvimento intelectual. O contato com diversos materiais de diferentes cores, tamanhos, formas e texturas, aliado a experiências de atirar, morder, extrair sons, encher/esvaziar, misturar, empilhar, montar/desmontar, proporcionam as noções de cores, formas, texturas, tamanho, peso, classificação, seriação e quantificação.

Voltando ao jogo simbólico, ele inicia com a criança fazendo de conta suas ações habituais (comer, dormir, lavar-se, etc.),

depois utilizando bichinhos de brinquedo e bonecas para representá-los (comer, dormir, lavar-se, etc.), para finalmente utilizar outros meios que não os reais para representar os objetos do mundo adulto.

Em torno dos 3 anos, é comum e interessante observar as crianças realizarem as transformações: um toco de madeira pode ser um carro e uma almofada seu “nenê”. O poder de manipulação do mundo real transformado pela imaginação faz dessas atividades fontes de prazer e magia para as crianças, que dramatizam cenas inteiras e solicitam a



Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Cavi



participação do adulto para dramatizar junto ou como observador.

Em algumas situações, a dramatização serve como canal de compensação ou de superação de alguma situação desagradável, como medo ou tensão. Assim, vemos aquela criança alérgica a chocolate comendo muitos “negrinhos” ou, ainda, a outra que, antes de ser vacinada, “dá injeção” em todas as bonecas da sala!

Nós precisamos preservar o espaço para que as manifestações possam exteriorizar-se e, ao mesmo tempo, ser cuidadosos ao interpretar os comportamentos, devendo considerar sempre a maneira de ser de cada criança.

Muitas cenas são repetidas até esgotar o interesse por elas. Um dos interesses mais constantes é o brincar de casinha, com os papéis familiares representados e dramatizados. É interessante observar que as figuras familiares também são transpostas para outras situações; imitam-se animais, a “família” lá está, pois se é a girafa a eleita, há a girafa mãe, a girafa pai, a girafinha pequena e, muitas vezes, o “nenê” também!

A partir dos 4 anos, o jogo simbólico vai aproximando-se do real, mostra-se mais coerente nas ações e falas. Surge a preocupação com o material para complementar a brincadeira, havendo

também atenção com detalhes para que o jogo esteja o mais próximo possível da “verdade”. As crianças passam tempo organizando o material, às vezes solicitam o nosso auxílio para a confecção de roupas e cenário. Devemos colaborar auxiliando-as, jamais fornecendo soluções prontas.

Brincam então de loja, de super-herói, de ir à praia, ao shopping, encenando histórias cada vez mais longas; e, na



Ilustração: autor desconhecido

busca de um realismo cada vez maior, mudam inclusive a entonação da voz. Nesse momento, devemos ter o cuidado de não impor padrões, lembrando também que antes dos 6 anos as crianças não têm condições de improvisar.

Embora o mundo da fantasia seja ainda forte aos 4 ou 5 anos, a realidade começa a ser mais evidente, pois a criança vai gradativamente compreendendo alguns processos e fazendo rela-

ções. Surgem conflitos, e ela precisa de espaço para expressar seus sentimentos; então, a alegria, o medo, a raiva, a tristeza, a ansiedade e o carinho manifestam-se através dos personagens.

Nessa fase, a *platéia* torna-se importante e é composta, na maioria das vezes, por nós, educadores, e pelas próprias crianças. Podem ser convidados também outras turmas e os pais, tendo sempre o cuidado de não dar a essa experiência o enfoque de uma representação teatral.

As crianças, até por volta dos 6 anos, não constituem ainda, efetivamente, um grupo de jogo, pois a cooperação está sendo construída e qualquer insistência transforma-se em imposição e cópia. Assim, onde o que é dito e realizado nada mais é do que um movimento mecânico, não compreendido realmente.

Cabe a nós respeitarmos as inclinações naturais das crianças para jogar dramaticamente, bem como garantirmos segurança e liberdade para que o jogo possa acontecer naturalmente.

“As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estarem a toda hora explicando.”

Saint-Exupéry – O Pequeno Príncipe





Cândido Portinari - Bailarina Carajá, 1958



Artes Visuais

“Minha tarefa pode ser comparada à obra de arte de um explorador que penetra numa terra desconhecida.

Descobrimo um povo, aprendo sua língua, decifro sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização.

Acontece com todo adulto que estuda a arte infantil.”

Arno Stern

“Que linda a bola que desenhaste!”
“Não é uma bola, é eu e meu pai pescando!” Esta situação ilustra o que muitas vezes acontece no cotidiano com crianças pequenas. O nosso olhar adulto tenta interpretar a produção da criança, que, por sua vez, mostra-se “ofendida” ou frustrada com nossas interferências.

A criação artística é um ato exclusivo da criança, um percurso de criação e construção individual elaborado a partir de suas experiências e relações com produções de artes, com o mundo que a cerca e com seu próprio fazer.

Como a criança desde pequena sofre influência da cultura de seu meio, mesmo havendo autonomia na exploração e no fazer artístico, suas produções revelam a época (histórica), o local em que vive e as oportunidades de aprendizagem pelas interpretações que realiza.

Contudo, não basta somente oferecermos materiais diversos para que as

crianças se apropriem dessa linguagem. É claro que devemos permitir que elas percorram seus próprios caminhos; porém, como nas demais áreas, precisamos oferecer-lhes, além da experimentação de materiais, as diferentes formas de arte na pintura e na escultura.

Então, é importante a criança conhecer as várias artes que os homens fizeram e produziram ao longo da história. Como? Através do contato com livros sobre artistas e suas obras, sobre música, sobre pinturas e esculturas, através de visitas a exposições, passeios a museus e a feiras de artesanato locais. É muito interessante as crianças terem perto um “artista”; então, convide um artesão de sua cidade para ir até seu grupo. E nas famílias ou nos vizinhos, alguém produz artisticamente? Além de explorar suas habilidades, essas pessoas podem elaborar junto com as crianças alguma proposta.

Como toda aprendizagem, o desenvolvimento gráfico não acontece como num passe de mágica; ao contrário, ele vai sendo construído gradativamente. Viktor Lowenfeld (1977) chama de garatujas os rabiscos apresentados pela criança. As garatujas mostram-se tão diferentes quanto as crianças também o são e igualmente apresentam evolução. Inicialmente, há apenas o prazer do movimento, por isso é comum observarmos crianças até 2 anos “desenharem” olhando para



os lados. Nessa idade, o movimento corporal tem grande significado para a criança, já que até pouco tempo era uma das únicas formas de expressão que ela possuía.

Traçar riscos no papel de maneira desordenada dá à criança agradáveis sensações: é o riscar pelo prazer de riscar. Porém, esses movimentos contribuem para o domínio da coordenação dos movimentos.

Com a garatuja ordenada, os movimentos tornam-se repetitivos, pois há o início da coordenação viso-motora, com traços vigorosos no sentido horizontal e vertical. A criança descobre que existe ligação entre seus movimentos e o traço que faz no papel. Posteriormente, aparecem os traços circulares e a utilização de diferentes cores, embora ainda sem intenção consciente.

Finalmente, com a garatuja nomeada, a criança começa a relacionar seus rabiscos com o mundo que a rodeia, identificando-os. Desenha com intenção e vai descrevendo o que está acontecendo: “estou desenhando a bola”, ou “o gatinho está dormindo”. Em um segundo momento, anuncia antecipadamente o que vai produzir, embora não anteceda o aspecto final, tanto que muitas vezes, ao dar por terminada sua produção, verbaliza outra coisa completamente diferente. As garatujas

ainda são irreconhecíveis e a cor é utilizada para diferenciá-las.

Inicia-se outra fase por volta dos 4 anos, com a descoberta da relação entre desenho/pensamentos/realidade. Os movimentos evoluem até se tornarem identificáveis e surge uma nova forma de desenhar na qual, inicialmente, há uma constante repetição de símbolos e formas. A intenção da criança é representar os elementos do mundo que a rodeia, embora na utilização de cores não haja relação com a realidade.

Inicia-se nessa fase a representação da figura humana, que surge como um “sol” ou como um círculo representando a cabeça (fala) e duas linhas verticais que representam as pernas (mobilidade). Mais adiante, surgem os braços, que podem estar de cada lado do círculo ou das pernas.

A figura humana e as demais representações vão se tornando gradativamente mais detalhadas: surge a linha de base (chão) e as peças dos desenhos vão agrupando-se na parte inferior do papel. A cor a ter relação com o objeto e, quando desenha “pessoas”, ainda podem aparecer exageros de partes que para a criança são importantes naquele momento.

E assim, a partir de suas vivências cotidianas, manipulando objetos, experimentando materiais diversificados e

estabelecendo interações com o meio, as crianças vão registrando de forma cada vez mais elaborada as impressões sobre o mundo. Esclarecemos que, ao indicar idade, falamos em “torno de”, ou seja, não as estamos fixando, é apenas para se ter uma certa base, já que o desenvolvimento e a aprendizagem estão ligados – como exaustivamente temos explicitado

antes de aprender a escrever ela utiliza o desenho para deixar sua marca. Através da arte, fala de seus medos, de suas descobertas, alegrias e tristezas, de suas preferências e desgostos, combinando dois fatores muito importantes: seu conhecimento das coisas e sua relação individual com elas.

Podemos dizer que no berçário as

Ilustração: OMIEP / RS



2 anos



4 anos



6 anos

ao longo deste trabalho – às experiências e interações realizadas pela criança. Também as representações não evoluem rigidamente, pois, mesmo já mostrando uma produção mais elaborada, a criança pode retornar à garatuja para explorar novas formas, cores, ou mesmo pelo prazer do movimento.

A expressão gráfico-plástica é para a criança uma linguagem, como o gesto ou a fala. É a sua primeira escrita, visto que

crianças iniciam seus primeiros registros, suas primeiras marcas: as mãozinhas lambuzadas de sucos, papas e sopas. Nesse aspecto, as mãos precedem os instrumentos que serão utilizados posteriormente. Por volta de um ano, poderemos começar a oferecer os primeiros materiais específicos, pois o meio que a cerca representa para a criança o campo de suas artes. Assim, suas experiências motoras marcam paredes, mesas e tudo o mais ao seu alcance,



inclusive o próprio corpo significa um grande campo de possibilidades para rabiscar e manchar. Podemos, então, forrar superfícies (mesas, paredes) com papel pardo para essas experiências que também podem e devem ser realizadas no chão. A folha de ofício é ainda um espaço muito pequeno, por isso não é aconselhável.

Os grudes de maisena cozida coloridos com gelatinas, os pós de sucos e a anilina comestível são uma grande “festa”. Os grudes também nos dão a alternativa de modificarmos sua consistência, o que

modifica a sensação tátil da criança. Nessa fase, é a exploração dos materiais a necessidade da criança; portanto, nada de solicitações e sugestões quanto ao seu fazer para que não se perca a espontaneidade desse processo.

Ao perceber que sua ação produz marcas específicas, a criança passa a

orientar a mão e, como já vimos, começam a aparecer linhas e pontos espalhados pela superfície. As cores, que antes eram totalmente misturadas, passam a ser separadas. A partir de agora, a diversidade de tamanhos, materiais, superfícies e instrumentos tornam-se fatores extremamente importantes e necessários.

As crianças passam a utilizar papéis de diferentes tamanhos e formas, lixas, tecidos, partes de caixas, isopor e plástico. Os papéis oferecem inúmeras possibilidades: rasgados, picados, amassados, recortados, amarrados, colados, desenhados.

Como não há limites para a imaginação de uma criança quando lhe são oferecidas experiências diferenciadas, entram em cena também sucatas diversificadas, embalagens, rolos de papel, tampinhas, cones de linha, botões, fitas, barbantes, areia, serragem, massa comestível, canos, palitos de picolé. As ferramentas igualmente são variadas: além das mais usuais, como lápis de cera, canetões, giz e



Gustav Vigeland – Museo Vigeland – Oslo / Noruega – Sør for barn



tesouras, podemos também utilizar esponja, penas, pauzinhos, carvão, algodão, escovas de dente e, é claro, mãos e dedos!

Quanto ao uso da tesoura, ela pode ser manipulada de várias formas – com as duas mãos e mesmo sem a intenção de cortar – porque é somente após os 3 anos que as crianças conseguem manuseá-la com uma só mão. Obviamente, as tesouras devem ser pequenas e ter pontas arredondadas.

As tintas exercem grande fascínio na criança, tanto pela cor quanto pela sensa-

ção agradável que produzem ao serem manuseadas. Oferecemos uma cor de cada vez, antes de utilizarmos todas, bastando as primárias (amarelo, azul e vermelho), já que através das misturas naturalmente vão sendo criadas novas cores e tonalidades.

Devemos inicialmente evitar o preto, pois nas misturas ele predomina “apagando” as demais cores.

Água e terra são igualmente substâncias que utilizamos, inclusive devemos proporcionar – quando a temperatura permite – momentos para que as crianças realizem experiências ao ar livre.

Com crianças maiores, as oficinas de marcenaria oferecem boas atividades

Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS/Gian Cavi



com seus martelos de madeira, pregos e parafusos grandes, chaves-de-fenda, pedaços de madeira, fórmica, aglomerado, arames, pequenas serras, etc.

As diferentes modalidades de artes visuais podem ser combinadas entre si. Por isso, devemos incentivar a relação causa e efeito, propondo conjuntamente desenho e colagem, colagem e pintura, modelagem e pintura e tantas outras combinações de materiais.

Devemos considerar que cada criança é única, com sua história, suas vivências, suas habilidades e seu ritmo de desenvolvimento. Logo, não esperemos que, de uma hora para outra, ela domine técnicas e materiais. Esse domínio é gradativo e experimental, cabendo a nós auxiliar nas dificuldades, propor desafios e jamais agir pela criança.

As produções das crianças devem ser expostas e apreciadas por elas, bem como discutidas e analisadas (não avaliadas). Podemos convidar outros grupos ou os pais para pequenas exposições ou para expor determinada atividade ou construção.

A arte, ao apresentar realidades imaginadas, pode ser compartilhada por pessoas de diferentes níveis e culturas através do encantamento, da imaginação e da emoção que desperta. Portanto, cabe a nós, como educadoras, respeitar as formas de expressão da criança.

Respeito significa estímulo; orientação e propostas diversificadas também são importantes. Dessa forma, estaremos propiciando um “mergulho imaginário” cada vez mais profundo e criativo.

Crianças de 5 e 6 anos

A professora pergunta:

– O que é arte?

As crianças:

– É bagunçar. Espalhar os brinquedos e não juntar. Riscar as paredes.

– É fazer coisa bonita ou coisa ruim.

– É fazer quadro.

– É subir nos telhados da casa do vizinho.

– Jogar areia no olho das pessoas, morder as pessoas.

A professora questiona:

– Quem faz essas coisas ruins a gente chama de artista?

As crianças:

– Não. Chama de sapeca ou de arteiro.

– São quadros muito bonitos que a gente vê nas exposições.

– Eu até faço aula disso! Uso cola, tesoura, tinta também. Desenho com giz.

A professora:

– Então, quem é artista?

As crianças:

– É aquele que faz coisas legais e bonitas. Pode ser teatro, música, circo, cinema, quadros, exposições, fotos, estátuas.



Referências Bibliográficas

- CAVALCANTI, Zélia (coord.). *Artes na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FUSSARI, M^a F. de R.; FERRAZ, M^a Heloísa C. de T. *A arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GÂNDARA, Mari. *Atividades ritmadas para crianças*. São Paulo: Átomo, 1999.
- LINO, Dulce Maria Lemos. *Música é cantar, dançar e brincar! Ah, tocar também!* In: CUNHA, Susana Rangel Viera da. (org.) *Cor, som e movimento. Cadernos de Educação Infantil*. V.8. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, s.d.
- RABITTI, Giordana. *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- REVERBEL, Olga. *Um caminho do teatro na escola*. São Paulo: Scipione, 1997.
- ROCHA, M^a Sílvia P. M. L. da. *Não brinco mais: a (des)construção do brincar no cotidiano educacional*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2000.
- SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Atenção! Crianças brincando!* In: CUNHA, Susana Rangel Viera da. (org.) *Cor, som e movimento. Cadernos de Educação Infantil*. V.8. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- . *Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- TELLES, Maria Terezinha. *Didática do ensino da arte – a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer*. São Paulo: FTD, 1998.
- WAJSKOP, Gisela. *Brincar na pré-escola*. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1997.





Cândido Portinari - Bumba-meu-boi, 1956



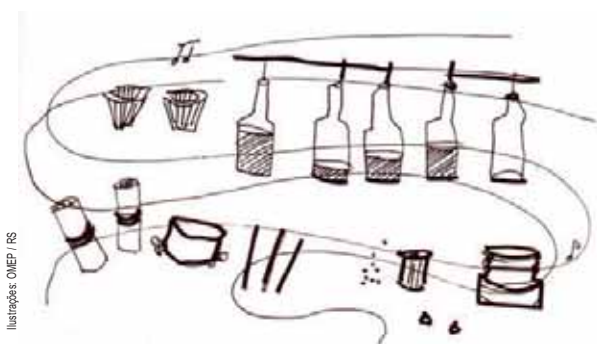
Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

Relato de uma professora:

“Com a utilização de um radinho, na falta de um CD, todos dançam e desfrutam a seleção musical da rádio sintonizada.”

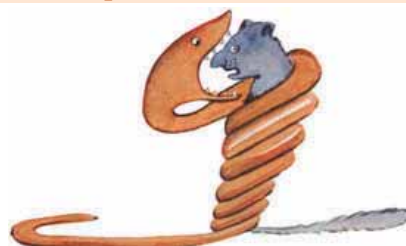
É uma ilusão pensar que a falta de recursos tecnológicos (como gravadores, CD players) ou instrumentos musicais em classe impossibilite um bom trabalho com música.



Ilustrações: OMEP / RS

- Realize e descreva um LABORATÓRIO MUSICAL, onde seja criado um ambiente sonoro que proporcione à criança a exploração e a construção de conhecimentos sobre música e o desenvolvimento da escuta musical através da coleta de sucatas: folhas secas, ossos, pedaços de madeira, molho de chaves, fios de nylon, atilhos, arames, recipientes com água, latas, entre outras que irá descobrir. Adultos e crianças poderão participar da atividade. Você também pode fotografar para melhor ilustrar seu relato.

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, “Histórias Vividas”, uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.



Dizia o livro: “As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão”.

Refleti muito então sobre as aventuras da selva e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim.



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Responderam-me: “Por que é que um chapéu faria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei, então, o interior da jibóia a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim.

Antoine de Saint-Exupéry – O Pequeno Príncipe



- Comente a passagem do livro “O Pequeno Príncipe”, citada acima, relacionando com as idéias do texto sobre artes visuais. Individualmente ou em grupo, reescrevam o conteúdo com as próprias palavras.

- A partir do estudo sobre artes visuais, organize um quadro sintetizando as principais características das fases do grafismo infantil, de acordo com Viktor Lowenfeld.

- Oportunize a utilização de materiais diversificados e de técnicas enriqueça a expressão artística e criadora das crianças, bem como a descoberta de substâncias de diferentes consistências e texturas. Faça uma mistura com 4 porções de farinha de trigo, 2 de água, 1 de sal e anilina. Leve ao fogo como se fosse um mingau. Se possível, permita que as crianças presenciem a mistura dos ingredientes para que observem a transformação da farinha em mingau. Ofereça folhas de papel grossas ou caixas para que as crianças cubram com a mistura. O prazer e o resultado satisfatório transformarão o momento em muita alegria. Se você conhecer outras “melecas” interessantes, escreva a receita em seu caderno.

Registre os comentários e questionamentos das crianças.

- O gosto pela arte, o prazer da contemplação de obras teatrais, da música ou de uma escultura iniciam-se através da experiência artística, da proximidade com as obras e da observação orientada por meio de informações sobre as mesmas.

Faça uma pesquisa em sua comunidade e em seu município.

Quais são os artistas locais, pintores, escultores, compositores? Há museus em sua cidade para serem visitados? Os artistas locais, como artesãos, poderão vir ao Centro Infantil para falar sobre suas obras e de sua inspiração artística.

- O circo também está impregnado de expressão artística. Há muita música e expressão cênica (principalmente a dos palhaços que fascinam e divertem as crianças): o cenário cheio de cores e luzes, as fantasias dos trapezistas, cujos corpos dançam em sincronia com outros corpos, os malabaristas que com sua destreza e habilidade fazem os pratinhos dançarem sobre varinhas... A magia do circo é contagiante!

Se não houver circo em seu município, crie com seus colegas educadores, com a comunidade e com as crianças um grande circo. Certamente, adultos e crianças poderão transformar-se em artistas circenses. Com a ajuda da comunidade, tudo poderá ser preparado: o palco, as fantasias, as músicas, etc.

Faça um grande painel com desenhos das crianças sobre as vivências e brincadeiras no circo.

Sugestões de CDs de músicas infantis

- Músicas daqui – Ritmos do mundo (Livro de história com CD de músicas) / Zezinho Mutarelli e Gilles Eduar
- Cantigas de roda / Paulo Tatit e Sandra Paes / Selo Palavra Cantada / Gravadora MCD
- Primeiro Em Canto / Paulo Tatit e Sandra Paes / Selo Palavra Cantada / Gravadora MCD

- Meu neném / Paulo Tatit e Sandra Paes / Selo Palavra Cantada / Gravadora MCD
- Canções de brincar / Paulo Tatit e Sandra Paes / Selo Palavra Cantada / Gravadora MCD
- Oficininha / Beto Herrmann
- O bê-á-bá encantado / Beto Herrmann

Sugestão de leitura

- KOHL, Maryann F. *O livro dos arteiros: arte grande e suja*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

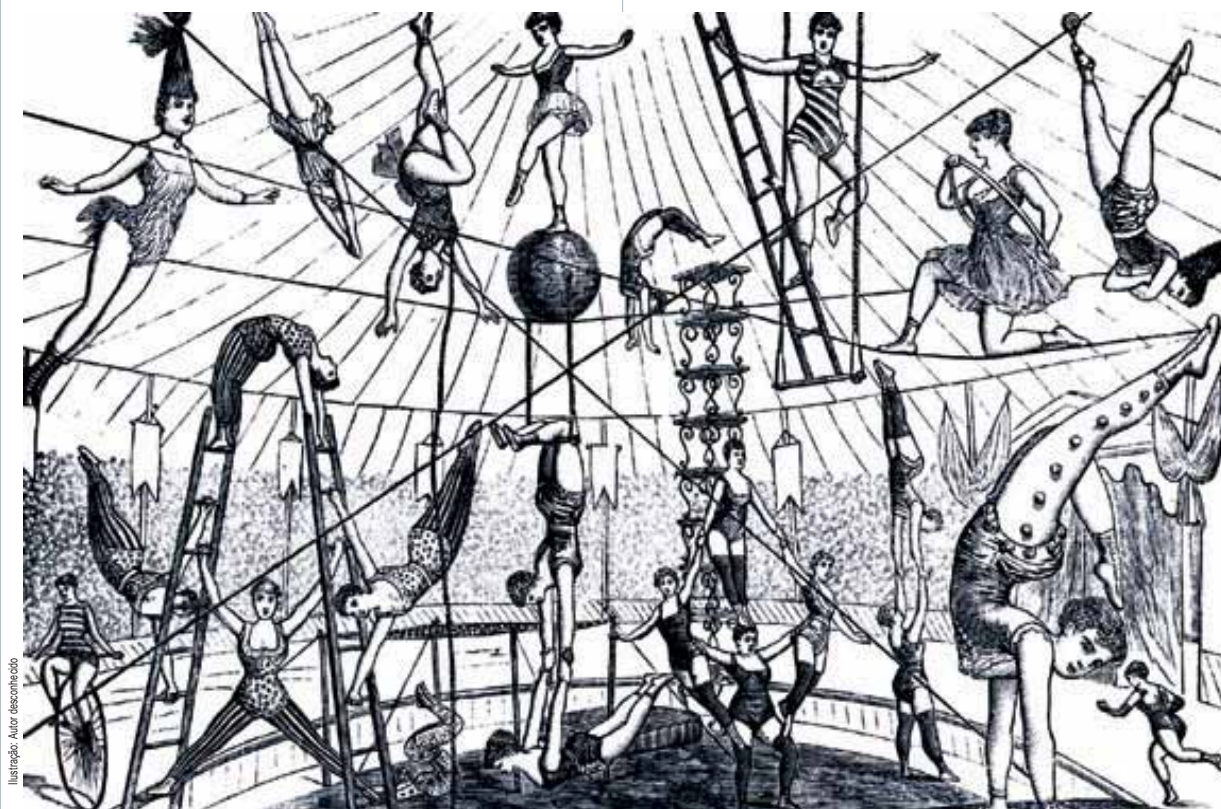




Ilustração: Valério / Casa de Livro



Conta uma história, só mais uma, tá?

Ana Maria Marshall

“Vindas do espaço sideral, do outro mundo, como diziam os celtas, do tempo dos sonhos, como acreditavam os aborígenes, do inconsciente coletivo, como afirma a teoria junguiana, as histórias nos cercam, formando um tecido diáfano, transparente, imperceptível ao olhar desatento, mas extremamente poderoso, um fio condutor no labirinto das nossas vidas.”

Novaes Coelho – Literatura Infantil, teoria, análise, didática

Era uma vez um sultão, nos longínquos países árabes, que vivia rico em poder e em ouro, mas pobre de amor; era muito, muito infeliz, porque o ódio morava em seu coração, pois a traição de sua esposa o levava a odiar todas as mulheres.

O sultão Shariar, este era seu nome, diariamente festejava um novo casamento, que só durava uma noite: na manhã seguinte, seu fiel assessor, o grão-vizir do reino, era obrigado a matar a nova sultana, até o dia em que sua própria filha Sheherazade resolveu enfrentar o perigo desse casamento, dizendo a seu pai:

– Deixe-me casar com o sultão, e garanto que não morrerei, pois sei como me salvar do terrível destino que matou todas as outras mulheres...

Desesperado, o grão-vizir concordou, e sua bela filha casou com Shariar, entre festas e banquetes, até que, à noite, chegou a hora de recolher-se com seu amo e senhor, o todo-poderoso sultão...

– Nobre senhor, implorou ela a seu esposo, deixe-me levar para nossos aposentos minha irmã mais nova, pois ela não consegue dormir sem ouvir uma história...

Embascado com tão absurdo pedido, mas curioso, também, por ouvir sua nova mulher, o sultão concordou, e os três se recolheram aos aposentos reais.

E Sheherazade, que todos conhecemos como a heroína das mil e uma noites, começou a contar a primeira de suas histórias, “O mercador e o gênio”, que se prolongou até a madrugada, quando ela viu que sua irmã estava adormecida e exclamou, assustada:

– Veja, nobre senhor, Dinazarda adormeceu, e não poderei terminar a história. Deixe-me viver até a noite, eu vos imploro, para então terminar minha narrativa...

Cruel, mas curioso, o nobre sultão concordou em atender a essa súplica e, assim, matar sua curiosidade, antes de matar sua esposa. O grão-vizir, tresnoitado, vibrava de alegria e de esperança, pois sua filha lhe dissera que usaria o que aprendera com ele para salvar



a própria vida: todas as noites esse amoroso pai contava uma história a suas filhas, que sabiam milhares de histórias...

Ao final de mil e uma noites, em que o sultão ouviu algumas das mais belas lendas e fábulas do Oriente, aconteceu que Shariar estava profundamente apaixonado por sua bela esposa; ela também se apaixonara e, assim, viveram felizes para sempre...

Não se conhece o autor de “As mil e uma noites”, mas as mil e uma histórias aí contadas trazem em si toda a riqueza cultural do Oriente, que é artisticamente transmitida oralmente e pela dança, através de séculos e de gerações, atravessando mares e desertos, até que um belo dia um escriba e artista fixou, em tábuas, todas as 1001 histórias, muitas delas nossas velhas conhecidas, como, por exemplo, “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, “Ali Babá e os quarenta ladrões”, e tantas outras.

No mundo ocidental, também houve esse resgate de contos tradicionais para o universo da escrita, mas quem lhes deu vida própria e interpretação individual sempre foram seus narradores, que felizmente até hoje são representados por todos nós, que convivemos com crianças e que nunca abandonamos nossa própria infância, na qual estão escondidas as histórias que ouvimos ou lemos pela vida afora...

Perguntando Se Aprende

Será mesmo tão importante ouvir, ler e contar essas histórias antigas?

Podemos dizer que, além de toda a riqueza artística e cultural que elas trazem consigo, as histórias tradicionais revelam para o mundo consciente os conflitos, as dúvidas e os medos que todos sofremos, encorajando as crianças e os adultos a enfrentarem o perigo, mesmo sabendo dos riscos que correm. Esse é um enfoque psicológico extremamente importante, e é em Bruno Bettelheim, psicanalista do século XX, que se desenvolvem teorias muito interessantes a esse respeito. O autor nos mostra, ao longo de seu texto, que a criança necessita interagir com aspectos da vida, como os seguintes:

- O BEM E O MAL EXISTEM, e podemos encontrar a felicidade pelo enfrentamento dos obstáculos que perturbam a ordem das coisas, ou pela ajuda de nossas próprias forças e de outras, as forças mágicas. Nessa luta, encontramos nossa própria identidade, e a criança é capaz de compreender isso, aceitando os fatos às vezes tão violentos nas histórias.

- HÁ GRANDES DIFERENÇAS ENTRE AS PESSOAS, e devemos fazer opções sobre como queremos ser. Nos contos tradicionais, como, por exemplo, as lendas, as fábulas e os contos de fadas, essas características aparecem divididas



entre os personagens, separando bondade/maldade, beleza/feiúra, fraqueza/força, etc.

A existência da madrasta malvada, em oposição à mãe, ou da sua representante extremamente bondosa, permite que se aceite melhor que em nossa mãe real, e em nós mesmos, convive essa dualidade emocional; todas as crianças precisam dividir a imagem dos pais entre os aspectos benevolentes e ameaçadores dos adultos, para que se sintam protegidas da violência pela benevolência.

A presença, a função e a esperteza de seres pequenos e (ou) deformados também ajudam na compreensão de que seres menores podem vencer os maiores. A extrema feiúra da Fera, os seres metade bicho metade gente são exemplo disso. Os sete anões são protetores e amigos de Branca de Neve, como também são cuidados por ela.

- O HERÓI FICA SOZINHO, sente-se abandonado e ameaçado, mas consegue, com ajuda externa, superar os obstáculos. A grande mensagem aí contida é que o herói dos contos de fadas entra nas maiores batalhas para conseguir seu ideal, sem saber se sairá vitorioso ou não. Mas é essencial que ele entre nas lutas, que enfrente os perigos, por maiores que sejam.

Outro aspecto muito importante, que a criança ainda não pode compreender, mas que os contos de fadas nos indicam,

é que os grandes conflitos humanos são organizados na fantasia.

Vamos continuar aprendendo? E a literatura infantil contemporânea, por onde anda e qual é o seu papel?

Anda muito bem, por caminhos de grande qualidade artística e textual, pois hoje contamos com excelentes escritores e ilustradores. Porém, não podemos deixar de celebrar nosso primeiro autor genuinamente nacional, Monteiro Lobato, o criador do “Sítio do Pica-pau Amarelo”.

É nesse espaço mágico que desfilam e vivem suas aventuras alguns dos heróis do passado, os personagens de contos de fadas, e também figuras de nosso folclore, todos convocados pela menina Narizinho, seu primo Pedrinho e a incomparável boneca Emília, uma das raras personagens-brinquedo que adquire magicamente a fala, conseguindo revelar esperteza, inteligência e total autonomia, tanto nas atitudes e invenções quanto na linguagem. Esse



Vinheta: Autor desconhecido



universo especial, situado entre o real e o imaginário, conta sempre com a parceria da maravilhosa Dona Benta e da fiel companheira tia Anastácia, que lidam muito bem com assuntos polêmicos, como a criação do mundo, as ideologias do século passado e as aventuras humanas do futuro.

Na literatura infantil das últimas décadas expõem-se, com vigor e audácia, temáticas fortemente relacionadas a realidades sociais atuais, como sugerem os textos de autores consagrados, como, por exemplo, Ziraldo, que em “Menina Nina” nos encanta com sua abordagem sentida da morte de sua esposa, companheira de 50 anos. Nesse livro, o autor aborda, além do amor em seu sentido plenamente vivido no cotidiano dessa avó com sua neta, suas próprias interpretações em relação à vida após a morte, dividindo com a neta essa difícil situação.

Mas, afinal, como vamos lidar com tudo isso?

Sabendo escolher, contar, e ler histórias – e também sabendo utilizar outros recursos artísticos e lúdicos, em uma interação prazerosa e afetiva, que relacione narrador/texto/ouvinte sem preocupações didático-pedagógicas. As histórias são sempre fonte de prazer e de reflexão para todos nós.

Inicialmente, é bom selecionarmos as histórias que mais nos encantam, aprendendo a interpretá-las diante de nossas crianças; depois, em outra visita ao passado, podemos retirar do baú encantado de nossa memória aquelas brincadeiras sonoras, como as canções de ninar e de roda, as parlendas (ou alguém já se esqueceu do “rei, capitão, soldado, ladrão, moça bonita do meu coração”) e dos trava-línguas, como o do “Rato roeu a roupa do rei da Rússia...?”. A coletânea “Quem canta seus males espanta” já editou dois volumes, com uma enorme variedade dessas preciosidades de nosso folclore, incluindo também antigas canções de roda, tudo maravilhosamente ilustrado e cantado por crianças pequenas (acompanha CD com mais de 70 composições).

Conforme Maria da Glória Bordini (1986):

“Das inúmeras possibilidades que se abrem a quem está interessado no discurso poético para crianças, a mais animadora é a de que existe um manancial inesgotável de textos em circulação nas camadas sociais mais diversas, referendado pela passagem do tempo e portador de uma sabedoria ingênua, reveladora das preocupações básicas do homem. Trata-se da poesia infantil de origem popular, cuja autoria desapareceu da memória coletiva e que se transmite (ou se produz) nas classes sociais dominadas, e espelhando seus interesses postergados.”





Ilustração: Cláudio Portinari / Livro Maria Rosa

Ao citar “interesses postergados”, a autora enfoca a importância do mundo imaginário como forma de escape ou de esperança em realização aos nossos sonhos aparentemente impossíveis, o que é também defendido por Bruno Bettelheim (1980). E, ainda com mais ênfase, Maria da Glória nos fala da importância da tradição oral na formação do processo narrativo.

De acordo com Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira (1986), “o ato de falar é algo visceral ao ser humano”. Anterior à escrita, guarda muito do “mimetismo”: aquele que fala tenta mostrar de forma imediata ao interlocutor o objeto de sua fala, através de vários canais simultâneos: palavra, entoação (ritmo), expressão corporal. Essa imagem inclusiva criada pela mensagem oral atua instantaneamente, de modo a proporcionar a troca direta de experiências entre os interlocutores.



De fato, quando contamos uma história, nosso entusiasmo aparece não só na nossa voz e em nosso rosto, mas o corpo fala junto, pois nos movimentamos e fazemos gestos que dizem tanto quanto as palavras...

Ao utilizarmos com as nossas crianças os recursos audiovisuais que apóiam a narração de histórias (gravuras, fantoches, CDs, fitas de vídeo e tantos outros), é importante lembrar que esses recursos vieram acrescentar-se à antiga arte de contar histórias, e nunca para substituí-la.

Os livros infantis multiplicam-se todos os dias, e é importante prestarmos atenção às reações das crianças, pois alguns deles mais parecem escritos para adultos, prolongando-se em textos nem sempre atraentes.

Para escolhermos uma boa história, é importante considerar que toda história deve ter personagens (reais, imaginários, “do bem”, “do mal”), cenário (um espaço, que pode ser cotidiano, como a rua onde moramos, ou muito especial, como



Ilustração autor desconhecido

o fundo do mar, ou um planeta desconhecido), um tempo qualquer, mesmo que não esteja definido, como o eterno “Era uma vez...”, ações encadeadas (as crianças precisam de um bom enredo, com muita ação) e um bom desfecho ou final, que pode ser modificado conforme os narradores ou os ouvintes quiserem. Recordemos aquela menina que cantava:

*Pela estrada afora eu vou bem
sozinha levar estes doces
para a vovozinha*

Essa história, quando contada na Idade Média, não perdoava a desobediência da Chapeuzinho, que era engolida pelo Lobo Mau e nenhum caçador aparecia para salvá-la!

Mas isso é outra história, e quem pode contá-la é a teoria da literatura infantil.



Ilustração autor desconhecido



Então, chegou a vez de os avós também entrarem em cena?

Certamente, vamos chamá-los para nossa rodinha, porque eles têm muito a nos contar... E não estão sempre ocupados como os papais e as mães, que precisam trabalhar tanto!

Não custa nada, também, procurar em algum porão ou sótão os velhos livros de gravuras, ou as fotos que contam as histórias de nossos antepassados, nas quais estamos incluídos...

Todas essas atitudes entrelaçam nosso mundo passado com o presente, tecendo a rede que embalará nossa história futura. Os atuais livros de imagens, com as notáveis contribuições de Juarez Machado, Eva Furnari e tantos outros, também devem ficar por perto das crianças.

Lembro uma noite em que, cansada de ler histórias para meu neto Érico, lanço mão, bocejando, de um desses livros sem texto, dizendo: “Olha só que lindo, agora quem sabe contar esta história é a imaginação da gente!”, e ouço, em resposta: “Tá, vó, mas conta como é a tua imaginação!”

Uma sala com bom ambiente de literatura

inclui, além de livros variados, almofadinhas ou tapetinhos, ou ainda outros lugares confortáveis para as crianças se acomodarem. Deve ser o que costume chamar de “cestas básicas”: uma cesta, ou baú com fantasias tradicionalmente conhecidas, como de fada, de pirata, e um milhão de outras, uma cesta com roupas e calçados de adultos, e outra (minha preferida), com panos, calçados, bijuterias e outros enfeites que estimulem as crianças a se representar como quiserem, transformando-se em personagens diferentes e vivos, nos quais facilmente se encontram aventuras prontas a percorrer o mundo divertido da criança e dos adultos que se deixarem



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gisele Calvi



atrair para o mundo fantástico das histórias, pois é só aí que seremos felizes para sempre...

Sugestões para uma biblioteca bem equipada

É importante compreendermos que não há literatura fechada em faixas etárias distintas, embora alguns princípios básicos possam nos ajudar a escolher.

- Para bebês e crianças muito pequenas, vamos oferecer os “livros para brincar”: são os livrinhos de pano, plástico e outros materiais que possam ser manusea-

dos livremente, dobrados, ou até mordidos, sem prejuízo algum para a criança. São muito necessários para que ela comece a se relacionar com eles de forma lúdica e prazerosa; há livros com ilustrações atraentes e coloridas, em páginas com relevo, com propostas que variam do girar ao dobrar, ou abrir uma parte da gravura. Seguem-se os livros com frases curtas e escritas em letras graúdas e variadas, sempre tendo em vista o futuro leitor, que muito cedo vai descobrindo que, além das figuras, há outros elementos que nos contam as histórias.



Ilustração: As Aventuras de Alice no País das Maravilhas / John Tenniel



- Nesta e em outras fases, é importante que o adulto mostre seu próprio encantamento pelas histórias, envolvendo a si e a seus pequenos ouvintes em narrativas interessantes e atraentes.

Lembrem-se, literatura infantil não é feita para ensinar valores, embora a maioria das histórias tragam maiores ou menores mensagens, escondidas ou escancaradas. Literatura, convém repetir, é obra de arte, de prazer, de fruição do mundo imaginário em que todos já moramos.

A listagem que se segue é apenas uma parte reduzida do que se pode considerar como literatura de boa qualidade, pois, como já afirmamos, a produção do livro infantil se multiplica em quantidades que inviabilizam uma orientação efetiva.

É muito importante que adultos e crianças visitem bibliotecas, não só as escolares, mas também as de outras instituições de suas comunidades.

As livrarias procuram não só oferecer os “livros da moda”, mas também acrescentar textos de boa qualidade, incluindo textos de autores considerados como “clássicos da literatura”.

Selecionamos a seguir uma pequena listagem do que está hoje no mercado editorial brasileiro, além dos autores já

citados no corpo do presente trabalho.

Antes da mais nada, voltamos a referir a riqueza dos contos de fada, publicados em diversas edições. A coleção “Era uma vez...Grimm”, da Editora Kuarup, tem mais de dez títulos publicados, com explicações muito claras sobre os Irmãos Grimm e sua contribuição à literatura infantil, com bibliografia de apoio e comentários sobre as histórias, ilustrações belíssimas e textos muito bem traduzidos daquelas histórias que todos ouvimos e nunca mais esqueceremos.



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gan Calvi

Título / autor / editora

- Agulha ou linha, quem é a rainha? / Machado de Assis / Projeto (recontado por P. Bentancur)
- O amigo da bruxinha / Eva Furnari / Moderna
- A arca de Noé / Vinícius de Moraes / José Olympio
- As aves / Jean François Martin / Scipione Marie Aubinais
- A bagunça da macaca / Paula Browne / Callis Editora
- Banho sem chuva / Ana Maria Machado / Melhoramentos
- Bom remédio / Tatiana Belinky / Ediouro
- Bonequinha doce / Alaíde L. Oliveira / Lê
- Bonequinha preta / Alaíde L. Oliveira / Lê
- A bruxa Salomé / Audrey Wood / Ática
- O cachorro e a pulga / Liliana e Michele Iacocca / Ática
- Feliz Aniversário, Lua / Frank Asch / A&A&A / Coleção Crianças Criativas
- Cadê o Júlio? / John Burningham / Moderna
- Cai, cai, balão / Luís Duarte / Kuarup
- Canção da tarde no campo / Cecília Meireles / Global
- Casa pequena / Ângela Lago / RHJ
- João e o pé de feijão / Gian Calvi / Global / Coleção Crianças Criativas
- O ovo mais fantástico do mundo / Helme Heine / Global / Coleção Crianças Criativas
- A casinha pequenina / Ziraldo / Melhoramentos
- Chá de sumiço / Pedro Bandeira / Moderna
- Chapeuzinho amarelo / Chico Buarque / José Olympio
- Chega de beijos / Emma C. Clark / Salamandra
- A Cinderela das bonecas / Ruth Rocha / FTD
- As cores e os dias / Ziraldo / Melhoramentos
- O dia em que a Terra escureceu / Cláudio Martins / Dimensão
- Elefante? / Ruth Rocha / Melhoramentos
- Escondida / Tudor Humphries / Ática
- Eu era um dragão / Ana Maria Machado / Global
- Fada Fofa em Paris / Sylvia Orthof / Ediouro
- A fada que tinha idéias / Fernanda Lopes de Almeida / Ática
- Dr. de Soto, o Rato Dentista / William Steig / A&A&A / Coleção Crianças Criativas
- Haroldo vira gigante / Crockett Johnson / A&A&A / Coleção Crianças Criativas
- Filó e Marieta / Eva Furnari / Paulinas
- Flicts / Ziraldo / Melhoramentos
- Folclore mágico / Ciranda Cultural
- Fumacinha / Maria do Carmo Brandão / FTD
- Galo, galo, não me calo / Sílvia Orthof / Formato
- O gato com frio / Mary e Eliardo França / Ática
- A girafa sem sono / Liliana e Michele Iacoca / Ática
- O grande rabanete / Tatiana Belinky / Moderna
- O Passeio de Rosinha / Pat Hutchins / A&A&A / Coleção Crianças Criativas
- Histórias de Trancoso / Joel Rufino dos Santos / Ática



- João e Maria / M. Company / R. Capdevila / Scipione
- O macaco medroso / Sônia Junqueira / Ática
- Macaquices / Liliane e Michele Iacoca / Ática
- A magia do brincadeiro / Mario Pirata e Helena Schneiders da Silva / Mercado Aberto
- A mentira da barata / May Shuravel / Paulinas
- Monteiro Lobato / Nereide S. Santa Rosa e Mica Ribeiro / Callis Editora
- Nicolau tinha uma idéia / Ruth Rocha / Quinteto Editorial

- No tempo dos meus bisavós / Nye Ribeiro / Editora do Brasil
- Onde está o fantasma? / Hallie Wein / Editora Caramelo
- Um palhaço diferente / Sônia Junqueira / Ática
- O palhacinho Pim-Pom / Carlos Bauer / Paulinas
- O pato poliglota / Ronaldo Simões Coelho / Ática
- Por quê? / Nicolai Popov / Ática
- A porta / Cristina Von / Callis Editora
- Quebra-língua / Ciça / Nova Fronteira
- Quem embaralha se atrapalha / Eva Furnari / FTD
- Quem espia se arrepia / Eva Furnari / FTD
- Quer brincar? / Eva Furnari / FTD
- O rato da cidade e o rato do campo / Girassol
- O sapateiro feliz / Maria Clara Machado / Ediouro
- Se faísca, ofusca / Sylvia Orthof et al. / Ediouro
- O sonho da vaca / Sônia Junqueira / Ática
- Surpresas / Mary e Eliardo França / Ática
- Travadinhas / Eva Furnari / Moderna
- O vento / Mary e Eliardo França / Ática
- Você troca? / Eva Furnari / Moderna



Renoir: Ao piano, 1892



Além de livros, o mercado conta também com excelentes sugestões em CD, CD-Rom, fitas de vídeo e DVD.

Na internet, há sites adequados a crianças. A título de sugestão, procure em:

www.w3haus.com.br/chico/fabula

ou em www.ciberpoesia.com.br

ou em www.criancascriativas.com.br

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Era uma vez...na escola – formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas?* Petrópolis: Vozes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

CADERMATORI, Lúgia. *O que é literatura infantil*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. *Escola, sala de leitura e bibliotecas criativas: o espaço da comunidade*. Coleção Crianças Criativas. São Paulo: Global, 2004.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.

RESENDE, Vânia Maria. *Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva, 1993.



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

- Você se lembra de alguma experiência marcante relacionada ao ato de contar ou ouvir histórias? Registre suas memórias.
 - Escolha um conto de fadas e identifique suas características: o bem e o mal, as grandes diferenças entre as pessoas e o herói solitário. Registre essa atividade com um ou mais colegas.
- Tente, invente, faça uma história cujos personagens sejam você e seus alunos. Escreva e peça para as crianças que ilustrem.
 - Continue criando com suas crianças. O desafio agora é fazer poesia. Lembre-se da citação de Drummond de Andrade no texto Brincar e Criar: “todas as crianças são poetas, e com o tempo deixam de sê-lo”.



“Applia” artesanato Peruano



escreve meu nome?

Janice Oliveira

“Bah! Pra escrever GIGANTE precisa de um infinito de letras.”

(ITL, 5 anos)

A criança começa a demonstrar interesse por ler e escrever desde muito cedo. E esse interesse não acontece pura e simplesmente para realizar “tarefas” de adulto, mas sim para que ela comece a inserir-se em nossa cultura como ser que pensa e interage com o seu meio. É claro que o interesse da criança será maior ou menor de acordo com a sua interação com a escrita.

Atualmente, a maioria das crianças está em contato com a escrita nos mais diversos momentos. Seja qual for sua classe social, a escrita se faz presente nas necessidades de sua família: procurar um telefone na lista, fazer um bilhete, ler um livro ou tomar um ônibus.

Considerando que a necessidade do ser humano em se comunicar, tanto

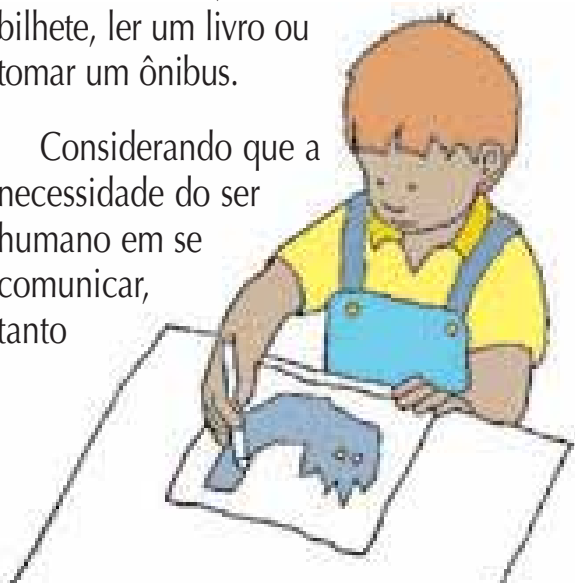


Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gail Calvi

oralmente quanto por escrito, vem desde o seu nascimento e que nossa cultura letrada lhe impõe a necessidade do uso da escrita, a escola deve estar preparada para responder a tal necessidade, procurando conhecer como esse processo começa a acontecer e o que fazer para proporcionar espaços para a descoberta, a troca de informações, a elaboração de hipóteses e a evolução desse processo.

Para começarmos a pensar a respeito do processo de construção da leitura e da escrita pelas crianças, precisamos considerar todas as suas manifestações sobre esse assunto como fundamentalmente valiosas para entendermos como ele acontece. Nos questionamentos das crianças, nas suas hipóteses a respeito do mundo da escrita e nas suas manifestações espontâneas, estão todas as indicações de que precisamos para elaborar uma proposta de trabalho que leve em conta a ludicidade natural – que muitas vezes é negada pela escola – presente na construção da língua escrita pela criança. Se a escola não estiver preparada para propor situações que respondam aos questionamentos e às necessidades da criança, continuaremos tendo um aluno/ouvinte que “recebe” informações e dificilmente sabe o que fazer com elas. Um aluno que aprende a negar o que já sabe e que, por toda a sua vida, esperará que alguém lhe mostre o quê e como fazer.



Portanto, o desafio para a escola e para os professores, principalmente dos pequenos, é inovar o espaço dedicado à alfabetização, começando pelo conhecimento de como a criança aprende a ler e escrever, para depois pensar em currículos e atividades que respondam a essa necessidade.

Qual o momento certo para a introdução das letras na aprendizagem infantil?

Para ilustrarmos esta questão de uma maneira bem simples, façamos um paralelo entre o desenvolvimento da oralidade em um bebê e a “aprendizagem” da forma escrita de nossa língua.

Para que um bebê comece a falar, não é costume definir um momento certo para isso. Naturalmente, a criança vai amadurecendo suas estruturas, fazendo balbucios e estabelecendo relações entre os sons do ambiente em que vive e os que é capaz de reproduzir. Mesmo que os adultos que rodeiam essa criança não tenham a intenção de ensiná-la a falar, passam a estimular tais manifestações, com o intuito de que a sua fala evolua cada vez mais. Portanto, não se estabelece previamente o momento “certo” para esse acontecimento. Os sons estão no ambiente de convívio da criança, que os percebe e utiliza para suas crescentes construções na aquisição da língua materna.

Se considerarmos a aquisição da fala como a construção de um conhecimento que acontece da mesma maneira que todos os outros que virão na vida de uma criança, chegaremos à conclusão de que o processo de construção da língua escrita poderá acontecer assim como os demais. A língua escrita está colocada no ambiente da criança desde a mais tenra idade.



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Cavi

Utilizamos a escrita para nos comunicarmos das mais diversas formas, sendo todas elas bem explícitas para a criança, ou seja, nosso ambiente é naturalmente “letrado”. Temos jornais, revistas, televisão, livros, rótulos de produtos e bilhetes sempre rodeando o cotidiano da criança. Isso não significa dizer que ela está o tempo todo observando e estabelecendo relação entre o que sabe e o que vê, mas sim que não conseguimos perceber o momento exato em que tais observações passam a fazer sentido para ela. Assim, é impossível estabelecer com precisão se a criança estará pronta para



ser alfabetizada na educação infantil ou na primeira série. Fique claro aqui que estamos considerando não apenas as condições de maturação biológica, mas também a observação, a curiosidade e o questionamento infantil acerca da utilização da escrita.

“No caso da aprendizagem da língua oral, os adultos que rodeiam a criança manifestam entusiasmo quando ela faz suas primeiras tentativas para comunicar-se oralmente(...) Todos tentam compreender o que a criança disse supondo que quis dizer algo(...) Quando a criança faz suas primeiras tentativas para escrever, é desqualificada de imediato porque faz ‘garatujas’. (...) Ninguém tenta compreender o que a criança quis escrever, porque se supõe que não possa escrever nada até ter recebido a instrução formal pertinente.”

Emília Ferreira

Letramento – Função Social da Escrita

Aprender a ler e escrever não significa apenas estar a par de um código comum de comunicação. O fato de aprender a decodificação de um texto escrito por outros não implica interpretação ativa e crítica do conteúdo escrito. Paulo Freire já escrevia, principalmente sobre alfabetização de adultos, que na leitura da palavra deve estar inserida também a leitura do mundo.



“Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.(...)”

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, no processo de alfabetização.”

Paulo Freire

As ações de entender, interpretar, julgar, atribuir valor e fundamento ao que é lido e também escrever, registrar, deixar a sua marca, é que realmente trazem o significado de leitura e escrita.

“Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade para ‘dizer por escrito’ esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta.”

Emília Ferreira

A partir do momento em que a criança percebe que leitura e escrita cumprem um papel importante no seu ambiente, sua curiosidade a respeito do assunto parece aguçada. Passa, então, a “precisar” escrever para fazer sua marca. Começam a ser mais freqüentes as perguntas em torno do assunto e têm início as primeiras manifestações de hipóteses. Desde a postura do adulto, que posiciona a cabeça, movimenta os olhos e/ou o pescoço, segura o lápis e o livro, até a reprodução de pequenos traços que já trazem o movimento da escrita como característica começam a ser imitados.

Para pensar!!!

Quando estiver escrevendo algum bilhete ou fazendo anotações em seu caderno de registros, perceba como alguns de seus alunos observam. Sem dar-se conta, você está mostrando a seus alunos que a escrita tem uma função muito importante e cabe à escola, através do seu trabalho, mostrar que função é esta e propor o encaminhamento dos questionamentos dos alunos a esse respeito.



Foto: OMEP - RS

Além do despreparo da escola para enfrentar os novos tempos, em que a criança está exposta a diversas fontes de conhecimento, principalmente através da televisão, temos a questão de que as crianças cujas famílias não têm uma relação estreita com o uso da escrita apresentam menos desenvoltura para a utilização dessa linguagem. Crianças que vêm de famílias que utilizam a comunicação escrita com frequência e qualidade evoluem mais rapidamente também em outros aspectos. Esse fato aponta para a importância do trabalho com leitura e escrita já na Educação Infantil, sobretudo nas escolas que atendem crianças vindas de famílias menos favorecidas.

Como Acontece o Processo de Construção da Escrita

A partir da construção da representação mental do mundo que a rodeia é que a criança passa a ter condições de utilizar símbolos que lembrem o que quer representar. Começam a surgir as brincadeiras de faz-de-conta, que são o exemplo maior de que tal noção está totalmente instaurada. Especificando melhor essa questão, salientamos que, para que a criança seja capaz de entender o uso da escrita como representação da linguagem (hipótese falsa, mas necessária), é importante que ela já seja capaz de utilizar outros símbolos para demonstrar o que pensa, como, por

exemplo, utilizar qualquer objeto para pentear o cabelo, simulando uma escova, ou desenhar um elefante sem que, para isso, o animal precise estar na sua frente.

A utilização do grafismo não se restringe apenas ao entendimento de que ele comunica algo, mas também de que ele está ligado a um processo interno de representação mental e a um simbolismo que já existe na criança antes mesmo de ela pensar em escrever.

Utilizando a psicogênese da língua escrita como embasamento, passamos aqui a apresentar as etapas de construção de hipóteses de escrita que a criança utiliza até que esteja completamente alfabetizada. De acordo com essa teoria, os níveis denominados não têm a



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gisele Calvi



intenção de categorizar as crianças evolutivamente, mas sim de auxiliar o educador a perceber as manifestações da criança, para que ele possa então propor desafios e desequilíbrios construtivos às crianças.

Níveis de Evolução da Escrita

Segundo Emília Ferreiro (1995), os níveis de evolução da escrita são os seguintes:

Pré-silábico: a escrita é representação da realidade. O que se escreve é o objeto, não a palavra. A criança não busca qualquer correspondência entre grafias e sons.

Silábico: a criança descobre que o que se escreve é a palavra, e não o objeto. Não estabelece ainda a correspondência precisa entre os sons e o número de letras para compor a sílaba. É possível estipular que qualquer letra pode servir para qualquer som, mas considera a existência da sílaba.

Silábico-alfabético: é uma fase de transição. A criança começa a perceber que a uma sílaba não corresponde exatamente apenas uma grafia.

Alfabético: a criança compreende o sistema estabelecido e pode-se dizer que adquiriu a conceitualização da alfabetização.

Ortográfico: é o momento de conhecimento das regras de ortografia.

Estes seriam os primeiros pensamentos da criança nessa grande descoberta que é a escrita. Primeiro, ela precisa diferenciar o desenho da escrita. Quando lemos livros para nossos pequenos, repetimos uma linguagem que não tem a mesma frequência e entonação que a falada. Tal fato começa a dar para a criança a possibilidade de pensar que a professora está lendo, e não falando.

Para pensar!!!

Quantas vezes seus alunos pedem: “Profe, agora conta esta história!?” E, quando você começa, eles dizem: “Mas não é assim! Conta como está aí?” Se perguntar a eles onde está desenhado e onde está escrito, como será que responderão? E livro sem figura? Dá para ler?

Por volta dos 18 meses, é muito importante para a criança começar a ouvir contar, criar, sozinha ou coletivamente, histórias infantis que possibilitem a sistematização da representação mental e também o princípio do entendimento de que a linguagem escrita, assim como o desenho, também representa alguma coisa que não está ali, que já aconteceu anteriormente àquele momento.

Após esses primeiros contatos, a criança passa a perceber que texto e figura são coisas diferentes. E, se pedirmos para as crianças escreverem o nome do que desenharam, teremos algo como a ilustração ao lado.



Se as crianças já conseguem realizar alguns signos, chamando-os de letras, percebemos que elas utilizam uma quantidade de no mínimo três letras e uma variação entre as que ela já conhece. Ou seja, se escrevermos AR e perguntarmos para elas se dá para ler, responderão que faltam letras para que seja possível estar escrito ali alguma coisa.

Uma outra característica importante nesse primeiro nível de desenvolvimento é que as crianças acreditam que o que se escreve é o próprio objeto, e não apenas o

seu nome;
assim, carro deve ser um nome muito grande e camiseta um nome bem pequeno.

Os exemplos que citamos até aqui estão inseridos no nível **pré-silábico** do processo de construção da escrita.

Posteriormente, a criança começa a perceber os sons que pronuncia numa palavra e utiliza uma letra para marcar cada sílaba da palavra. Podem ser ou não as letras contidas na palavra, o que irá

variar de acordo com a evolução da criança no mesmo nível e também do conhecimento que ela já possui sobre o alfabeto. Esse próximo nível é chamado de **silábico**.

Aqui é importante salientar que a hipótese silábica, embora falsa (pois nossa escrita não se dá dessa maneira), é necessária, porque é a partir dela que a criança começará a perceber que existe algo mais na palavra que não apenas as letras mais sonoras. Para que a criança evolua da fase anterior, pré-silábica, em que usa muitas letras

para representar uma palavra, para a silábica, temos que proporcionar situações em que ela consiga escutar o que fala. A brincadeira de



bater palmas para palavras escolhidas pelo grupo, salientando a quantidade de sílabas, é uma atividade bastante prazerosa e contribui para a evolução de um nível para o outro.

Quando a criança já consegue reconhecer muitas letras do alfabeto e utilizá-las da maneira adequada na palavra, embora ainda esteja no nível silábico, dizemos que ela está utilizando as letras com valor sonoro, ou seja, quando aparece o som do A, ela utiliza essa letra e assim por diante.

No próximo momento do processo, a criança poderá encontrar-se em dois níveis ao mesmo tempo. Ela ainda utiliza uma letra para representar cada sílaba, mas já consegue perceber que existem outras letras na palavra que pronuncia. Esta é a passagem do nível silábico para o **silábico-alfabético**.

Posteriormente, a criança vai para o nível **alfabético**, no qual ela já consegue identificar a maioria das letras necessárias para escrever uma palavra, faltando apenas as letras que estão relacionadas com a ortografia de nossa língua, como o uso de X e CH, RR, LH, Ç, e também a correta acentuação gráfica.

Por último, apresenta-se o nível **ortográfico**, no qual as crianças já têm condições de se colocar a par de todo o funcionamento da língua portuguesa

com todas as suas regras. Estas já são crianças maiores (por volta dos 7 anos).

Cabe ao educador, após entender como esse processo acontece, proporcionar à criança atividades que desafiem



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi

suas hipóteses e seus conhecimentos acerca da escrita.

Papel da Escola e do Professor

Trabalhando com crianças em torno de 18 a 24 meses, comecei a introduzir o

momento de hora do conto já no início do ano, desencadeando um processo de intensa curiosidade a respeito dos livros e da literatura infantil. Passamos, então, a reproduzir as histórias que mais agradavam, pois eram solicitadas repetidamente

“aparecer” em todas as garatujas das crianças. Organizei com o grupo livros interativos que recontavam a história de uma maneira bem simples. Os personagens, feitos de papel e colados em um palito, passeavam pelas folhas dos livros, contando a história que já estava escrita previamente por mim. Cada vez que contávamos a história, as crianças poderiam perceber que havia uma “linguagem de texto” que não é a mesma quando falamos. Dessa forma, já estamos proporcionando espaços de “leitura” para nossos pequenos alunos.

Inserindo a leitura e a escrita em nossa sala de atividades de maneira intencional, estaremos criando o chamado “ambiente alfabetizador”. Esse ambiente não é aquele que está cheio de letras penduradas nas paredes, as quais não fazem o menor sentido para as crianças, porque não recorrem a essas letras para nada. Ambiente alfabetizador é aquele em que a leitura e a escrita estão presentes em toda a sua essência. Quando lemos diariamente para nossos alunos, sejam histórias, cartas, revistas ou jornais, estamos proporcionando esse espaço. A curiosidade sobre o que a professora lê é aguçada e todos começam a tentar “descobrir” o que está escrito aqui e ali.

O momento da roda, em que todos se reúnem para conversar, é o mais propício para essa exploração. Podemos ler



como a “Branca de Neve e os Sete Anões” e “Os Três Porquinhos”, de diversas formas: por meio do livro, de dramatização com teatro de sombras, fantoches, etc. O desenvolvimento da linguagem nesse grupo evoluiu a olhos vistos e os personagens começaram a



recados, matérias importantes do jornal ou a “história do dia”, sem precisar necessariamente realizar algum “trabalhinho” após a leitura.

Quando entramos em uma sala de educação infantil, percebemos que todos os objetos da criança estão identificados com seu nome. Essa iniciativa propõe um excelente início de trabalho, pois, além de abordar a identidade da criança, possibilita o conhecimento das letras, tanto do seu próprio nome como os dos colegas, além de outras formulações de hipóteses a respeito da escrita. Um avanço que podemos propor às crianças é que elas percebam, num primeiro momento, que crianças menores podem ter nomes grandes e vice-versa, possibilitando a evolução da criança, que, como vimos anteriormente, está num nível em que acredita que o nome do objeto deve ser do tamanho do objeto.

Em outro nível, dependendo da evolução das crianças, podemos deixar folhas e lápis a seu alcance para que possam optar, no momento do brinquedo livre, por exemplo, por brincar também de escrever. Assim, a criança passa a utilizar o desenho e suas hipóteses de escrita de modo mais frequente e espontâneo.

A criação de livros de história, tanto individual como em grupo ou acompanhada pelo professor, é outra atividade que sempre produz excelentes resulta-

dos. O fato de existir um “escriba”, que pode ser o educador ou alguma criança que já consiga escrever melhor que as outras, começa a mostrar ao grupo que o que se escrever pode ser transmitido a outras pessoas.

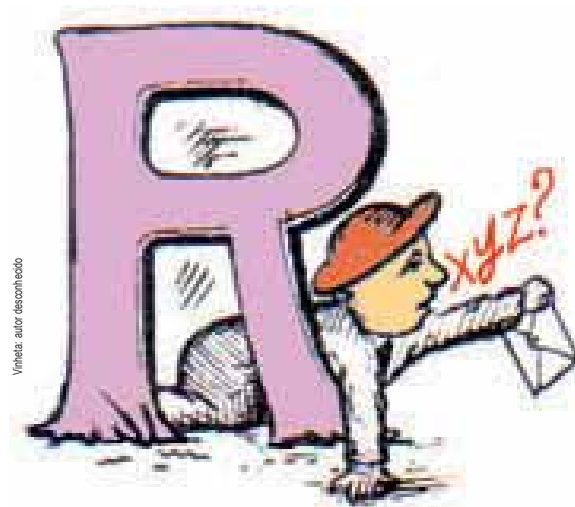
Particularmente, sempre gostei de inventar histórias com minhas crianças. A partir de um tema de casa que pedia figuras de revistas em que o nome começasse com determinadas letras, criamos um livro de histórias que foram elaboradas em grupo, sendo que cada um escolhia uma figura para dar continuidade a nossa história. Combinamos anteriormente os critérios para essa história: ela deveria fazer sentido na mudança de uma “cena” para outra e deveria conter coisas engraçadas. Dados esses critérios, criamos várias histórias que passaram a circular por toda a escola, e os outros grupos já ficavam esperando qual seria a próxima aventura que inventaríamos.

Depois disso, as próprias crianças já começam a tentar escrever de sua maneira, pois se sentem respeitadas nas suas tentativas de evoluir. Passam, então, a fazer suas próprias criações.

O quadro a seguir mostra um resumo do que Emília Ferreiro propõe como enriquecimento do espaço pedagógico, que possibilita o desenvolvimento do processo de construção da escrita na criança.

Portanto, a função da escola, e conseqüentemente do professor, deve ser a de criar espaços para que as crianças tenham liberdade de manifestação e também buscar instrumentos suficientes para entender essas manifestações e proporcionar a continuidade desse processo de evolução.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1987.



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

- Ilustre o quadro dos níveis de evolução da escrita, segundo Emília Ferreiro, com representações gráficas de crianças. Faça um painel ou cole no seu caderno.
- Faça o relato de um dia de atividades com as crianças no Centro de Educação Infantil, desde a chegada até a hora da saída. Identifique momentos em que

as crianças estão sendo estimuladas a desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita.

- Proponha a um grupo de crianças, a partir de 3 anos, que faça um desenho. Depois de pronto, peça que elas “escrevam” o nome de cada objeto do desenho (do seu próprio jeito). Observe se há diferença do traçado das crianças quando desenham e quando escrevem. Relate a experiência, registrando o seu entendimento sobre o que observou.



Ilustração: OMEP / RS

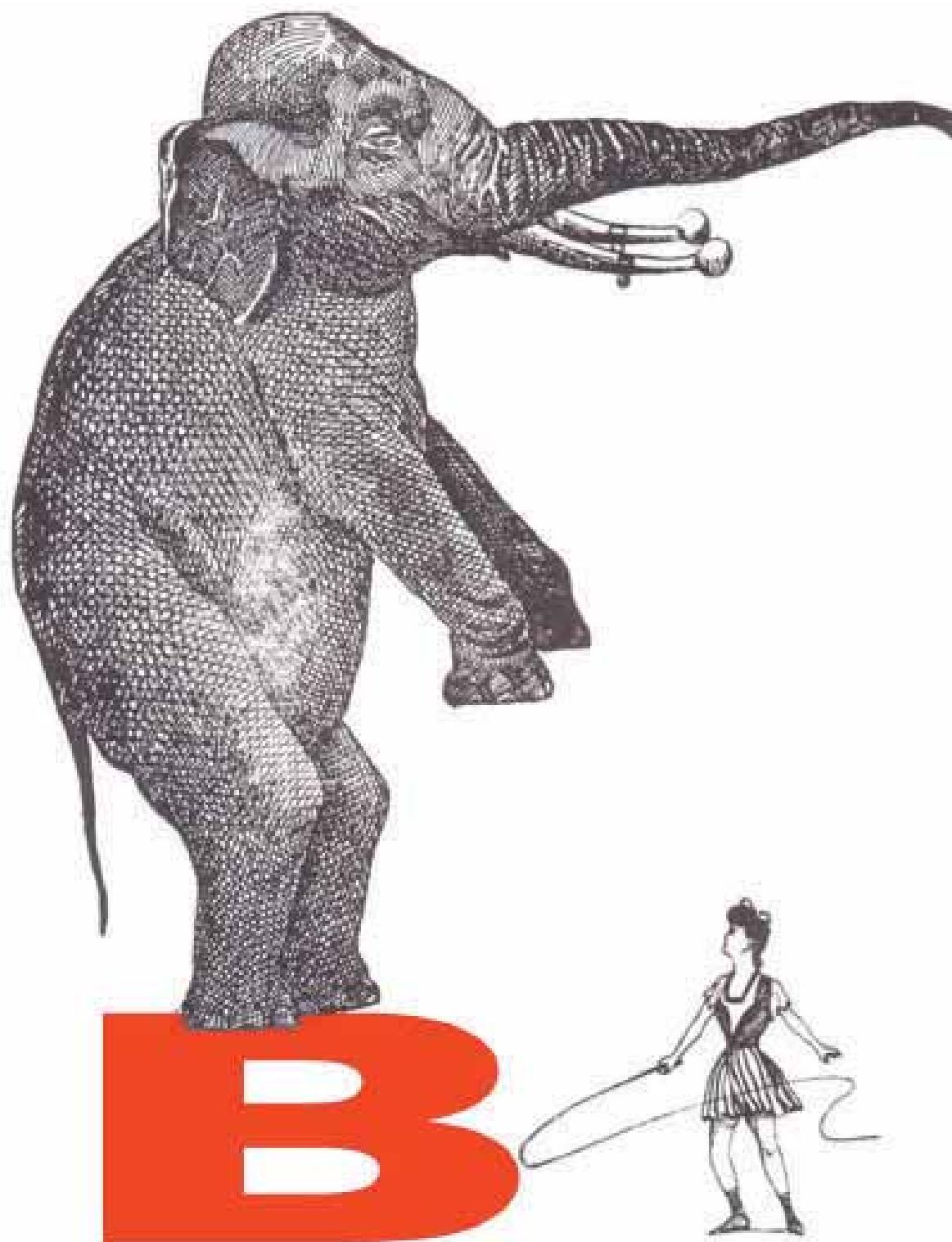


Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi



atureza, Cultura e Sociedade

Será que existe ou já existiu vida em Marte? O que significam os achados da ciência e da tecnologia no chamado “planeta vermelho”?

Nosso planeta, a Terra, é cheio de VIDA. Aqui temos espaço, todos os tamanhos e formas de seres vivos, o que desperta nossa curiosidade sobre as formas de adaptação e sobrevivência de cada uma delas.

Este planeta é nosso! Vamos dar as mãos e, juntos, cuidar dele!



Foto: Estúdio CRANÇAS CRIATIVAS/Gem Cakel



natureza, Cultura, Sociedade e suas Transformações

Cleonice de Carvalho Silva

*Nenhuma ciência é maior
do que a de estar vivo.*

Carlos Nejar

Os últimos séculos foram marcados por muitas transformações e, entre elas, se encontra a busca de novas maneiras de o homem viver em sociedade e estabelecer relações com o meio ambiente. Junto com essas transformações, surgiram mudanças nas formas de percepção e classificação do mundo natural. O ser humano deixou

de perceber a natureza como um ser sagrado com vida própria, como era percebida anteriormente, e passa a dominá-la e explorá-la, com a ajuda da tecnologia. Essas transformações podem ser situadas principalmente no campo científico-tecnológico, mas também nos campos cultural e político das relações da sociedade moderna. A partir desse processo de transformações e do crescimento acelerado da sociedade industrial, com o desenvolvimento tecnológico, houve um aumento dos riscos provocados pelas consequências de uma sociedade moderna demasiadamente consumidora. Contudo, foi nos últimos 200 a 300 anos que ocorreram as princi-



Foto: autor desconhecido



pais transformações e as principais separações entre o homem e o meio ambiente. O homem transforma o meio ambiente em que vive desde o início dos tempos, como qualquer outro ser vivo. A partir do século XVI, porém, essas transformações passaram a ocorrer de uma maneira muito rápida, impedindo que a natureza pudesse criar mecanismos de auto-sustentação ou reorganização. O meio ambiente era considerado um almoxarifado de recursos sem fim.

No século XV, já podíamos ter uma noção das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que se avizinham. Chegaram também as novas ciências com suas tecnologias, o dinheiro de uma burguesia em ascensão, a possibilidade das grandes navegações com a

criação de novos mercados, mas principalmente, a ligação do globo como um todo, num processo de globalização sem precedentes. Essa primeira globalização modifica de maneira irreversível o planeta Terra e funda, como diz Edgar Morin, a **era planetária**. No exato momento em que se inaugura a era planetária, apagamos a nossa origem terrena. Uma visão de desenvolvimento acelerado ganha corpo, causando um rompimento entre o homem e a natureza. Diante dessas perspectivas, constatamos que não existia a menor preocupação com a preservação do meio ambiente, visto que ele representava apenas uma fonte de renda. Desse modo, o homem passa a considerar que a natureza deve ser dominada. E, com essa intenção, ela é dividida e fragmentada. A dominação do ambiente, necessidade do homem moderno, o retira do próprio ambiente: a mesma revolução que globaliza o homem o faz um ser estranho à Terra. A riqueza aumenta na ordem direta da destruição da natureza dominada. A espécie humana se expande e toma todos os lugares do planeta. Tomamos posse de uma Terra que nos deu a vida e nem nos sentimos umbilicalmente ligados a ela. Podemos dizer, portanto, que o cordão umbilical foi cortado e escravizamos a própria mãe.

O século XX traz em si fontes de dualidades. A esperança de paz traz a guerra mundial. A tecnologia deixa a vida



Ilustração: Estúdio CRIANÇA CRIATIVAS / Gauri Cahi

mais fácil e traz a morte, retratada no poder atômico de uma bomba. A economia traz a prosperidade e a pobreza planetária. O consumo traz o “acesso e a exclusão”. E a origem dessa dualidade pode ser percebida no racionalismo. A fome inesgotável de poder e o consumo encontram-se estritamente relacionados à profunda falta de sentido de nossas vidas. Nossa exclusão do mundo natural gerou um mundo desconexo, fragmentado, fora de contextos históricos e evolutivos, que ameaçam nossa vida no planeta. A educação ambiental integrada traz a proposta da união do homem à natureza, mas não como dominador ou dominado, e sim como parte integrante do planeta onde é importante conhecer, participar e agir para construir um futuro melhor.

*O senhor mire e veja o mais importante
O bonito do mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
não foram terminadas – mas que elas vão
sempre mudando.
Isto me alegra.*

Guimarães Rosa – Montão

Referências Bibliográficas

- GONÇALVES, F. S. Interdisciplinaridade e construção coletiva do conhecimento: concepção pedagógica desafiadora. *Educação e sociedade*, v. 49, p. 468-484, 1994.
- MORIN, Edgar. Ecologia e revolução. In: *Ecologia: caso de vida ou de morte*. Lisboa: Moraes, 1979.
- UNESCO, Brasília. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.



Foto: Sebastião Barbosa



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

O resgate do passado é necessário a todo processo de construção de identidade pessoal ou cultural. Saber a origem das coisas, as transformações ocorridas através dos anos e dos séculos; enfim, a história recente ou distante é importante para a construção do presente e para a preservação de valores culturais de uma civilização ou cultura.

A valorização do que foi vivido por gerações e as histórias de “outrora” que os idosos têm a contar são relevantes a todo esse processo de resgate de identidade.

Vamos Fazer Entrevistas?

- Que tal organizar com as crianças algumas perguntas para fazer aos idosos de sua comunidade? Eles podem vir ao Centro Infantil ou serem visitados em seus lares. Os vovôs e vovós gostam de lembrar o passado e têm muita sabedoria a nos ensinar. Sentem-se também

valorizados e úteis quando transmitem suas experiências às pessoas e, principalmente, aos pequeninos, que ouvem seus “casos” com muita curiosidade.

As perguntas podem ser sobre as relações sociais, as transformações tecnológicas, a proximidade com a natureza, etc.

Alguns exemplos: Como as pessoas viviam quando não havia a televisão para trazer informações? E quando não existia a geladeira nem o telefone? Como viviam as famílias? De onde vinham os alimentos que as pessoas



Foto: UNICEF/Columbia



consumiam? Estas são apenas algumas perguntas. Ponha a sua imaginação e a das crianças a trabalhar elaborando muitas perguntas aos mais velhos.

- Faça um livro ilustrado com desenhos das crianças contando todas as histórias relatadas pelas vovós e pelos vovôs.

A imaginação faz parte do jogo simbólico infantil. Ao brincar, as crianças criam situações fictícias, transformando o significado das coisas a sua volta ou imitando as ações dos adultos. Quanto maiores forem as experiências de jogo e exploração, tanto mais produtivas e criativas serão as idéias das crianças. Também ao criar atividades para que as crianças expressem idéias novas, você estará auxiliando o desenvolvimento da imaginação criadora.

- Vamos agora criar jogos de imaginação. Peça às crianças que fechem os olhos e pensem: como eram as cidades quando não existiam automóveis e ônibus? Como as pessoas se vestiam quando não existiam tecidos para fazer roupas? Como eram os brinquedos quando não existia o plástico?

A brincadeira do túnel do tempo também estimula a imaginação. Viajando através dele, podemos chegar ao tempo em que os índios viviam nas florestas ou em lugares onde a terra é coberta de gelo...

- O túnel do tempo pode ser dramatizado pelas crianças, ao mesmo tempo em que expressam as idéias que tiveram durante a “viagem”.

- Não se esqueça de escrever sobre as idéias mirabolantes apresentadas pelas crianças.



Chaplin



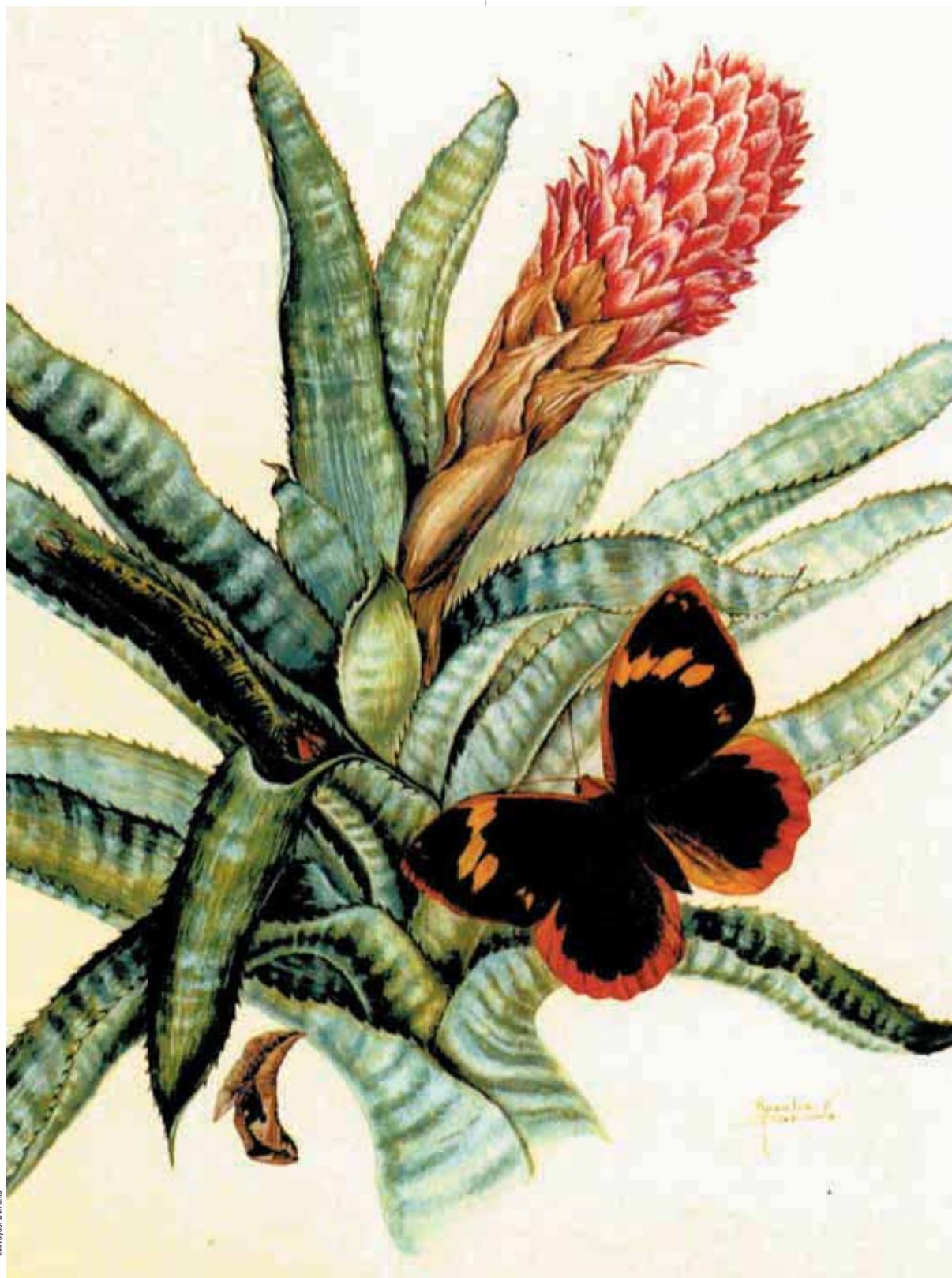


Ilustração: Demora





s Florestas, os Rios, os Mares, Eu e os Animais

Maria Helena Lopes

“Compreendemos que a educação ambiental deva ter como ponto de partida a sensibilização com relação à natureza, à vida. Mas qual o significado desta ‘sensibilização’? Trata-se de um modo de conhecer:

1) que relaciona uma determinada emoção com os sentidos corporais, no contato com a natureza: esta emoção é o amor;

2) que confere um valor intrínseco ao estar vivo, ao estar participando de uma Vida que nos transcende;

3) que, indo além das palavras, suscita a admiração;
4) que funda uma ética do respeito e não-dominação, propiciando uma convicção que conduz a mudanças de comportamento em termos de uma educação ambiental. Mas decerto é necessário passarmos pela vivência de um contato com a natureza, capaz de suscitar em cada um o sentido de uma sensibilização, enquanto conhecimento fundado no amor.”

Sérgio Sardi – As Linhas Inspiradoras para a Educação Ambiental Infantil

No “começo de tudo”, quando homem e universo iniciaram sua trajetória, conviviam em plena harmonia. A natureza era o lar, que abrigava, dava de comer, ensinava... Com o passar do



Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Caki



tempo, essa ordem foi alterada pelo homem, involuntariamente é claro. Deixando a sabedoria de lado e ignorando a dualidade homem/natureza, nossos ancestrais iniciaram um processo de destruição em todo o planeta Terra. Passaram-se muitos anos até que a civilização recuperasse o respeito pelas árvores, pelos mares, pelo ar que respiramos. Na realidade, hoje sabemos que necessitamos do equilíbrio ambiental para continuar vivendo.

A Educação Ambiental procura despertar a consciência das relações entre todos os seres do universo, concebendo o homem como um elemento entre tantos outros.

Hoje, após duas ou três décadas de movimentos que defendem a preservação da natureza, felizmente podemos afirmar que alguns avanços já são realidade e que podemos ter esperanças.

O diálogo com as crianças poderá acelerar o processo de reconquista das relações harmoniosas entre os humanos e o mundo mineral, vegetal e animal.

Para isso, alguns valores devem ser introjetados, como o amor, a necessidade de contemplação à beleza dos pássaros e das flores. Devemos sim extrair da Terra o que ela tem para nos oferecer, porém sem ganância e com a certeza de que nossa solidariedade é imprescindível.



Foto: Sebastião Barbosa



O resgate dos **valores humanistas** e a **reconstituição do que foi devastado** no planeta são os pilares da Educação Ambiental, cujos princípios básicos, definidos pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)¹, são:

- o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, sócio-econômico e cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- o pluralismo de idéias e concepções



Foto: Sebastião Barbosa

pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;

- a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais.

Por trás da importância atribuída à educação ambiental, está o conceito aparentemente óbvio, mas central na busca do desenvolvimento sustentável da natureza: só se preserva o que se conhece, ou melhor, ninguém ama o que não conhece.

A idéia de envolver a comunidade a partir da escola representa uma das evoluções mais importantes nos trabalhos da Educação Ambiental. E os resultados são animadores. Levar ao conhecimento da comunidade escolar assuntos como a importância dos rios, a despoluição ou a não-poluição dos mesmos, a coleta seletiva de lixo, os problemas da pesca e da caça predatória, o desperdício da água e da luz elétrica, denunciar o tráfico de animais selvagens, como diziam os ecologistas precursores dos anos 70, é “pensar globalmente e agir localmente”, é realizar ações individuais e coletivas.

Existe a possibilidade de administrar o meio ambiente. O problema é saber como e quem irá fazer isso. Todos gostam de uma rua limpa, de um jardim

¹Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 24/04/1995.



bonito. Todos percebem quando o desenvolvimento econômico desenfreado estraga a natureza. Não devemos apelar para exageros, não adianta dizer “não” toque a natureza; ela precisa sim é ser preservada, para que a **dualidade homem/natureza** se restabeleça.

Alguns relatos de conversas com crianças podem nos ajudar na compreensão de como tornar realidade a Educação Ambiental.

A educadora:

– O que devemos fazer para não maltratar a natureza?

As crianças:

– Não arrancar árvores.

– Não botar fogo, porque mata os animais, as plantas e não nasce mais nada ali.

– Não jogar lixo na água, porque não podemos viver sem água e os peixes morrem.

– Não matar e prender os pássaros, pois eles comem frutas e suas sementes saem no cocô do pássaro, e faz nascer outras plantas.

– Então o cocô da galinha faz nascer milho? comenta Egon.

A educadora:

– O que temos que fazer para cuidar da natureza?

As crianças:

– Fazer passeatas.

– Plantar outras árvores.

– Pedir para as pessoas não destruírem a natureza.

– Lixo é no lixo.

– Garrafa, lata, plástico, roupa não é alimento para a terra.

No início deste texto, afirmamos que ainda há uma centelha de luz, iluminando as mentes e os sentimentos dos homens, e que nem tudo está perdido. A indagação da educadora às crianças demonstra que os pequeninos já estão sensibilizados para os problemas ambientais e, mais, já detêm informações preciosas sobre os cuidados e a necessidade de preservar a mãe natureza.

Os meios de comunicação têm contribuído determinantemente na difusão das idéias em favor do respeito ao meio ambiente. Os movimentos sociais organizados no mundo inteiro foram precursores no despertar da consciência ecológica. Os resultados são evidentes no pensamento das crianças. Sua sensibilidade ao belo, ao poético, ao pueril, faz com que sejam catalisadoras de toda mensagem e apelo ecológico.

Outro referencial para a educação são os Temas Transversais, que integram os



Parâmetros Curriculares Nacionais².

Incluem a temática do Meio Ambiente, juntamente com Ética, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural, como temas que perpassam todas as atividades escolares, devendo seus princípios serem de domínio de todos os educadores para transitarem no dia-a-dia da escola.

Os conteúdos da educação para o meio ambiente confundem-se na Educação Infantil com os das Ciências: os fenômenos da natureza, as águas, as montanhas, o modo de viver dos grupos sociais. Esses assuntos podem ser enfocados também do ponto de vista da sua importância para a preservação do

ecossistema ou para a compreensão da diversidade cultural.

Nossa orientação aos educadores da infância dá ênfase à convivência fraterna entre as pessoas e a natureza. Convivência essa que certamente contribuirá para a solidariedade e a compreensão do universo humano em toda a sua complexidade, dando sentido a todas as experiências do cotidiano das crianças.

A observação, a exploração e a possibilidade de desfrutar do meio natural se constituem em experiências imprescindíveis para o desenvolvimento da consciência ambiental.



Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Giani Calvi

²Parâmetros Curriculares da Educação Nacional. Ministério da Educação, Brasília, 1999.



O contato com pequenos animais, como formigas, tartarugas, passarinhos, peixes, coelhos, pintinhos, e as tarefas de cuidado e criação, sempre com o acompanhamento da educadora, além de sensibilizar as crianças, porque desenvolvem sentimentos de afeto com os animai-zinhos, também são oportunidades de elevar o nível de conscientização sobre o meio ambiente.

Criar canteiros com folhagem e flores, plantar pequenas hortas, acompanhar seu crescimento e suas transformações, cuidar, regar, observar a ação dos insetos nos vegetais, também são atividades estimuladoras e enriquecedoras para as crianças. Assim, elas podem gradativamente desvendar uma percepção **integrada** delas próprias com a natureza, sentindo-se parte e agindo sobre ela.

A natureza mostra que as grandes árvores nascem de pequenas sementes. Talvez esteja depositada em nossas crianças, assim como nas sementes, a esperança de resolução dos problemas ambientais.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Quando eu era menino*. São Paulo: Papyrus, 2003.
- AMORIM, Elizabeth. *A dimensão do cuidado essencial no fazer pedagógico infantil como exigência primeira na construção da cidadania planetária*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências Humanas.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Editora Gaia, 1992.
- DÍAS, Alberto Pardo. *Educação Ambiental como projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SARDI, Sérgio A. Linhas inspiradoras para a educação ambiental infantil. In: PELIZZOLI, M. *A emergência do paradigma ecológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

Não me esqueci não. Prometi a vocês, faz tempo, que iria contar como era o mundo em que eu vivi, quando menino. Falei sobre o “lixão” (mil vezes mais terrível que o “apagão”) só para dizer a vocês que lá na roça onde eu vivi não havia lixo não.

Porque não havia essas coisas que o progresso produziu e que vão se acumulando, acumulando...

Havia coisas que a gente jogava fora sim. Mas elas eram biodegradáveis.

Imagino que vocês nunca ouviram essa palavra. “Bio” vem do grego bios, que quer dizer “vida”.

Biodegradável é aquilo que pode ser “comido” pela vida, aquilo que é alimento para a vida.

Por exemplo: as folhas mortas, numa floresta, são comida para o solo.

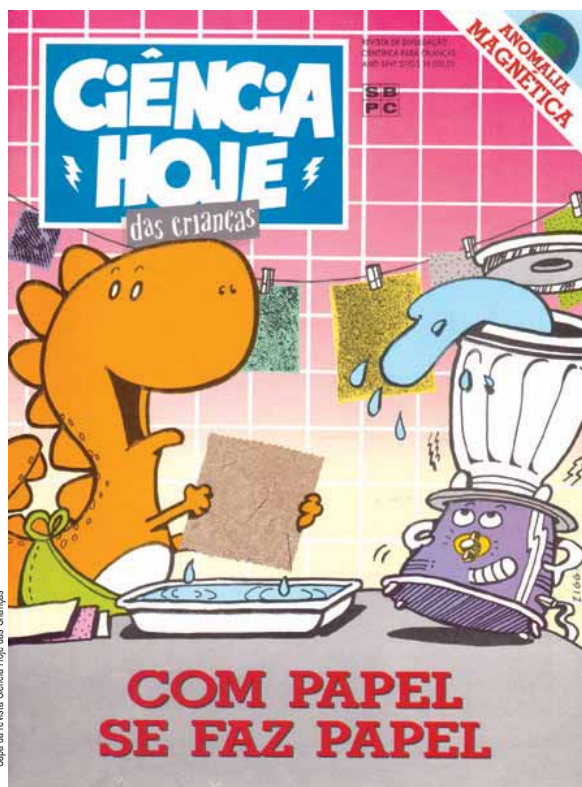
O solo come as folhas mortas e elas, as folhas mortas, transformam-se em fertilidade para o solo. Do solo assim fertilizado nascem outras árvores. A natureza tem esse poder maravilhoso de transformar a morte em vida.

Rubem Alves – Quando eu era menino

• A citação acima nos sugere duas importantes atividades para realizarmos com as crianças. A coleta e a seleção do lixo em materiais reaproveitáveis (plásticos, vidros, latas, papéis, caixas) e biodegradáveis (cascas de alimentos, folhas de árvores, sementes não-comestíveis de alimentos, etc). Faça essa

classificação com seus alunos, depositando o lixo em diferentes recipientes que podem ser caixas ou mesmo sacos plásticos.

• Com o lixo biodegradável, experimente, juntamente com seus alunos, transformá-lo em adubo para as plantas. Informe-se na comunidade sobre a técnica adequada para misturar o lixo com a terra e quanto tempo levará até a decomposição e transformação. Se possível, coloque uma ou mais minhocas na terra. Informe-se também sobre a forma adequada de fazer o minhocário. As crianças vão gostar e se divertir. Relate como foram as experiências através de um registro bem detalhado.



- Faça um passeio pelo bairro com as crianças observando os elementos da natureza. Na volta, muitas atividades interessantes poderão ser vivenciadas:

- Imitar os pássaros e outros animais, sons e movimentos, as árvores, as nuvens, o calor do sol ou a chuva caindo, jardins ou vasos floridos. Será o momento da expressão corporal e da dramatização.

- Relate como foi a experiência, só que desta vez peça às crianças que façam desenhos e montem um álbum.

- Durante o passeio, também podem ser coletados materiais como galhos e folhas secas, pedras, insetos. Eles poderão dar início a uma coleção de objetos da natureza. Crie temporariamente o espaço da natureza e peça às

crianças que contribuam trazendo outros elementos para enriquecer o “museu” de sua sala.

- Registre a atividade com fotografias ou com relato escrito.

- Com seus colegas, identifique quais das atividades propostas foram possíveis de ser realizadas com as crianças de 2 e 3 anos.

- Assista ao vídeo “Trabalhando com o Meio Ambiente”. Certamente, você encontrará mais fundamentação para os estudos sobre a Educação Ambiental e também mais sugestões de atividades para realizar com as crianças.

Sugestão de Leitura

ARAÚJO, Regina. *Gaia*. Porto Alegre: Editora Símile, 1996.



Foto: Sebastião Barbosa



Culturas Locais e Regionais: Valores, Mitos, Lendas e Crenças

Marise Campos

“Na fronteira do nosso conhecimento, permanece o reino obscuro do mito e da lenda. Narrativas de deuses e de homens do passado remoto, de heróis terrenos cujas proezas cativaram a imaginação popular, e de palavras mágicas e histórias transmitidas como folclore de geração a geração. É o mundo da imaginação humana, inventando contos fantásticos e criando, como que por encanto, símbolos para representar as verdades fundamentais e os mistérios da vida.”

Readers Digest, Enciclopédia do Conhecimento Essencial

Nenhuma sociedade constrói o presente e alicerça o futuro sem compreender sua cultura e sem conhecer o significado de sua história.

E o que é cultura?

Cultura é toda manifestação e expressão do fazer humano. É o mundo construído e recriado pela ação humana, espaço onde estão contidos significados impressos nos mitos, nas lendas, nas crenças e nos valores.

Desse modo, cada povo, cada região, cria sua identidade cultural e faz história.

Assim é o mundo que recebe a criança. Um mundo que ela precisa desbravar e entender seus mistérios, manifestar suas emoções, sentimentos e pensamentos, interagir e participar da construção da cultura e, a partir da expressão da sua identidade, fazer sua história.

Descobrimos na beleza do poema “Para você me educar”, de Vital Didonet, inspiração para discorrer sobre o tema: Cultura, Mitos, Lendas, Crenças e Valores.



Foto: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi

O autor revela fundamentos de educação, de vida e de valores culturais com uma profunda capacidade de síntese. Os versos aqui selecionados desvelam a essência de cada um dos temas abordados.



Para Você Me Educar

*Você precisa me conhecer,
Precisa saber de minha vida,
Meu modo de viver e sobreviver,
Conhecer a fundo as coisas nas
quais eu creio
E às quais me agarro nos
momentos de solidão,
Desespero, sofrimento.
Precisa saber e entender
As verdades, pessoas e fatos
Aos quais eu atribuo forças
superiores às minhas
E às quais me entrego
Quando preciso ir além de
mim mesmo.*

Cada sociedade constrói sua identidade a partir da criação de um sistema de idéias e imagens, em que a espiritualidade e a materialidade se mostram através de um imaginário social. Nele se expressam símbolos, valores, hábitos, costumes dos povos, de toda e qualquer região do mundo.

Para Você Me Educar

*Precisa me encontrar lá onde
eu existo,
Quer dizer, no coração das coisas,
Nos mitos e nas lendas,
Nas cores e movimentos,
Nas formas originais e fantásticas,
Na terra, nas estrelas,
Nas forças dos astros, do sol
e da chuva.*

Para Você Me Educar

*Precisa estar comigo onde estou,
Mesmo que você venha de longe
E que esteja muito adiante.
Só há uma forma de construí-lo:
A partir de mim mesmo e do meio
em que vivo.*

Uma coletividade é identificada por determinadas características, traços ou atributos que a individualizam e, ao mesmo tempo, a distinguem. Nesse processo pessoal e coletivo, os indivíduos definem-se em relação ao outro e a muitos outros.

Do ponto de vista da Antropologia, somente me percebo como identidade quando existe o outro diferente de mim.

Desse modo, posso ter certeza de que existo como indivíduo e como coletividade. Essa coletividade é formada pelas semelhanças e diferenças entre nós e os outros indivíduos. A partir de um olhar mais amplo é que se tem o entendimento do que é nação e do que corresponde a concepção de sociedade com sua história e com sua identidade.



Precisa compreender a cultura do contexto

***Em que se dá meu crescimento,
Pois suas linhas de força
São as minhas energias.
Suas crenças e expectativas
São as que passam a construir
O meu credo e as minhas esperanças.
Mas eu também estou aberta para
outras culturas.***

***Identidade cultural não significa
Prisão ao espaço que ocupo
Mas abertura ao que é
autenticamente nosso
E ao que, vindo de fora,
Nos pode fazer mais de nós mesmos.***

Todo esse processo envolve o resgate do passado e da memória cultural. Podemos afirmar que há uma representação síntese das diferentes regiões com as suas especificidades étnico-culturais e os seus agentes sociais. Precisamos saber quem somos, para onde vamos, despertar o que está adormecido em cada um de nós.

Dorotéo Fagundes, estudioso dessa temática, afirma em entrevista anexa a esse texto que “ter uma identidade cultural significa compreender o mundo, sua formação social e sua história”, porque a humanidade é um conglomerado de diferentes culturas, de religiões, de conhecimentos, de etnias, de mitos e lendas, de crenças, costumes e valores. O mundo contemporâneo esqueceu-se

de suas origens, de sua forma de ser dentro da condição regionalista.

Regionalismo e folclore ocupam um lugar da maior importância na formação da cidadania e na construção da identidade cultural, “pois estudam o conjunto das tradições, lendas e mitos, crenças, hábitos e costumes”.

O educador e a escola devem dar-se conta de que a criança tem que ser representada em sua cultura e de que essa cultura é impregnada de mitos, crenças, costumes e valores de uma região ou de um país.

A cultura universal é o produto de todos os homens.

Mas como posso contribuir com essa fraternidade

***Se não constituí o meu eu,
Que desperta, do mistério do meu ser,
As potencialidades adormecidas.***

***É uma educação que promove
Minha identidade pessoal.***

***Eu me educo fazendo cultura,
E, nesse ato de geração cultural,***

Eu construo minha educação

***Conquisto o meu ser,
na relação dialógica
Homem/Natureza.***

Despertar as crianças para toda essa mescla, para toda essa magia que se faz presente nas lendas e mitos, no folclore e na cultura, certamente possibilitará a cada



uma delas que se torne um ser que se identifique com “seu nome, que é sua marca pessoal, um sobrenome, que é a marca da família, e com sua identidade cultural, representada pela marca da aldeia, da nação”.

A criança, ao perceber-se com uma identidade, terá consciência dos valores legítimos de uma sociedade e de uma civilização, independentemente de raça ou classe social. Ao situar-se no tempo e no espaço, ela se perceberá como agente que constrói sua cultura.

A sociedade é resultante das ações humanas. É no grande emaranhado de mitos, lendas, crenças e tradições que as pessoas influenciam e são influenciadas.

A maneira como elas se identificam com todos esses fundamentos é que lhes confere o sentimento de pertencimento, é sua cultura.

Os mitos, as lendas e crenças são representações coletivas, são histórias, concepções elaboradas geralmente por um grupo cultural, com o fim de propor uma explicação mágica do mundo. Seu ponto de partida e sua função básica consistem em adaptar o homem ao mundo exterior, dominando a realidade.

A adaptação ao meio é inerente a todo ser vivo. Ser permeável ao meio é o que assegura a sobrevivência. A capacidade da consciência é ética, na medida em que

transita no binômio liberdade e responsabilidade. E a ética é a ciência que trata dos valores e pressupõe reconhecimento do bem comum, que é coletivo, busca promover o melhor de nós e determina o repertório de valores de uma sociedade.

A cultura tem grande importância para o desenvolvimento humano, e as transformações da sociedade estão intimamente ligadas aos direitos culturais, pelo surgimento de novos valores e pelo resgate das raízes culturais que embasam a cidadania. Por isso, é preciso resgatar raízes, ter herança cultural, ou seja, conhecer e vivenciar todo o legado que recebemos de nossos antepassados.

A interculturalidade também é algo que torna mais viva a herança cultural, mas que deve ocorrer numa relação horizontal entre as culturas originais.

A partir dessa interculturalidade horizontal, é sempre necessária a ética, para que possa garantir a convivência entre os povos, no diálogo entre culturas, religiões, tradições espirituais e etnias.

Nesse enfoque sociocultural, ressalta-se que o processo de educação de cada ser humano não ocorre de forma isolada, mas sim no seio de um grupo humano, no qual cada pessoa vive e aprende. E esse aprendizado não se dá somente pela necessidade intelectual dos indivíduos. Significa que, como seres humanos, nós aprendemos também porque temos necessidade de amar,

de sermos aceitos e respeitados e ainda porque precisamos buscar um propósito.

Segundo Howard Gardner, “A Educação deve ser vista como um empreendimento muito mais amplo, envolvendo motivação, emoções, práticas e valores sociais e morais”.

Fica claro que toda a sociedade e seus costumes devem estar imbuídos desses valores espirituais em suas diversas formas de manifestação. Estes são padrões que devem permear a cultura e a educação das

crianças, como verdadeiros paradigmas culturais que envolvem a visão do homem e a visão da vida ideal.

Estudos apontam que o ser humano possui estruturas interiores, como uma pré-consciência moral e um instinto ético, as quais, para serem ativadas, precisam ser estimuladas logo na primeira infância. Todos os estímulos são válidos: cantigas de roda, fábulas na hora de dormir, histórias reais e imaginadas, contadas em vários momentos e seguidas de reflexão ou interação com a criança. E, o que é mais importante, muitos abraços, beijos e carinhos.

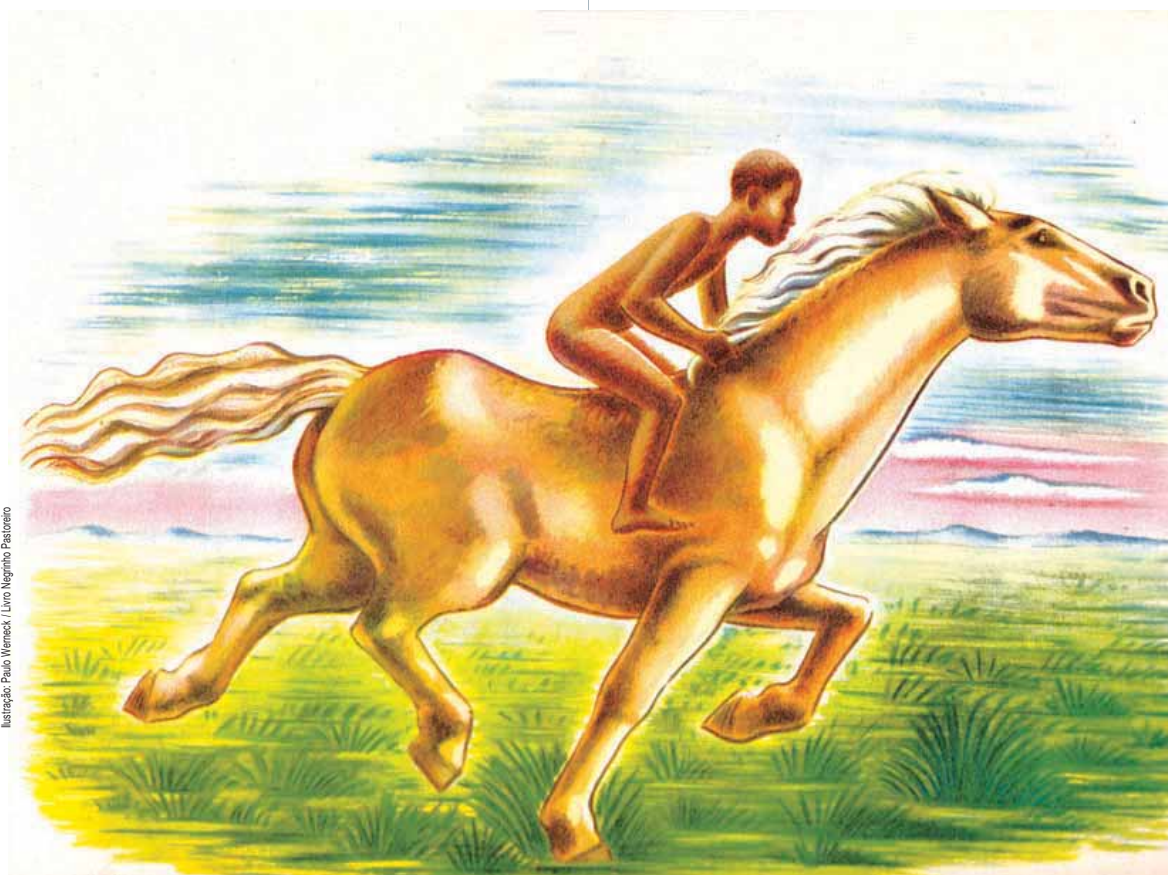


Ilustração: Paulo Wernick / Livro Negrinho Pastoreiro



Desse modo, a educação humana precisa despertar na criança todos os potenciais, o que será alcançado através da criatividade e da auto-expressão dessas potencialidades. Portanto, uma educação que busca resgatar os valores da sociedade e da cultura pode garantir não apenas a sobrevivência de uma coletividade, mas uma verdadeira qualidade de vida e felicidade, caracterizando-a como um referencial de humanidade e de civilização.

“Um homem do povoado de Négua, na costa da Colômbia, pôde subir ao alto céu.

Na volta, contou.

Disse que havia contemplado, lá de cima, a vida humana.

E disse que somos um mar de foguinhos.

– O mundo é isso, revelou. Um montão de gente, um mar de foguinhos.

Cada pessoa brilha com luz própria entre as demais.

Não há dois fogos iguais.

Há fogos grandes, fogos pequenos e fogos de todas as cores.

Há pessoas de fogo sereno, que nem percebem o vento, e pessoas de fogo louco, que enchem o ar de faíscas.

Alguns fogos bobos não iluminam e nem queimam,

mas outros ardem na vida com tanta vontade que não se pode vê-los sem pestanejar, e quem se aproxima se acende.”

Eduardo Galeano – O livro dos abraços

Conceitos

- **Mitos** – Narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Representação de fatos ou de personagens reais, exageradas pela imaginação popular e pela tradição. Narrativa de significação simbólica referente a deuses ou aspectos da condição humana.

- **Lendas** – Narrativas simples e sintéticas que respondem às indagações do homem frente ao que desconhece e admira, ligando-se à dimensão total de cultura.

- **Crenças** – Convicções íntimas baseadas em normas que a comunidade aceita como indiscutíveis ou, ainda, narrações escritas nas quais os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética.

- **Valores** – Normas, princípios ou padrões sociais, aceitos ou mantidos, por indivíduos, classes, sociedade, etc.

- **Folclore** – Conhecimento das tradições de um povo, expressas em suas lendas, crenças, canções e costumes.

- **Cultura** – Complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais, transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

(Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)



Referências Bibliográficas

- BETANUR, Paulo. *Platão: os homens na caverna*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- Ciências Humanas e suas Tecnologias – módulo 2 – ASI Magistério – SME São Paulo, dezembro 2002.
- DAHLBERG, Evanilda; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- Enciclopédia Ilustrada do Conhecimento Essencial*. Readers Digest, 1998.
- FAGUNDES, Dorotéo. *Palestra sobre Tradicionalismo e Regionalismo na Educação Infantil*. Curso OMEP/2003.
- NETO, Simões Lopes. *O Curupira, o Saci e outras lendas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.



Quadro: Tereza do Amaral - A Cucá, 1924



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

O Curupira

O Curupira é um indiozinho selvagem que é muito peludo, tem os cabelos vermelhos e os pés virados para trás.

Montado no lombo de bichos como o veado, o Curupira anda pela floresta, vigiando os animais, principalmente aqueles que o bicho-homem gosta de caçar, como a anta, a capivara, o tatu e um montão de outros.

O Curupira só admite que os caçadores cacem para comer. Quando encontra um caçador que não respeita os bichos, que mata só por matar, de malvadeza, desses que matam até as fêmeas com filhotes que ainda não vivem por si mesmos, aí o Curupira fica muito bravo e apronta em cima dele. Querem saber o que ele faz?

Ele se disfarça num bicho de caça e ilude o caçador, que vai atrás dele até se perder no meio do mato. Se esse caçador for mesmo ruim, o Curupira é até capaz de deixar que ele

morra, perdido no coração da mata. Outra coisa que o Curupira faz é transformar em bichos de caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador e, assim, eles acabam sendo mortos pelo próprio caçador. Que coisa, né?

O Curupira anda sempre com um cachorro fiel, que tem o nome de Papamel.

Além disso, é ele que ensina os papagaios de nossas florestas a cantar, sempre que vem alguém, o seguinte: Curupaco, paco, papaco!



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi

No folclore brasileiro há muitas lendas, entre elas, Saci Pererê, Salamanca do Jarau, Negrinho do Pastoreio, Curupira, etc.

- Escolha uma delas, pesquise o seu conteúdo, conte para as crianças e relate como foi a atividade.

- Peça às crianças que ilustrem a lenda que você irá reescrever, após a experiência com os alunos.

Entrevista com Dorotéo Fagundes (especialista em Folclore)

Publicada no Boletim Informativo da OMEP/BR/RS/Porto Alegre Novembro/Dezembro – 1999

P – Qual seria, na sua opinião, a importância de abordar temas do folclore gaúcho na Educação Infantil?

R – Acho extremamente positivo, creio não exagerar em afirmar que é necessário, porque sabemos que toda e qualquer informação que alguém possa ter sobre sua fisionomia cultural, ajuda-o a compreender melhor o mundo, sua formação social e sua própria história. Quanto mais cedo chegarem essas informações, melhor para o indivíduo, melhor para o mundo.

P – Quais os conceitos que a Educação Infantil pode abstrair do folclore e que influenciarão na formação dos valores das crianças?

R – Partindo do pressuposto de que o folclore para nós é a ciência que estuda o conjunto das tradições, lendas ou crenças populares de um país ou região,

expressa em provérbios, contos e canções, passamos a compreender imediatamente o sentido do regionalismo. Como concordamos com a célebre afirmação de que não há nada mais universal do que o regional, defendemos que, se as crianças forem instruídas através dos conceitos de tradição e das manifestações regionais, formadora de cultura, aprenderão que seu nome é a marca pessoal, o sobrenome é a marca da família e a sua identidade cultural é a marca da aldeia, da nação. Assim, reconhecendo seu nome, seu sobrenome e sua identidade cultural, estarão localizadas no tempo e no espaço, porque cultuarão o sentido de família, aldeia e nação, aprendendo que todo ser humano é importante para o mundo, inclusive ele, independentemente de raça ou classe social.

- Além das lendas, o folclore brasileiro é rico em músicas e danças regionais. Do Oiapoque ao Chuí, passando pelo Bumba meu Boi, Frevo, Capoeira, Samba, Chula e Dança do Balaio. Nosso País extravasa alegria, criatividade e orgulho por suas músicas e danças típicas.

Faça uma pesquisa sobre a dança, a culinária e os trajes típicos da sua região e incentive as crianças a cultivá-los. Há grupos de dança organizados que têm interesse em visitar escolas para difundir as culturas locais. Com certeza, irão ajudar nesse resgate da cultura local.

Planeje essa atividade: será uma festa para os educadores e para as crianças.





Mas o que é ciência mesmo?

Maria Helena Lopes

*É escavar para achar coisas,
é limpar os ossos com pincel e montar o
esqueleto como o dinossauro.*

(Nicolas, 6 a)

É descobrir o que não existe.

(Antônia, 4a11m)

*É especialidade, é saber muito
sobre alguma coisa.*

(Daniel, 6a4m)

*É ver como as coisas existem,
até se tem lobisomem.*

(Lucas, 5a9m)

*É pedir para o Papai do Céu
que as coisas aconteçam.*

(Helena, 5a10m)

É que nem a luz, que tem o trovão e o raio.

(Maria, 5a)

*Ah, dá uma pista né! É da natureza?
É pedra? É máquina?*

(Marcelo, 4a8m)



Foto: Yukio Shimizu / Robot and Spaceships / Taschen



Diante desse difícil questionamento para as crianças, respondemos que a ciência é a tentativa humana de buscar a verdade sobre o mundo. Primitivamente, o homem explicava os fenômenos da vida através de mitos e lendas. Paulatinamente, a Filosofia e depois a Ciência foram explicando a origem e o funcionamento das coisas.

Conversando com as crianças, constatamos também suas buscas incessantes de compreender os mistérios do mundo, que ainda não sabem explicar. As hipóteses apresentadas na abertura deste capítulo são algumas maneiras espontâneas de explicar os fenômenos que as inquietam.

Embora espontâneas, essas hipóteses são, de certa forma, influenciadas pelo conhecimento já sistematizado pelo homem, habitam o imaginário infantil e, com as interferências do meio social, podem transformar-se em aprendizagens. As concepções que os pequenos têm sobre os fatos com os quais convivem são o produto de inter-relações entre o universo que vislumbram e seu modo de observar e pensar, influenciadas pelas informações que recebem prontas do meio social.

Os cientistas e as crianças têm algo em comum – inquietam-se com as coisas que não sabem explicar, gostam de descobrir e, por isso, buscam respostas incessantemente.

Eles têm a percepção do “cientista investigador”, perguntam muito e são muito curiosos porque querem entender tudo.

A idade dos “porquês”, geralmente por volta dos 3 anos, é sempre um bom momento para aproveitar a curiosidade e o interesse natural da criança para lhe proporcionar atividades de investigação e descobertas. Por trás das perguntas, encontram-se conceitos científicos importantes que propiciam espaços de investigação para muitas aprendizagens.

Quando uma criança é levada a se envolver com situações instigantes, como, por exemplo, a luz e a sombra, o trabalho das formigas, a chuva que cai do céu, o funcionamento das máquinas, entre tantas outras, sendo orientada por um adulto, ou mesmo por crianças quando conversam, vai identificar lógicas, sistemas e tecnologias, além de construir explicações inteligentes, sempre movida por sua curiosidade desafiadora e provocante.

Relato de Experiência

Professora Janice Oliveira

Crianças entre 5 e 6 anos. Todos sentados em roda, fazendo a chamada, quando a porta se abre sozinha.

Uma menina corre e fecha a porta dizendo que era um fantasma que havia feito aquilo.

*Diante das caras de espanto (medo) de alguns colegas, ela emenda:
– Ai! Brincadeirinha, pessoal!*

*Um menino diz:
– Foi Deus quem abriu a porta!*

A professora questiona:

– Deus?

Vários colegas, em coro:

– Ah! Foi o vento!

E o menino completa:

– Tá, mesmo assim, foi uma coisa transparente.

E outro concerta:

– Transparente não, invisível.

– Mas, afinal, o que é transparente e o que é invisível? pergunta a professora.

Nesse momento, tudo o mais foi deixado de lado e iniciou-se uma discussão sobre a diferença entre transparente e invisível e sobre exemplos de cada um. Vidro: é transparente. Vento: é invisível. Lente de óculos: é transparente. Som: é invisível. Raio de sol: dúvida e controvérsias...



Tarsila do Amaral - A Lua, 1928



Poderíamos afirmar que o exercício de reflexão vivenciado pela educadora Janice e pelos alunos da classe de pré-escola de 5 a 6 anos é ciência autêntica?

Penso que sim, porque nascem de um problema real das crianças e concentram toda a sua atenção. Também porque são a expressão da busca de uma resposta do desconhecido, ou pelo menos sem explicação para aquelas crianças.

Sem a presença da educadora, talvez a reflexão não tivesse evoluído. Ela quase não interveio na discussão, porém contribuiu para que a investigação continuasse através da conversação das crianças.

Para Janice, não era importante o conhecimento que as crianças poderiam descobrir, ou qual finalmente seria a conclusão correta, mas sim a disposição de ver que no mundo que cerca as crianças tudo pode ser investigado, desde que haja coragem de enfrentá-lo de forma interrogativa.

O que deve motivar os educadores é, por um lado, o desejo de não impor uma idéia determinada e, por outro, a disposição em apoiar as iniciativas e os diálogos que espontaneamente se formam entre as crianças.

Nesse processo, o desafio para os educadores é o estabelecimento do limiar entre a necessidade que as crian-

ças têm de perguntar e também de ouvir respostas, sem afastar-se da orientação de que saber pensar é essencialmente saber perguntar. Independentemente de encontrar respostas, é importante oferecer experimentos que oportunizem as descobertas.

O novo, o que não é criado ou sistematizado, poderá encontrar-se no simples diálogo, entre uma resposta e outra pergunta...

Outro aspecto importante é a autonomia de pensamento que se desenvolve face ao exercício de perguntar e descobrir, acompanhado de argumentação. Argumentando, as crianças e os adultos demonstram sua lógica, desenvolvem um raciocínio completo e aprendem a defender idéias.

As atividades devem facilitar para que as **crianças criem** idéias, contrariando a tônica da **informação pronta** (tão abundante na televisão). Há respostas diferentes para um mesmo fenômeno, por isso é importante incentivar as idéias que as crianças têm, instigando-as a estabelecer relações, comparações e analogias entre as coisas que as rodeiam.

*“Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim,
já que tudo se passa em ponto numa bola;
e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá mais voltas.”*

Guimarães Rosa – Estas Estórias



Para organizar as atividades e os experimentos, é importante conhecermos algumas **atitudes** das crianças que caracterizam seu **comportamento exploratório** e que corroboram as idéias apresentadas até aqui.

- *demonstram curiosidade e interesse frente a coisas novas;*

- *iniciam-se no método científico problematizando (onde começa o céu?), hipotetizando, explorando, etc.;*

- *concentram-se em determinadas tarefas ou experiências que realizam;*

- *criam com objetos diversificados, organizam materiais dando aos mesmos diversos usos, significados e classificações.*

Todas essas características se relacionam com o comportamento de quem se inicia na investigação científica. Na Educação Infantil, nosso propósito é lograr que as crianças vivenciem experiências significativas para sua vida, a fim de aumentar a sua curiosidade, conhecer e descobrir espaços diferentes e enriquecer sua visão do mundo.

“O fundamento principal da experiência baseada na prática e na pesquisa é a imagem de uma criança rica, forte, poderosa... É uma afirmação que se contrapõe à tendência de realçar as necessidades, as fraquezas, os temores das crianças e a calar, lamentavelmente, suas potencialidades e direitos.”

Giordana Rabitt – À procura da dimensão perdida

Foto: OMEP / RS



Referências Bibliográficas

- CAVALCANTE, Zélia. *Trabalhando com história e ciências na pré-escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MINISTÉRIO DE EDUCACIÓN, Chile. *Propuesta pedagógica para la iniciación de la ciencia e tecnología*. Santiago: 2002.
- RABITTI, Giordana. *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- RISCHBIETER, Luca. *Guia prático de pedagogia elementar: uma proposta educativa com crianças de 0 a 6 anos*. Curitiba: Nova Didática, 2000.
- ROSA, Russel T. Dutra. Ensino de ciências e educação infantil. In: CRAIDY, Carmen M. (Org.). *Educação Infantil – Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.



Foto: Sebastião Barbosa



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

- Procure lembrar-se de perguntas feitas frequentemente pelas crianças sobre os fenômenos da natureza, sobre os animais, sobre a origem dos bebês, de onde vem a chuva, etc. Faça uma listagem sobre as mesmas e compare com seus colegas. Juntos, vocês deverão criar atividades e/ou experimentos que despertem a curiosidade das crianças e as auxiliem a encontrar respostas ou fazer mais perguntas.

Sugestão de Leitura

A curiosidade premiada, de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Linhares – Editora Ática

Nesse livro infantil, as autoras exploram a idéia de que o educador não sabe tudo e de que o processo de construção e descoberta também é válido, porque crianças e educador aprendem juntos.

No mundo de hoje, a rua, a casa, a televisão, oferecem milhares de temas que despertam a curiosidade das crianças e sobre os quais elas podem querer saber mais. Conceitos de História, Geografia, Matemática, estão presentes no dia-a-dia das crianças em forma de questionamentos e curiosidades.

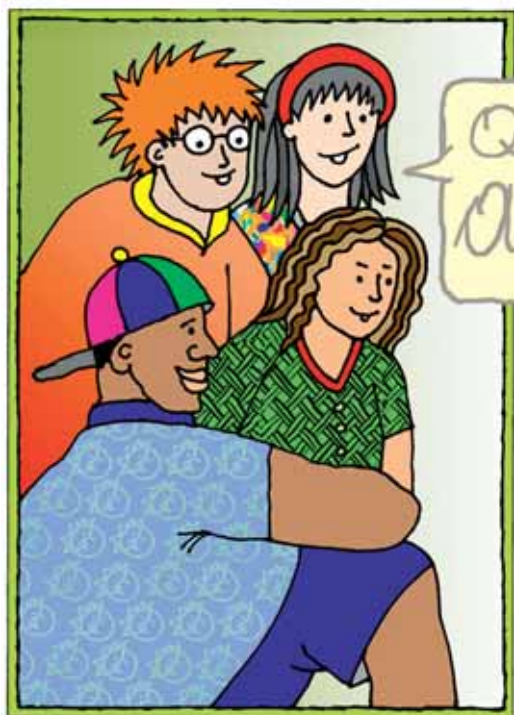
Relato de Experiência

Janice Oliveira

Trabalhando com turmas de pré-escola (crianças entre 4 e 6 anos), sempre observava os questionamentos das crianças a respeito da divisão territorial do nosso país e do mundo.

– Né que Floripa é outra cidade?

Em outras situações comemorativas, como Independência do Brasil e Semana Farroupilha, também era difícil mostrar às crianças a relação de inclusão entre município, estado, país e continente. Ocorreu-me utilizar, além de mapas e



do globo terrestre, um brinquedo que normalmente vemos em turmas de berçário: os copinhos que se encaixam. Dessa forma, ficava mais fácil demonstrar e também mais acessível ao entendimento das crianças a idéia de que nosso bairro corresponde ao menor dos potinhos e de que nosso mundo ou planeta corresponde ao maior. Entre um espaço que nos é bem próximo (bairro) e o outro que foge ao alcance de nossos olhos (planeta), existe uma seqüência de inserções que ocorre assim: bairro, município, estado, país, continente e planeta. Claro que apenas essa atividade não proporcionou às crianças a instrução da noção espacial necessária para o entendimento de nossa divisão territorial; porém, contribuiu para que pudéssemos comparar opiniões e colocações anteriores a esta observação:

– Ah! Florianópolis é uma cidade diferente da nossa em um estado diferente do nosso. Barros Cassal é perto de Porto Alegre porque também é Rio Grande do Sul.

Esse relato nos sugere inúmeras atividades com as crianças, além das que foram apresentadas. Por exemplo, podemos conversar com as crianças sobre o bairro e as cidades, as paisagens, os edifícios, as ruas, os trabalhadores, etc.

O objetivo é que, através da observação e dos questionamentos suscitados, estejamos ajudando as crianças em sua

integração à sociedade, na compreensão do meio ambiente e na conceituação de mundo.

As efemérides (datas comemorativas) também são propícias para a reflexão sobre o conhecimento da sociedade, pois os fatos históricos e religiosos que se tornam feriados são sempre de interesse das crianças. As datas de aniversário, a história pessoal ou a autobiografia de cada uma das crianças também são excelentes temas de pesquisa.

Pense que pesquisar e investigar, para as crianças, também são atividades lúdicas.

- Averigüe a história do bairro e do seu Centro Infantil, conversando com as pessoas que ali convivem há muito tempo.
- Faça uma maquete ou painel com pintura ou recorte retratando as paisagens, as ruas, as casas, etc.
- Construa com cada uma das crianças sua autobiografia. E conte para elas também a sua história pessoal.
- Assista ao vídeo “Ciências na Pré-Escola”, do Programa Professor da Pré-Escola – Módulo 2. Você enriquecerá seus conhecimentos sobre ciência e tecnologia e sobre as formas de pensar das crianças.
- Se conseguir, leve para a sala aparelhos eletrodomésticos velhos e deixe que as crianças os explorem.

• Os nossos antepassados – os índios, os homens da roça – aprenderam que muitas plantas têm poder curativo. Hoje, muitos cientistas estão fazendo pesquisas para aprender os remédios que os antigos sabiam e que foram esquecidos. Há livros sobre isso. Acho que você gostaria de aprender sobre as plantas que curam. Faça uma pesquisa sobre plantas que curam para que você possa se valer delas quando não houver nem médicos nem farmácias por perto.

Matemática, Aritmética, Descobertas...

Janice Oliveira

Quando era pequena, achava a casa de minha avó uma imensidão. Era muito agradável passar as férias lá. A sala era enorme, com um piso de tábuas, onde gostávamos, eu e meus irmãos, de escorregar sobre um pano de lã. Havia também, no canto dessa sala, um buraco causado pela ausência de um “nó” da madeira, onde gostávamos de inserir objetos que caíam no porão da casa. Ali tentávamos inserir bolinhas de gude, colheres, brinquedos e os mais diversos objetos. Anos depois, quando já era adulta, a casa não me parecia tão grande. E acho que, se atualmente ainda existisse, ela me pareceria um tanto pequena.

É assim que a criança se coloca no mundo, a partir de seu próprio corpo. Ela constrói a noção do que é grande, pequeno, mais, menos, maior, menor, etc., a partir da relação do seu próprio corpo com o objeto. E assim também se dá a construção de



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi



todas as noções matemáticas utilizadas pelo homem. É a partir da observação e da experimentação que passamos a quantificar, classificar, seriar e entender o mundo que nos cerca. A matemática não se ensina, se vivencia.

É impossível pensarmos o nosso cotidiano sem o uso da matemática. Basta observarmos as pessoas que não tiveram acesso ao ensino escolar. Pode ser até que elas não saibam ler, mas sabem calcular. Toda a nossa vida está organizada com base na matemática. Nossa casa é **dividida** em ambientes, nossos alimentos são guardados na cozinha seguindo uma certa **lógica**, não guardamos, por exemplo, objetos do banheiro na cozinha. **Classificamos** as pessoas entre as que mais gostamos e as que menos gostamos, **seriamos** e **ordenamos** nossos compromissos de acordo com o grau de importância de cada um. Depois dessa constatação, como pode ser possível ouvirmos tantas pessoas dizerem: “Não entendo nada de matemática?”

As relações da criança com a matemática não são aprendidas a partir do momento em que ela entra na escola. Pelo contrário, já começaram quando ela consegue demonstrar preferências e testar possibilidades do ambiente onde vive. Portanto, quanto mais rico em possibilidades for esse ambiente, maiores serão as construções da criança acerca

dos números. Certa vez, em uma atividade de culinária com crianças entre 5 e 6 anos, estávamos fazendo duas receitas de um pudim de chocolate (daqueles de caixinha). Li a receita no verso da caixa, em que dizia: coloque meio litro de leite em um recipiente. Questionei as crianças sobre quanto precisaríamos de leite para executar duas receitas. Um menino logo respondeu: um litro de leite. Todos os outros protestaram, achando que um litro seria muito leite. Ele rapidamente mostrou aos colegas (colocando o dedinho na caixa de leite): “Claro, se vamos usar até aqui (dedo no meio da caixa) para fazer uma receita, vamos usar até aqui (dedo no final da caixa) para fazer a outra”. Para alguns colegas, essa explicação foi valiosíssima, mas para outros não fez o menor sentido. Analisando o exemplo, podemos chegar a algumas conclusões.

Primeiro, esse menino não chegou àquela conclusão naquele momento. Certamente, sua colocação estava embasada em muitas outras experiências de observação e conclusão. Segundo, cada uma das crianças do grupo estava em um momento diferente com relação à construção do número e das quantidades. Terceiro, não caberia a mim fazê-los entender naquele momento o que o outro colega já havia construído em outras tantas situações diferentes.



Qual então é a função do educador na Educação Infantil ao trabalhar a matemática? Ensinar os números? Ensinar as quantidades? Mostrar através de exemplos o que é maior, menor, mais grosso, mais fino, etc.? Será que isso tudo se ensina?

Em uma outra situação, com crianças bem menores (por volta de 2 anos), vemos um menino tentando insistentemente cortar uma almôndega ao meio com uma colher. Será que essa situação não está ensinando nada a ele? Em outra, na mesma turma, percebemos uma menina brincando de “medir” os colegas, colocando-os contra a parede e marcando sobre suas cabeças com um brinquedo, isso depois de toda a

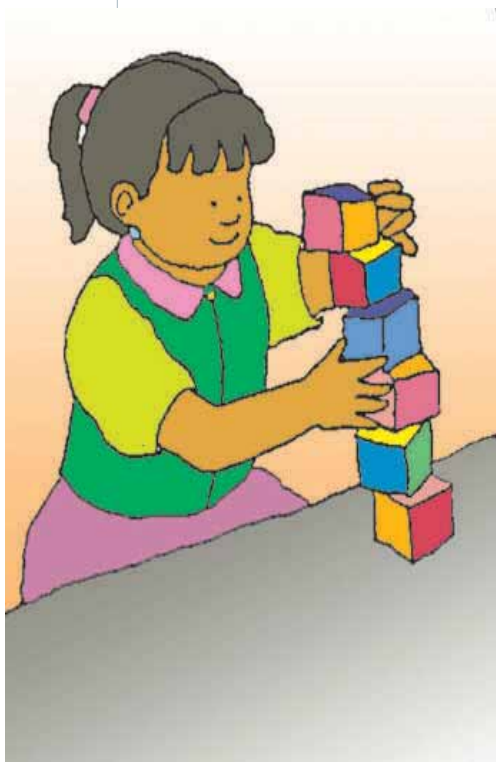
turma ter passado por tal procedimento com uma nutricionista que acompanhava seu gráfico de crescimento. Que noções, que não as matemáticas, essas crianças estão

reproduzindo ou tentando entender?

Se nos detivermos algum tempo observando nossas turmas, perceberemos que elas fazem muitas operações mentais sem que “ensinemos” a elas. Quando um grupo de crianças briga sobre um conjunto de peças de montar, nada melhor a fazer do que aproveitar essa oportunidade para propor uma divisão igualitária das peças. Não há proposta que descentralize mais nossos pequenos do que esta. E, a partir do momento em que eles conseguirem entender que dentro do todo existem partes e que estas podem ser iguais, certamente eles passarão a “contar” ou “dividir” as peças de todos os outros jogos que forem utilizar.

O que estou querendo ilustrar com todas essas situações é que, se o espaço da sala de aula estiver preparado adequadamente, se o educador se mantiver atento às manifestações das crianças e souber encaminhar os questionamentos de modo que não ofereça respostas prontas, mas que leve a criança a pensar sobre o que perguntou, estaremos dando um enorme incentivo para o desenvolvimento de sua inteligência.

Em todo o início de ano é comum percebermos na escola a utilização dos signos numéricos colados nas paredes das turmas de jardim. Nessa fase do desenvolvimento, dependendo do nível



sociocultural do grupo que atendemos, as crianças sequer diferenciam letras de números e menos ainda percebem a quantidade que aquele número quer demonstrar. E seguimos observando que os números são “ensinados” na escola sem que a criança tenha a possibilidade de vivenciar quantidade. Quando falo em vivenciar o número, quero dizer que o espaço da sala de aula deve estar organizado de uma forma lógica, de preferência com a participação das crianças, onde os lápis, as canetas, os pincéis, os brinquedos, os jogos, as bonecas, etc., têm um lugar próprio e definido. Isto é classificar. Que as propostas do educador na hora do brinquedo livre possam ser: “Que tal organizarmos estas peças, separando as iguais?”, ou “Esta é a caixa das folhas maiores e esta é a caixa das folhas menores” ou, ainda, “Preciso que o ajudante separe um prato para cada colega na hora do lanche”. Se o grupo utiliza fila para se locomover, poderemos ser menos arbitrários propondo diferentes maneiras de organizá-las: os de tênis e os de sandálias; os de cabelos curtos e os de cabelos compridos; os de calças e os de bermudas, etc.

Essas tarefas do cotidiano escolar propõem uma infinidade de possibilidades para que a criança pense e realize operações mentais. É a partir de uma necessidade concreta e do

universo do todo, e não da unidade, que ela construirá o conceito de número. Portanto, aqueles números na parede no início do ano não fazem o menor sentido para ela, pois não possibilitam que ela os organize e os reorganize como bem entender e necessitar.

A questão do prazer dessas atividades também deve ser considerada. Em determinada situação de brinquedo livre, duas meninas (entre 6 e 7 anos) estavam folheando uma revistinha de jornal que uma delas havia levado para a escola. Uma delas já estava alfabetizada e leu um problema matemático para a outra. Ambas ficaram curiosas sobre a resposta, mas não conseguiram resolvê-lo e pediram minha ajuda. O problema falava de um menino que queria dar aulas de futebol para os colegas para conseguir algum dinheiro. E ele pensou que, como tinha quatro amigos, poderia dar duas aulas por semana para cada um e cobrar um real por cada aula. A pergunta do problema era quanto o menino ganharia por semana. Sugeri que as meninas desenhasssem os quatro amigos. Perguntei a elas quanto cada amigo pagaria pelas aulas da semana. Rapidamente chegaram à conclusão de que cada amigo pagaria dois reais. Então, pedi que elas desenhasssem duas moedas perto de cada amigo. E, antes que eu fizesse a sugestão de que contassem todas as moedas, elas mesmas

já tinham entendido o que deveriam fazer. Com essa simples intervenção, as meninas perceberam que conseguiriam fazer muitas outras operações e pareciam satisfeitíssimas em realizar tal tarefa.

Dessa forma, todas as atividades que surgirem de manifestações espontâneas das crianças poderão tornar-se de grande valia no processo de construção de seus conhecimentos, pois elas vêm carregadas de desejo e curiosidade.

Constance Kamii (1990) sugere que existem alguns princípios para a aprendizagem do número pela criança, embora este não seja diretamente ensinável.

1. A criação de todos os tipos de relações

a) Encorajar a criança a estar alerta e colocar todos os tipos de objetos, eventos e ações em todas as espécies de relações.

2. A quantificação de objetos

a) Encorajar as crianças a pensarem sobre número e quantidades de objetos quando estes forem significativos para elas.

b) Encorajar a criança a quantificar objetos logicamente e a comparar conjuntos (em vez de encorajá-la a contar).

c) Encorajar a criança a fazer conjuntos com objetos móveis.

3. Interação social com os colegas e os professores

a) Encorajar a criança a trocar idéias com seus colegas.

b) Imaginar como a criança está pensando e intervir de acordo com aquilo que parece estar sucedendo em seu raciocínio.

Referências Bibliográficas

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. *A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KAMII, Constance. *A criança e o número*. Campinas: Papirus, 1990.

Ilustração: OLIVEIRA



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

É hora da diversão! Vamos organizar um espaço no Centro Infantil com caixas de papelão de diversos tamanhos (de televisão, por exemplo, e outras menores que encontramos nos estabelecimentos comerciais). Crianças de idades diferentes podem conviver nesse espaço, grande/pequeno, dentro/fora. É também hora de imaginação. As caixas poderão transformar-se em elefantes, ônibus, etc.

- Observe e comente a exploração das caixas pelas crianças.
- Assista ao vídeo A Educação Matemática e a Interdisciplinaridade. Estabeleça relações com o texto registrando as idéias que mais lhe chamaram a atenção, justificando sua escolha.
- Vamos descobrir as matemáticas do nosso corpo?
 - Podemos começar sentindo as batidas do nosso coração, já que elas têm ritmo que se alteram conforme a intensidade dos nossos movimentos.

– Temos uma cabeça e quantos fios de cabelo? O que temos em pares iguais em nosso corpo? E em unidades, só o coração? E por dentro do nosso corpo?

– Podemos também inventar um jogo com noções topológicas, cujos pontos entre as linhas serão as partes que se dobram (articulações) em nosso corpo. Procure desenhar com as crianças a figura humana representando todos os pontos das articulações.



Vicente do Rego Monteiro - Mulher sentada, 1924



Religiosidade e Espiritualidade na Educação Infantil

Renato Ferreira Machado

*A vida é assim...
Refletindo sobre a vida e o que
nós fazemos com ela.
Fé, crença, religião...
A dimensão religiosa do ser humano.
A fé na infância
Características psicopedagógicas
da religiosidade infantil.
Como fazer? possibilidades
metodológicas.*

A vida é assim...

Você conhece esta música?

*A vida é grande
Maior que você
E você não sou eu
O longe que eu irei
A distância em seus olhos
Oh não! Eu falei demais
Eu provoquei
Sou eu naquele canto
Sou eu nos holofotes
Perdendo minha religião
Tentando manter você
E eu não sei se consigo fazer isso
Oh não! Eu falei demais **Eu**
não tenho dito o suficiente*

*Eu pensei ter ouvido você rindo
Eu pensei ter ouvido você cantando
Eu acho que pensei ver você tentar
Todo sussurro
De todas as horas que passam
eu estou
Escolhendo minhas confissões
Tentando pegar um olhar em você
Como uma mágoa perdida
e um tolo cego
Oh não! Eu falei demais
Eu provoquei
A influência do século
Considere
O erro que me trouxe
Para meus joelhos fraquejarem
E se todas essas fantasias
Fossem caindo
Agora eu falei demais
Eu pensei ter ouvido você rindo
Eu pensei ter ouvido você cantando
Eu acho que pensei ver você tentar
Mas era só um sonho
Era só um sonho*

Losing My Religion – Perdendo minha religião (REM)

Nesta canção, a banda norte-americana R.E.M. descreve uma relação amorosa que foi rompida, o sentimento de perda e a busca da renovação desse relacionamento, situação pela qual todos, certamente, já passaram ou vão passar. Diante disso, podemos nos perguntar, por que, afinal, uma música que fala disso tem por título “Perdendo minha Religião”?



Do tamanho da vida!

A música começa falando que “a vida é grande / maior que você / e você não sou eu”. Não é preciso pensar muito para perceber que isto é verdade: a vida é um mistério que ninguém que já tenha vivido conseguiu desvendar. Diante disso, começamos a fazer perguntas como estas:

De onde viemos?

Por que vivemos?

O que acontece após a morte?

Se é verdade que não conseguimos ter respostas exatas para tais questões, também é verdade que nós não desistimos de perguntar! Não nos perguntamos, porém, por simples curiosidade. Na verdade, essas perguntas surgem porque, intuitivamente, buscamos um sentido para a vida.

Eu provoquei

Voltemos à música do R.E.M.:

*Oh não! Eu falei demais /
Eu provoquei / Sou eu naquele canto /
Sou eu nos holofotes / Perdendo minha
Religião / Tentando manter você /
E eu não sei se consigo fazer isso.*

Se é verdade que a vida é um mistério, também é verdade que esse mistério não é passivo, ou seja, a vida não é como um tesouro de pirata, enterrado em

algum lugar, esperando para ser descoberto. A vida nos provoca! Passamos por situações – algumas positivas, outras nem tanto – em que somos “desinstalados” e levados a pensar sobre nosso existir e agir. Principalmente, a irmos atrás daquilo que realmente é importante e que nos trará mais sentido para o viver.

Nesse processo, começamos a agir, buscando e dando respostas, procurando enxergar além daquilo que é simplesmente aparente. Em outras palavras, vamos além daquilo que, em princípio, seria esperado de nós, nos superamos!

Pílula vermelha

No filme Matrix (Warner, E.U.A., 1999), o personagem John Anderson, em um encontro com o personagem Morpheus, descobre que a realidade, tal como a conhece, é apenas uma simulação feita para iludir os seres humanos. Para conhecer a verdade, Anderson precisa ingerir a “pílula vermelha”, oferecida por Morpheus. Senão, terá de ingerir outra pílula, e tudo permanecerá como está. O que acontece a seguir todo mundo já sabe: Anderson engole a pílula vermelha e se descobre dentro da Matrix, uma gigantesca rede de realidade virtual, mantida por um poderoso computador para iludir as pessoas e sugar as energias delas. A descoberta de Anderson não pára por aí: além de tomar consciência





Filme Matrix

de sua situação, ele começa a descobrir seu potencial e seu papel. Assumindo o nome de Neo, passa a empreender uma luta contra o sistema da Matrix, junto a

Morpheus e o grupo de rebeldes, tentando libertar mentes e fazer com que cada vez mais pessoas acordem e descubram sua real situação, para poder mudá-la.

Assim é a vida: por muito tempo, podemos viver imersos em uma Matrix, achando que tudo é exatamente o que parece ser e que algumas coisas são de determinada maneira porque têm de ser assim mesmo. Acontece que, mais cedo ou mais tarde, alguém ou alguma situação lhe oferecerá a pílula vermelha (é claro que sempre haverá a opção de não ingeri-la) e, se sua escolha for experimentá-la, terá início uma jornada sem volta, na qual ninguém termina do jeito que começou. A pílula vermelha

tem um nome: espiritualidade, e o caminho a ser feito na jornada recebe o nome de religião.

Fé, crença, religião...

Desde os primeiros tempos da humanidade, o ser humano empreende a jornada da religião, movido por sua espiritualidade. Com isso, além de se construir, ao longo do tempo, um inestimável patrimônio cultural para a raça humana, descobriram-se os mais importantes valores para as relações em sociedade. O mais importante, porém, é que todas essas experiências representam a grande busca do ser humano pelo sentido mais profundo da vida. Mas o que é mesmo religião?

Saber do que se fala...

Antes de sabermos o significado de religião, precisamos começar com algumas questões anteriores: a religiosidade e a fé.

- **Religiosidade** – Assim como é dotada de físico, consciência e raciocínio, a pessoa possui, naturalmente, religiosidade. Esta é a dimensão humana que permite lançar um olhar para além do aparente e projetar-se, além do tempo e do espaço conhecidos, para o infinito. É através da religiosidade que se cultivam a paz, a solidariedade, a esperança e tantos outros valores que nunca poderiam encontrar espaço na sociedade humana tal como ela está.



• **Fé** – Ao dar-se conta de sua religiosidade, a pessoa a expressará, direcionando-a e dando-lhe uma “cara”. Quando a religiosidade assume uma forma própria, pode-se dizer que a pessoa está vivenciando determinada fé.

Ó Deus, ajudai-me a obter uma vitória sobre mim mesmo, pois é difícil conquistar a si próprio – embora, quando esta vitória se dá, tudo esteja conquistado.

Escrituras Jainistas

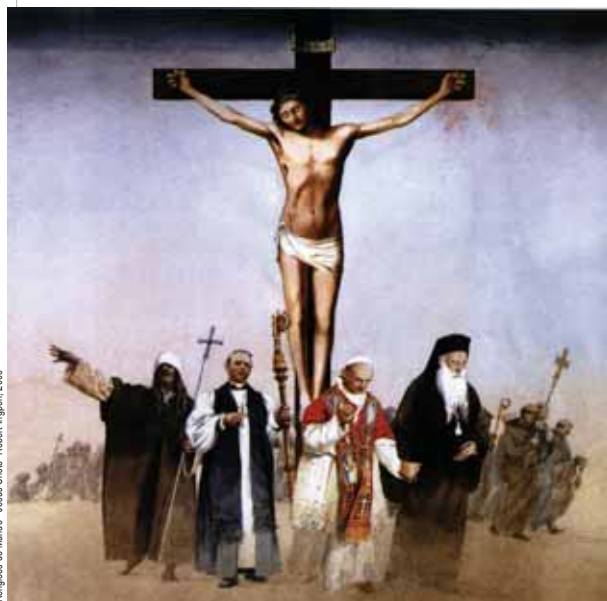
• **Religião** – É uma dimensão pessoal, enquanto a fé é uma expressão dessa dimensão que parte do pessoal, vai ao encontro do social. Nesse processo, pessoas que expressem sua fé de modo semelhante podem vir a compartilhar suas experiências de maneira constante e sistemática, criando rituais em comum e desenvolvendo sentimentos de união, fidelidade e solidariedade. Quando isso acontece, forma-se uma religião: um grupo que crê nas mesmas coisas, reza junto, tem rituais e orações em comum e é fiel, unido e solidário entre si.

Algumas diferenças, muitas semelhanças

A experiência religiosa da humanidade aconteceu e acontece em todos cantos do planeta, das mais variadas formas possíveis. Aqui citaremos as grandes religiões do mundo.

- Hinduísmo
- Budismo
- Judaísmo
- Catolicismo
- Islamismo
- Pentecostalismo
- Taoísmo
- Confucionismo
- Umbanda
- Candomblé
- Espiritismo

É claro que, além dessas, existem muitas outras religiões, grandes e pequenas,



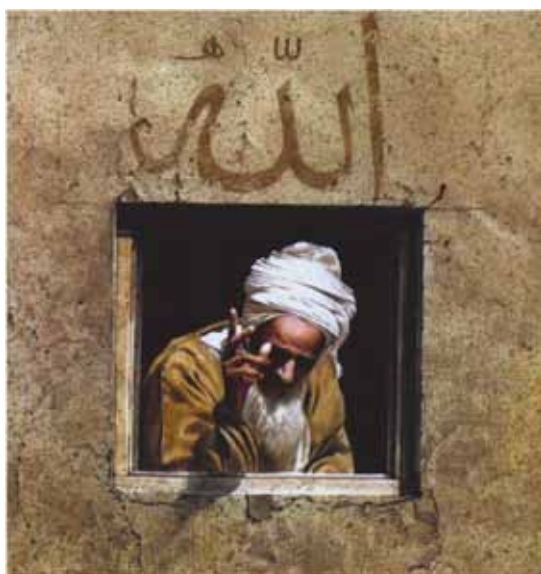
Religiões do Mundo – Jesus Cristo – Robert Inghem, 2003

com suas crenças e símbolos. Para muitas pessoas, a questão ainda é: qual delas está certa? Afinal, cada uma faz afirmações muito firmes e bem diferentes sobre questões importantes (a existência de um ou mais deuses e o destino da pessoa após a morte, por exemplo). Hoje, porém, diante de um mundo plu-

ral, onde a convivência com o diferente é uma realidade, a questão que se afirma é: todas as opções religiosas são legítimas e precisam ser respeitadas. Afinal, as verdades que cada religião afirma não são fatos, mas afirmações de fé, feitas pelo que se acredita e não pelo que se viu. O que mais interessa, portanto, não é o que há do outro lado, mas a maneira

como se leva a vida, a partir do que se acredita.

Diante disso, fica claro que não é possível dizer que alguém recebeu uma educação completa e de qualidade, sem se tratar da questão da religião (ou, utilizando um termo mais abrangente, fenômeno religioso). Mas por onde começar?



Sereia do Candomblé - Célia Aguiar, 1985



Religiões do Mundo - Profeta Maomé - Buda - A Torá - Robert Ingpen, 2003



A fé na infância

Desde o momento em que somos concebidos, assim como temos corpo, temos religiosidade e a manifestamos em atos de fé. Ao contrário do corpo, porém, essa dimensão não nasce pronta: ela vai se desenvolvendo aos poucos e precisa ser acompanhada de maneira séria e sistemática.

Vamos conhecer, agora, algumas características da religiosidade humana ao longo da vida, segundo Fowler, no livro *Estágios da fé*.

Lactância (0 a 2 anos): fé indiferenciada

Pode-se dizer que a fé é indiferenciada porque nós mesmos somos indiferenciados, ou seja, até certa altura não conseguimos perceber se estamos ou não separados do ambiente que nos cerca e das pessoas que convivem conosco. Assim, o desenvolvimento da religiosidade dependerá exclusivamente da ambientação e das atitudes dos adultos que estiverem por perto.

Primeira infância (2 a 6 anos): fé intuitivo-projetiva

A religiosidade se desenvolve como **reflexo da fé dos adultos**, que serão o **modelo para a imagem que a**

criança fará de Deus. Ao mesmo tempo, Deus será **mágico e imaginário**, podendo realizar coisas que as pessoas normais não conseguiriam.

Infância (7 a 12 anos): fé mítico-literar

É o momento de **confrontar a imagem de Deus que se tinha com as que vai conhecer em seu meio**. Também se sentirá **parte de um grupo** que professa a mesma **fé** (se tiver oportunidade), mas a criança ainda dará um rosto humano para Deus.



Foto: Sebastião Barbosa



**Adolescência (13 a 20 anos):
fé sintético-convencional**

Nesta fase, ocorre a busca do **verdadeiro significado de tudo o que foi aprendido até então**. No entanto, falará mais alto a **relação de fé** exercida pelo **grupo** ao qual pertence, o que trará muitos **conflitos interiores**.

**Início da idade adulta (21 a 30 anos):
fé individuativo-reflexiva**

Inicia-se uma **crise**, em que os **modelos** até então seguidos são confrontados com as **expectativas pessoais** e as **necessidades dessa fase da vida**. É o momento de uma **reflexão mais profunda** para se **optar** por uma comunidade de fé.

**Idade adulta (31 a 60 anos):
fé conjuntiva**

Quando se chega aqui, começa-se a **incorporar tudo aquilo que se aprendeu e viveu até então**, sem **constrangimento** ou **radicalismo**. É possível iniciar um **diálogo com concepções de fé diferentes** da sua própria, sem perder a própria **identidade**.

Após os 60 anos: fé universalisante

A pessoa deixa de ser o centro de sua própria vida, assume, com humildade, suas fraquezas e limitações e doa-se por

inteiro ao projeto de sociedade inspirado por sua fé. Faz isso por conseguir estar mais sintonizada com sua dimensão religiosa, que passa a ser sua realidade mais importante (lembra a Matrix?).

É claro que tudo isso descreve uma **situação ideal de crescimento**, em que, com certeza, há um trabalho pedagógico sério, preocupado também com a questão da religiosidade.

Infelizmente, quando nos referimos à questão da fé, o que vemos são duas situações: a **negligência** em se estudar tal assunto no meio escolar (por não se saber o que fazer), ou a **distorção** daquilo que realmente deveria ser estudado (também por não se saber o que fazer).

Como fazer?

A disciplina que trata da **Educação da Dimensão Religiosa** na pessoa se chama **Ensino Religioso**. Na LDB, ela consta como **parte da formação integral do cidadão** (mas, contraditoriamente, consta também como **matrícula facultativa**). O assunto do Ensino Religioso é exatamente o que tratamos até aqui: compreender os **significados** da vida e seus **simbolismos**, através do **fenômeno religioso** (que é exatamente o elemento agregador dessas questões).

Assim, vamos tentar responder à pergunta do título sem dar nenhum



“conceito pronto”. O certo é que existem boas experiências na área que podem ser compartilhadas e que, com coragem e boa vontade, cada um encontrará o seu próprio jeito de fazer. O que não se pode perder de vista é a criança que está sendo educada.

Ambientes: um canto para a meditação e criação de espaços sagrados

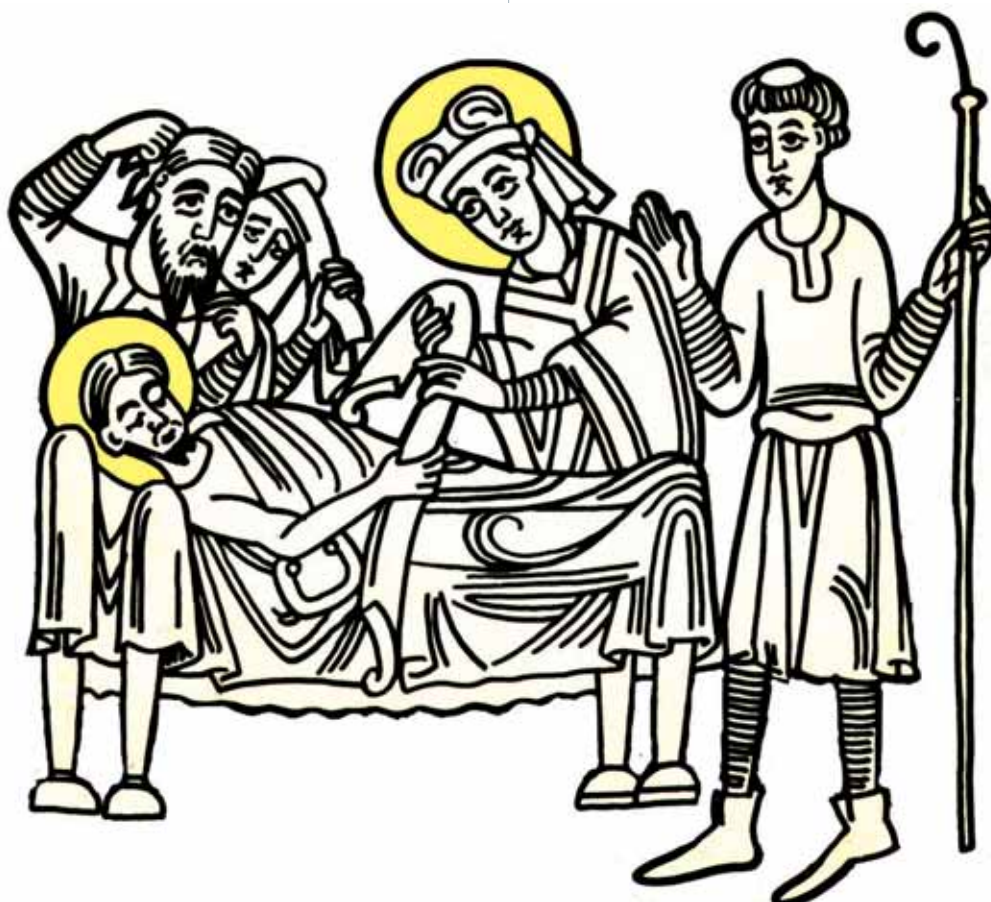
Para a criança, a **ambientação** é muito importante. Pode-se dizer até que só é possível desencadear um **processo significativo de aprendizagem** ao mergulhá-la em um ambiente rico em referenciais do que se quer refletir. Isto tem lógica: a

criança vive em um mundo “mágico”, montado a partir de seu **brincar**.

A educação da religiosidade não poderia passar por caminhos diferentes, ainda mais que, em si, **o mundo da religião é o mundo dos símbolos e significados ocultos, do mistério, da crença e da magia**.

Pode-se, assim, pensar, como ponto de partida, na organização de um espaço para o **contato com o sagrado**, um lugar onde o educando utilize seus cinco sentidos para **experimentar o transcendente** que lhe é natural.

Vineta: autor desconhecido



Para compor esse “canto”, pode-se começar recolhendo símbolos religiosos relevantes para a comunidade na qual se está inserido (isso pode ser feito através de contato com as lideranças religiosas locais e com as próprias famílias), formando um verdadeiro painel das crenças presentes no ambiente onde aquela criança está crescendo. O resultado trará uma pluralidade que não deve ser evitada, mas, pelo contrário, incentivada. Será uma oportunidade de começar a viver a alteridade, aceitando o que o outro crê com respeito e reverência, sem preconceitos. Precisa-se ter o cuidado de uma distribuição igualitária desse espaço, não privilegiando nenhuma crença.

Junto à própria criança, ao longo do ano, é importante construir novos símbolos, que expressem as coisas mais significativas de suas vidas. Nesse espaço, então, a turminha poderá fazer momentos de oração (vamos falar disso daqui a pouco), meditação e relaxamento, sem falar de pequenas celebrações para os momentos significativos do ano.

Jogos e Atividades

Não vamos chover no molhado! Já vai longe o tempo em que a escola fazia adestramento com os alunos, colocando-os um atrás do outro para ouvir uma pessoa falando e escrevendo em um quadro verde. Todos os que pisam em uma sala de aula, de qualquer nível,

precisam estar conscientes de que **para educar é preciso envolver-se e envolver**, principalmente através do lúdico, quando se trata de crianças. No Ensino Religioso não é diferente.

A **música** e a **gesticulação** são formas simples de despertar a criança para o transcendente. Valem desde músicas religiosas mais tradicionais e de conhecimento popular até outras, com temática específica para alguns assuntos do Ensino Religioso (fraternidade, respeito, união, fé, etc.). Nessa linha, cabe bem o uso de música para **momentos de relaxamento e meditação**, afinal o Ensino Religioso visa também **despertar a transcendência**, levando o educando a encontrar-se com ele mesmo.

Momentos de oração

Qual seria o **motivo** de se fazer um momento de oração regularmente com a turma? Agradecer? Pedir? É claro que não há uma resposta certa e exata para isso, mas é importante **saber aonde se quer chegar**.

No espaço da sala de aula, que é **plural e povoado por diferentes**, não se pode fazer nada que vá direcionar o pensamento para um só lugar, que não sejam os **grandes valores** dos quais a humanidade comunga. A oração, portanto, deve ser realizada pela **importância que possui em si**, e não para “converter” alguém a alguma crença. Por



outro lado, mesmo que o educando e sua família não professem nenhuma fé, **a experiência da oração não lhe pode ser sonegada**, pois é através dela que o ser humano faz uma “reflexão” para buscar significados e contemplar a vida.

Para começar, é muito importante **coletar** das crianças e de suas famílias as **orações que habitualmente fazem**, acolhendo a todas, sem distinção. Depois, pode-se, a cada dia, **criar orações** a partir das experiências da vida da própria criança. Para se sistematizar essa experiência, é possível criar algo como um **“diário de orações”**: a cada dia, uma criança pode representar graficamente sua oração e apresentá-la a turma. Cada atividade produzida pelas crianças é coletada e, no final de determinado período, o resultado será um livro de orações composto pelos educandos. Se possível, a criança que irá fazer a oração do próximo dia poderá levar o livro para casa e dar sua contribuição com a ajuda da família. Se a sala tiver um “recanto religioso” organizado, pode-se fazer as orações lá. Assim, a criança incorporará esse momento a sua rotina e identificará a **postura** e o **ambiente adequados** para vivê-lo.

Hora do Conto: explorando histórias de textos sagrados

Se há algo que povoa abundantemente o universo religioso são histórias. Das parábolas contadas por Jesus às antigas

lendas africanas, o imaginário da humanidade tem sido, por milênios, alimentado por **lendas e mitos** que ensinam o ser humano a ser quem ele é, ou quem deveria ser.

Para a criança, o que menos interessa é se a história contada é verdadeira ou não: para ela, o mais importante é penetrar na trama, entrar na história e imaginar-se como um dos personagens. Assim, ao se trazer uma história proveniente das tradições religiosas para ser estudada em uma Hora do Conto, a preocupação maior precisa ser transmitir a mensagem dela, e não comprovar que ela aconteceu de fato. Tomemos, por exemplo, a história de Adão e Eva: ao contá-la, o essencial é que a criança perceba que sua mensagem central é a de que a humanidade poderia existir em completa harmonia e felicidade, mas que, por causa da ambição, acabou se afastando dessa “vocação inicial”. Se Adão e Eva existiram ou não? Sei lá!

No fim...

O Ensino Religioso está em plena construção em nosso país. Como consequência de uma colonização feita pela Igreja Católica, a disciplina de cunho pedagógico com lugar reservado no currículo ainda deixa muitas dúvidas e poucas certezas. Já se sabe que Ensino Religioso não é espaço para converter ninguém e que também não pode ser



uma “aula sobre qualquer coisa”. O Ensino Religioso trata do fenômeno religioso e da busca de todos nós pelo além para encontrarmos a nós mesmos. Não esqueça que você também está fazendo essa busca e que as respostas que procura só poderão ser decodificadas por você. Não esqueça também que essa busca, apesar de individual, não precisa ser solitária: o que você busca todos buscam. Você pode ter respostas para os outros e os outros podem ter respostas para você. Não esqueça, também, que entre tantas outras tarefas você escolheu educar e que a palavra educar pode significar revelar o que está oculto (educére). Ajude suas crianças a revelarem o que está oculto nas vidas delas e deixe-as revelar o que está oculto em você.

FORÇA SEMPRE!

Sugestões de Leitura

A VIAGEM DE TEO – Romance das Religiões (Catherine Clément – Companhia das Letras) – Menino com doença aparentemente incurável é levado pela tia, meio maluca, para uma viagem ao redor do mundo, onde ele vai conhecendo as grandes (e pequenas) religiões da humanidade.

O LIVRO DAS RELIGIÕES (Jostein Gaarder – Companhia das Letras) – O autor de “O Mundo de Sofia” dá uma visão geral das religiões, utilizando uma linguagem acessível e gostosa de ler. No

final, há uma parte escrita por Antônio Flávio Pieruchi sobre as religiões de matriz africana no Brasil. É ler e entender.

COLEÇÃO REDESCOBRINDO O UNIVERSO RELIGIOSO (Vozes) – Coleção de livros didáticos que aborda, desde a Educação Infantil, o fenômeno religioso de maneira ampla e igualitária entre as tradições religiosas.

POESIA FORA DA ESTANTE (Ed. Projeto) – Coletânea de poesias graficamente dispostas de maneira muito interessante. Poesia e arte sempre levam à transcendência. Dá para usar sem medo.

A BÍBLIA DA TURMA DA MÔNICA (Maurício de Souza Editora / Ed. Nova Fronteira) – A Turma da Mônica vive as situações e os ensinamentos do livro sagrado dos cristãos. As idéias são geniais, como quando o livro mostra o Cascão correndo da chuva, em direção a uma lagoa, para falar da crucificação de Cristo.

RECREIO ESPECIAL: CRIANÇAS DO MUNDO (Abril) – Edição especial da Recreio que dá uma idéia geral das brincadeiras, dos hábitos e das músicas das crianças ao redor do mundo. No meio disso tudo, é claro, aparecem as crenças e os hábitos provenientes das religiões. E ainda dá para cantar “La Bella Polenta” com as crianças.

MENINA NINA: DUAS RAZÕES PARA NÃO CHORAR (Ziraldo) – O eterno Menino Maluquinho conta a história da morte de sua esposa através dos olhos da



neta, Nina. Excelente para trabalhar uma das questões mais recorrentes no Ensino Religioso: a morte e o que cremos que acontece depois dela (apesar do título, é impossível não chorar ao ler).

QUALQUER COISA QUE O RUBEM ALVES TENHA ESCRITO – O gênio mineiro é o típico sábio: às vezes, ele parece dar palavras exatamente àquilo que não sabemos expressar. A última que ouvi dele foi esta: “Não pergunte quantos anos tenho, pois isso eu não sei dizer. O que sei é quantos não tenho mais!”

TODOS DO MICHEL QUOIST – Aqui vale o mesmo dito para o Rubem Alves. Hábil nas palavras, o padre francês também tem as palavras certas para o que parece impossível ser descrito.

TODOS DO MICHEL SERRES – Membro da Academia Francesa, este filósofo dos nossos tempos levanta, de maneira bela e poética, questões relevantes, como a comunicação humana e a beleza das diferenças.

TERRA (Sebastião Salgado) – Livro fotográfico, feito em parceria com Chico Buarque de Hollanda, mostrando a relação das pessoas com a terra em nossa realidade. Salgado consegue extrair beleza das mais trágicas situações, inquietando muito a quem observa suas imagens.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (Ruth Rocha e Otávio Roth – Quinteto Editorial)

PAPITOCO PROCURA UM AMIGO (Martha Maria Rezende Martins, Editora do Brasil)

SE ESSA RUA FOSSE MINHA (Eduardo Amos, Moderna)

O SENTIDO DA VIDA (Bradley Trevor Greive, Sextante)

ROSAS INGLESAS (Madonna)

ESQUISITA COMO EU (Martha Medeiros)

REVISTA DAS RELIGIÕES (edições especiais da revista Super Interessante)

AS MAIS BELAS ORAÇÕES DE TODOS OS TEMPOS (Rosemarie Muraro e Frei Cintra, Sextante)

COLEÇÃO DE MANUAIS DA TURMA DA MÔNICA (Maurício de Souza, Globo)

MEU LIVRO DE FOLCLORE (Ricardo Azevedo, Ática)

HISTÓRIAS À BRASILEIRA (Ana Maria Machado, Companhia das Letrinhas)

FÁBULAS E LENDAS DE LEONARDO DA VINCI (Salamandra)

COLEÇÃO SE LIGUE EM VOCÊ (Tio Gaspa, Vida e Consciência)

OS DEUSES E DEUS (Brigitte Labbé, Scipione)

GERAÇÃO DA PAZ (IPJ)

CRIANÇAS COMO VOCÊ

MEU CORAÇÃO PERGUNTOU I E II (Selma Said, Vozes)

O AMOR RENOVANDO O TRABALHO / QUALIDADE É COLOCAR AMOR (José Rafael de Medeiros, Vozes)

Para Ver

MATRIX – É claro que você não verá com as crianças. Essa trilogia é essencial para entender os simbolismos da vida em nossos tempos. Tome a pílula vermelha e



acompanhe Neo em sua jornada para libertar as mentes.

O REI LEÃO – Hakuna Matata! Esse clássico da Disney traz uma série de idéias para tratar no Ensino Religioso: rituais (o batismo de Simba no início), a morte (você sabe de quem) e o sentido da vida. Além de tudo isso, ainda tem o Timão e o Pumba.

MULAN – Mais Disney, desta vez dando uma olhada na cultura chinesa e nas suas crenças. Acompanhe a história da menina chinesa que se disfarça de homem para lutar no lugar de seu pai na guerra e descubra que, para os chineses, ancestrais são muito mais do que antepassados. Atenção para o dragãozinho (dublado por Eddie Murphy no desenho em inglês) destacado para proteger Mulan: a cena em que ele imita o Batman é clássica.

GASPARZINHO – O fantasma minha camaráda nos leva, de maneira divertida, a uma reflexão sobre a morte.

MEU PRIMEIRO AMOR – Não é para ver com as crianças. A história da menina que é filha do dono de uma funerária e suas descobertas, rumo à adolescência.

TELETUBBIES – De novo! De novo! Apesar de toda “gozação” em cima dos bichinhos esquisitos, o programa é muito inteligente e feito para crianças em idade pré-escolar. Além de todas as descobertas que eles fazem, eles se amam muito!

XUXA NO MUNDO DA IMAGINAÇÃO – Esqueça o que já falaram da Xuxa! Agora ela acertou a mão e fez um programa inteligente para crianças.

ILHA RÁ-TIM-BUM – Cao Hamburger nos oferece mais essa jóia da TV brasileira. Crianças perdidas em uma ilha misteriosa precisam aprender a conviver entre si e desvendar os enigmas do ambiente.

O SENHOR DOS ANÉIS – “O filme é muito comprido e eu não entendi nada?” Então reveja com muita atenção.

Para Ouvir

CUIDADO QUE MANCHA (Editora Projeto) – O grupo musical de Gustavo Finkler é uma das coisas mais geniais já surgidas nos pampas. Desde a Mulher Gigante (com músicas que são historinhas e vice-versa), passando pela Família Sujo (que conta a história de uma família que não tomava banho), até o Natal de Natanael (com a história do menino que queria passar a noite de Natal com seu pai, mas não conseguia nunca), dá para aproveitar tudo e curtir de montão com a criançada.

CASA DE BRINQUEDOS (Toquinho) – Toda a magia da infância nas letras de Toquinho. “O Caderno”, com Chico Buarque, serve para lembrar os tempos de escola e chorar.

CANÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA (Toquinho e Elifas Andreato) – Todos os princípios dos Direitos da Criança nos versos de Toquinho e Elifas Andreato. Mas o todo da obra vale a pena, com ressalvas ao cantor.

Referência Bibliográfica

FWLER, James W. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

As tradições religiosas e espirituais são transmitidas de uma geração para outra através de celebrações, festas, cultos e rituais. A participação em momentos de fé de um determinado grupo propicia aprendizagens e vivências sobre os modos de as pessoas manifestarem suas crenças. As celebrações costumam fazer parte da vida e da formação de cada pessoa ou grupo social.

- Registre suas lembranças sobre momentos de fé e celebração em sua vida e de sua família. Fotografias, convites de casamento, registros de batismo, pensamentos ou poemas, orações são recordações importantes de nossas vidas. As efemérides religiosas, como Natal, Dia de Iemanjá, etc., também podem compor o seu painel.
- Um teste para os seus talentos de reconciliação. Dê nota de 1 a 10 para cada aspecto e some os resultados, tendo como critério seus parâmetros pessoais.

Capacidade de pedir desculpas quando erra.

Capacidade de perdoar e dar nova oportunidade a quem erra.

Boa vontade para entender quem pensa diferente.

Abertura para corrigir seus erros assim que os percebe.

Resistência à tentação de espalhar fofocas e falar mal do próximo.

Consideração pelos sentimentos dos outros.

Cuidado com o que fala para não ofender as pessoas.

Superação de ressentimentos.

Ausência de preconceitos.

Total:

Comente seu escore, destacando:

- os aspectos em que você ainda pode melhorar;
- as contribuições que emanam de cada um para o fortalecimento de uma cultura de paz entre as pessoas.

• Relato de Experiência

Uma professora, preocupada com a omissão do sentido religioso da Páscoa em sua escola e com a excessiva valorização da troca de chocolates, resolveu propor a seus alunos e colegas uma Festa de Páscoa com a participação dos líderes religiosos da comunidade. Todos ficaram muito empolgados com a ideia: crianças, professores e famílias. Havia três religiões representadas na comunidade: a evangélica, a católica e a umbanda.

As crianças prepararam os convites para o padre, o pastor e o pai de santo e, em comitivas, procederam a entrega.

No pátio da escola, foi organizada uma grande mesa com toalha branca para receber aquelas pessoas muito queridas, que dedicavam seu tempo evangelizando pessoas e transmitindo paz.

A cada um dos representantes religiosos foi solicitado que falassem sobre o sentido religioso da Páscoa em suas religiões. Cada um trouxe informações sobre as origens e a história da efeméride, assim como mensagens de fraternidade e solidariedade entre as pessoas.

As crianças e seus familiares sentiram-se honrados e orgulhosos com a presença dos religiosos, que para finalizar o colóquio convidaram todos para orar.

Foi um dia muito emocionante na escola para todos que participaram, alunos, professores, familiares e representantes religiosos. Os chocolates não foram esquecidos, também fizeram parte da festa, mas não foram, com certeza, o mais importante.

- Tente fazer algo parecido em sua comunidade, registre com desenhos, depoimentos, etc.

Muitos temas podem ser conversados com as crianças, como: o que é orar, a importância de fazer o bem, os símbolos das religiões, entre outros.



Van Gogh - Igreja de Auviers, 1890





ilosofia e Infância

Rosana Fernandes

*A mim a criança
ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar
para as coisas.
Aponta-me para todas as coisas
que há nas flores.
Mostra-me como as pedras
são engraçadas
quando a gente as tem na mão
e olha devagar para elas.
A Criança Eterna
acompanha-me sempre.
A direção de meu olhar é o
seu dedo apontando.
O meu ouvido atento
alegremente a todos os sons*

*são as cócegas que ela me faz
brincando nas orelhas.
Ela dorme dentro da minha alma
e às vezes acorda de noite
e brinca com os meus sonhos.
Vira uns de perna para o ar
Põe uns em cima dos outros
e bate palmas sozinha
sorrindo para o meu sono...
A Criança Nova que habita onde vivo
dá-me uma mão a mim
e a outra a tudo que existe
e assim vamos os três pelo caminho
que houver,
saltando e cantando e rindo
e gozando o nosso segredo comum
que é o de saber por toda a parte
que não há mistério no mundo
e que tudo vale a pena.*

Alberto Caeiro



Ilustração: Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Osni Calvi

“Quando eu tiver uma semente de feijão, vou plantar no meu canteiro.

A outra acabou de engolir a sua colherada, passou o guardanapo na boca e replicou:

— Feijão não tem semente. A semente é ele mesmo.

A pequenina não entendeu e tornou:

— Então, como é que ele pode nascer sem semente?

A outra, depois de pensar um pouco, explicou:

— Eu acho que é mesmo a terra que, um dia, vira feijão.

— Mas sem ter havido nenhuma semente antes?

— É, mesmo sem ter havido. Ela vai se juntando, juntando, juntando, e fica assim num grão...

E procurou, pelo prato, para ver se encontrava mais algum.

A menorzinha não se conformou muito com essa transformação abstrata.

Foi tomando a sopa e pensando.

Depois de um pedaço de silêncio, reatou a conversa.

— Olha, também pode ser assim: um homem faz uma bolinha pequenina, pequenininha de massa... Depois, pinta por cima. Fica o primeiro feijão. E depois, os outros nascem...

A outra menina perguntou imediatamente:

— E com que é que ele faz a massa?

A pequenina pensou um pouco e depois resolveu:

— Pode ser com batata.

— Mas batata não é feijão. — concluiu a outra.

Aproximei-me com precaução para ouvir mais. As duas, porém, perceberam talvez que estavam sendo surpreendidas no seu pensamento e com esse horror que as crianças merecidamente votam aos adultos — e pensando, decerto, que eu sou como os outros todos — começaram a beliscar um pedacinho de pão.

Cecília Meireles — Crônicas de Educação

O movimento e a criação, por meio do pensar presente nessa conversa, remontam a uma inquietude, a uma formulação de questionamentos e a uma constituição de problemas que apontam para a característica central da filosofia. O que Cecília Meireles apresentou foi justamente duas amigas atuando sobre um questionamento preñado de sentido, desconfiando e enfrentando uma o pensamento da outra, encarnando, assim, uma amizade que se faz “condição para pensar”.

As crianças, freqüentemente, fazem perguntas que tiram o chão de qualquer educador. Colocam em questão o que é evidente para a maioria dos adultos e desconstróem saberes já consolidados. Será que, ao fazerem esses questionamentos, as crianças estão filosofando? O que será que um professor pode fazer com essas questões? Respondê-las? Responder parece ser apenas umas das inúmeras possibilidades de ação mediante tais perguntas.



A filosofia está intimamente ligada a questionamentos e à construção de problemas. Partir das questões colocadas pelas crianças faz com que o pensamento, tanto delas como o dos professores, se exercite e se prolifere.

Eis aí uma boa alternativa de seguimento a tais questionamentos. Pode-se, ainda, aprofundá-los e complexificá-los com outras questões e outros apontamentos, constituindo, pouco a pouco, problemas filosóficos junto com os alunos. E esse “junto com” tem bastante relevância, pois indica encontro e construção conjunta. E o *com* é a qual de bastante relevância, pois indica encontro e construção conjunta. A participação e o

envolvimento discente, na composição e compreensão dos problemas, produzem sentido e afastam a aprendizagem da reprodução e da mera assimilação, aproximando-se da criação.

Certamente, com esse exercício do pensar, várias habilidades cognitivas serão desenvolvidas, como, por exemplo, a argumentação, o raciocínio hipotético e a interpretação. Mas esse não é o objetivo principal da filosofia, isso vem mais como consequência. O que aparece de interessante nessa proposta é a capacidade de pensar, diferentemente do que se vinha pensando, é a criação de outros pensares. Ao se problematizar, coloca-se em movimento o saber e se produz o novo.



Foto: Sebastião Barbosa



Entretanto, o que o educador pode fazer para tentar propiciar esse pensar? Em princípio, qualquer atividade ou material que possa aguçar e possibilitar o pensar pode ser utilizado para instigar os alunos. Livros de literatura infantil, músicas, textos de filósofos, fotos e filmes são apenas alguns exemplos dos materiais que estão sendo utilizados com sucesso nas aulas de filosofia. Assim como amizade, fome, guerra, morte e família são exemplos de temas refletidos filosoficamente, ou seja, problematizados e permanentemente repensados.

No caso da história relatada por Cecília Meireles, um professor poderia, por exemplo, fazer a experiência da germinação do feijão em algodões molhados com o intuito de provocar e incitar o pensamento daquelas duas crianças. Observe, ainda, que nesse caso as perguntas que ambas faziam inquietavam e exigiam coerência mútua. No decorrer do diálogo entre elas, as interferências que uma fazia no pensamento da outra foram fundamentais para o desenvolvimento intelectual das mesmas.

Da mesma forma, algumas perguntas mais gerais podem auxiliar os educadores a fazerem interferências desse tipo, por exemplo: “Que relação se pode fazer entre o que você e o fulano falou?”. “Dê exemplos do que você acabou de falar”. “Diga de outra maneira o que você

acabou de dizer”. “Argumente”. “Justifique”. “O que faz você pensar desse modo?”. “Alguém pensa diferente de fulano?”. “Alguém tem outra hipótese para essa questão?”, etc.

No entanto, é essencial que a escuta docente esteja dotada de uma atenção e de um cuidado bastante acentuados, de modo a transformar uma simples pergunta em uma problematização mais criteriosa. Assim, num movimento duplo, alunos e educadores procuram se despojar das respostas previamente elaboradas e inquietam mutuamente seus pensares.

A filosofia, enquanto problematização, leva à produção de novos sentidos, modificando a compreensão que se tem de si mesmo e do mundo. Indica, portanto, um não-saber em tensão constante com o saber, em trânsito permanente de um para o outro, impedindo, assim, a cristalização de algum suposto saber. Logo, tratar de filosofia nos centros infantis não se refere à transmissão de conteúdos fixos e pré-determinados nem à reprodução de doutrinas filosóficas, mas sim a um exercício contínuo do próprio pensar, do próprio filosofar.



“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.”

Rubem Alves — A alegria de ensinar

SUGESTÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICO-FILOSÓFICOS

Literatura Infantil

DRUCE, Arden. *Bruxa, bruxa, venha a minha festa*. Editora Brinque-Book. (O belo, o feio e algo mais.)

FETH, Monika. *O Pintor, a Cidade e o Mar*. Editora Brinque-Book. (Sonhos, projetos pessoais e valores.)

FETH, Monika. *O Catador de Pensamentos*. Editora Brinque-Book. (Um senhor que catava pensamentos indiscriminadamente e os plantava.)

FURNARI, Eva. *Nós*. Global Editora e Distribuidora LTDA. (A diferença e o preconceito.)

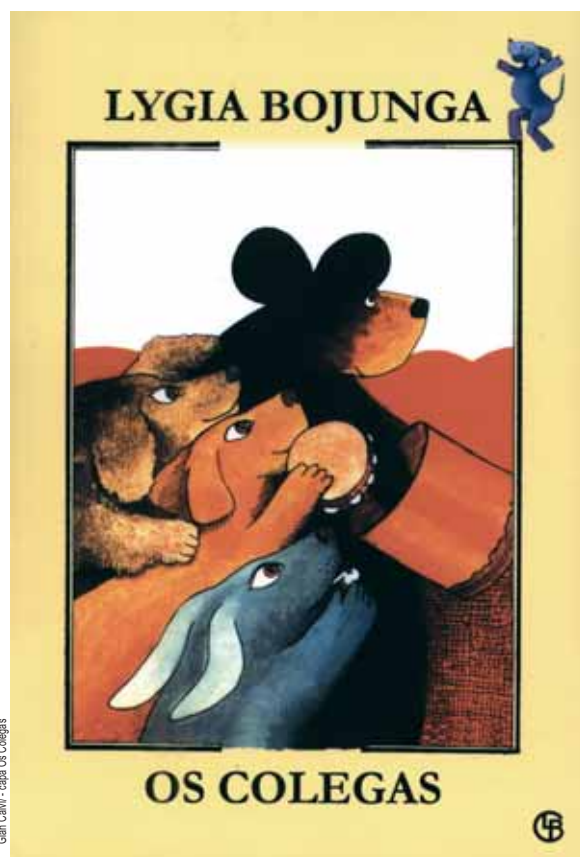
MASUR, Jandira. *Porquês*. Editora Ática. (A história de uma menina que fazia muitas perguntas. Uma história de muita curiosidade.)

MELLO, Roger. *A pipa*. Editora Paulinas. (Uma pipa pequena e simples voando junto com uma grande pipa. Uma história de poder, competição e outras saídas.)

ORTHOF, Sylvia. *Maria-vai-com-as-outras*. Editora Ática. (O que será que acontece com quem é “maria-vai-com-as-outras”? Esse livro retrata a vida de quem não pensa com a própria cabeça e segue os passos de outros sem uma avaliação própria do que seria melhor.)

QUINO. *Toda a Mafalda*. Martins Fontes Editores. (Mafalda, uma menina politizada e questionadora está presente em várias tirinhas – histórias em quadrinhos – fazendo perguntas e exercitando o pensar.)

REGINO, Maria. *É duro ser criança*. Editora Harbra. Coleção Cogumelo. (O mundo da criança, o mundo adulto e suas controvérsias.)



SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *O Pequeno Príncipe*. Editora Agir. (As aventuras e os ensinamentos de um príncipe de outro planeta que viaja pelo universo.)

SARDI, Sérgio Augusto. *Ula*. WS Editor. (A história de uma menina, chamada Ula, questionadora e observadora, que coloca em questão desde o simples presente no dia-a-dia ao complexo.)

ZATZ, Sílvia. *O Clube dos Contrários*. Editora Companhia das Letrinhas. (História de uma criança que brinca e reinventa o mundo.)

ZIRALDO, Zélio. *A Bela Borboleta*. Editora Melhoramentos. (A vida presente nos livros. A liberdade que ganham seus personagens cada vez que alguém lê algum livro.)

SORDI, Rose. *Mariana do Contra*. Editora Moderna. (A história de uma menina que estava sempre do lado oposto, desejando e pensando o contrário do que havia.)

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A fada que tinha idéias*. Editora Ática. (Nesse livro, há diversas histórias de uma fada que tinha muitas idéias criativas.)

PARA SABER MAIS SOBRE FILOSOFIA COM CRIANÇAS

Sugestões de Leitura

KOHAN, Walter Omar; VAKSMAN, Vera (orgs.). *Filosofia para crianças – na prática escolar*. Série Filosofia e Crianças, volume II. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLO, Silvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (orgs.). *Filosofia do ensino de Filosofia*. Série Filosofia e Crianças, volume VII. Petrópolis: Vozes, 2003.

DANIEL, Marie-France. *A Filosofia e as crianças*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000.

Referência Bibliográfica

DELEUZE, Gilles. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

-. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; DUHME, Jacqueline. *L'oiseau philosophie*. França: Seuil, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Biblioteca Nacional, 2001.



Atividades de Estudo e Aprofundamento

Maria Helena Lopes

Os Porquês

Os “porquês” das crianças que buscam apenas informação não têm uma dimensão filosófica. A reflexão passa a ter esse nível quando o questionamento é fruto de um estranhamento diante de um evento conhecido, uma inquietação que brota do interior da criança. Em relação à pergunta “quem sou eu?”, a criança pode estar com a preocupação de saber dados de identidade e é óbvio que não está filosofando. Mas essa

pergunta pode estar impregnada da busca de um conhecimento que vai muito além do que é socialmente conhecido. Quem sou eu? De onde vim? Qual a minha origem? Mas os dados de identificação, as características físicas, a explicação de fecundação não serão suficientes para tranquilizá-la. A questão envolve o mistério da vida ou da morte que ainda não desvendamos. As questões filosóficas não são pontuais, isto é, as respostas obtidas levam à formulação de novas perguntas, formando um campo amplo de investigação e avanço de hipóteses.

Graciema Beccon Nerva



Foto: Viana Wei / Pêlo



- Relacione o texto ao lado com a conversa entre duas crianças relatada por Cecília Meireles.

- Uma das competências mais necessárias do educador infantil é a capacidade de ver e ouvir as crianças, de observá-las incessantemente. Procure detectar diálogos entre crianças que elucidem o filosofar infantil.

- Escolha um dos títulos de literatura infantil sugeridos no texto. Conte a história a seus alunos e relate como foram os comentários e perguntas das crianças, relacionando-as com o filosofar infantil.

- Com os seus colegas e o coordenador técnico de sua Mesa Educadora, escolha um dos filmes sugeridos e combinem a data para assisti-lo. Após construam um texto destacando as idéias/reflexões filosóficas do filme:

O Mágico de Oz.
O homem bicentenário.
Fernão Capelo gaivota.
O Pequeno Príncipe.
FormiguinhaZ.
Vida de inseto.
Em busca do vale encantado.

Sugestão de Leitura

O Pequeno Príncipe
Autor: Antoine de Saint-Exupéry
Editora Agir





Foto: Sebastião Barbosa



Nota sobre os Autores

1º Texto – Corpo e movimento ou como transformar pulgas em bichos-preguiça

DULCE CORNETET DOS SANTOS

Licenciada em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS. Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS. Professora do Centro Universitário FEEVALE, atuando nos cursos de Educação Física, Pedagogia, Normal Superior e Psicopedagogia.

2º Texto – Expressão Artística

ELIZABETH AMORIM

Mestre em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos / UNISINOS. Psicopedagoga clínica, diretora e coordenadora pedagógica do Centro Infantil Recreio da Criança desde 1977.

3º Texto – Conta uma história, só mais uma, tá?

ANA MARIA DISCHINGER MARSHAL

Especialista em Literatura Infanto-Juvenil pela PUC-RS; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora de Literatura Infantil e aposentada pela Rede Municipal de Ensino, na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, após 30 anos de regência de classes de pré-escola.

4º Texto – Escreve meu nome?

JANICE IZABEL DE OLIVEIRA

Licenciada em Pedagogia – Habilitação Magistério e Pré-Escola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professora da rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Professora da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar.

5º Texto – Natureza, cultura, sociedade e suas transformações

CLEONICE DE CARVALHO SILVA

Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário La Salle. Coordenadora do Projeto de Educação Ambiental Construindo Conceitos e Valores a partir do Atlas Ambiental de Hannover-Alemanha em 2000. Vencedora do Prêmio Professor Nota 10, em 2001, da Fundação Victor Civita – Revista Nova Escola.

6º Texto – As florestas, os rios, os mares, eu e os animais

MARIA HELENA LOPES

Mestre em Educação, na área de Aconselhamento Psicopedagógico, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Preside a OMEP/BR/RS/Porto Alegre e ocupa a vice-presidência da OMEP/Brasil.

7º Texto – Culturas locais e regionais: valores, mitos, lendas e crenças

MARISE CAMPOS

Especialista em Tecnologia Educacional, na área de Televisão Educativa, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É assessora técnica da presidência da OMEP/BR/RS/Porto Alegre e da OMEP Brasil.

8º Texto – Mas o que é ciência mesmo?

MARIA HELENA LOPES

Mestre em Educação, na área de Aconselhamento Psicopedagógico, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Preside a OMEP/BR/RS/Porto Alegre e ocupa a vice-presidência da OMEP/Brasil.



9º Texto – Matemática, aritmética, descobertas...**JANICE IZABEL DE OLIVEIRA**

Licenciada em Pedagogia – Habilitação Magistério para Pré-Escola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professora da rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Professora da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar.

10º Texto – A religiosidade e a espiritualidade na educação infantil**RENATO FERREIRA MACHADO**

Especialista em Orientação Educacional. Estudante de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul desde 2001. Membro da Equipe de Ensino Religioso da Associação de Educação Católica do Rio Grande do Sul. Assessora vários eventos e estudos sobre o Ensino Religioso, com ênfase na Educação Infantil e Séries Iniciais.

11º Texto – Filosofia e Infância**ROSANA APARECIDA FERNANDES**

Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade de Brasília. Mestranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza cursos sobre Filosofia com crianças em diversas instituições da rede pública e particular do Rio Grande do Sul.



Ilustração: OMIEP / RS

